



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

BÁRBARA BEZERRA DE BARROS MELO

**A CASA: OS SENTIDOS DE HABITAR PARA MULHERES MORADORAS DO
CONJUNTO HABITACIONAL NOVA CAIÇARA /SOBRAL-CEARÁ**

FORTALEZA

2019

BÁRBARA BEZERRA DE BARROS MELO

A CASA: OS SENTIDOS DE HABITAR PARA MULHERES MORADORAS DO
CONJUNTO HABITACIONAL NOVA CAIÇARA /SOBRAL-CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social. Vulnerabilidades sociais e processos psicossociais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Zulmira Aures Cruz Bomfim

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M485c Melo, Bárbara Bezerra de Barros.
A casa: os sentidos de habitar para mulheres moradoras do Conjunto Habitacional Nova Caiçara/Sobral-
Ceará / Bárbara Bezerra de Barros Melo. – 2019.
142 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em História, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Zulmira Aurea Cruz Bomfim.
1. Política de Habitação. 2. Mulher. 3. Casa. 4. Afetividade. I. Título.

CDD 900

BÁRBARA BEZERRA DE BARROS MELO

A CASA: OS SENTIDOS DE HABITAR PARA MULHERES MORADORAS DO
CONJUNTO HABITACIONAL NOVA CAIÇARA /SOBRAL-CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social. Vulnerabilidades sociais e processos psicossociais.

Aprovada em: 29/05/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Profª. Dra. Karla Patrícia Martins Ferreira
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Para Tito e Moreno
que me fizeram casa.
E para todas as mulheres
que pude ser, estar
e ficar como casa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todas as mulheres do Residencial Nova Caiçara que pude abraçar, conversar e estar por pequenos instantes em suas casas. À vocês todo meu respeito.

A todas as mulheres da minha família, em especial minha avó Elsie e minha mãe Rossana que me ensinaram com muito amor o que é ter um ninho.

As minhas grandes e melhores amigas que me acolhem com muita amorosidade naquilo que eu sou, permitindo que meus sonhos e memórias sejam ouvidos. E que honra poder fazer o mesmo!

Ao meu companheiro Alex, que me ajuda na maior missão que eu poderia ter: Ser Casa. Com você minha Casa é muito mais bonita. Agradeço a você pela paciência e cuidado com o que é sagrado para mim.

Aos membros do LOCUS que compartilharam saberes e compreensões sobre a humanidade

A minha orientadora Zulmira Bomfim que se disponibilizou a ouvir minhas questões e inclinações sobre a relação afetiva com a casa.

Aos membros da banca que com a presença e contribuição amorosa me permitiu aprimorar meu olhar sobre a temática desta pesquisa.

Aos profissionais da Secretaria de Direitos Humanos, Habitação e Assistência Social da prefeitura de Sobral, em especial à assistente social Patrícia.

RESUMO

A presente dissertação trata da Política da Habitação do Programa Federal Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), considerando aspectos epistemológicos e ontológicos e as especificidades psicossociais sobre o lugar da mulher como sujeito beneficiário deste programa. Tais problematizações são realizadas a partir dos campos da Psicologia Social, Comunitária e Ambiental e também da Filosofia. Ao longo do trabalho, apresenta-se o histórico e o percurso de conquista do direito à moradia, assim como o surgimento dos conjuntos habitacionais, suas dimensões sociais, históricas e culturais no Brasil. Posteriormente, são aprofundadas questões fundamentais sobre habitar a casa e sua importância na construção da subjetividade dos sujeitos, considerando dimensões concretas, simbólicas, afetivas, psicológicas e sociais. Objetivou-se compreender os sentidos de habitar a casa para mulheres moradoras do Conjunto Habitacional Nova Caiçara, localizado no município de Sobral, no estado do Ceará – Brasil. A metodologia desta pesquisa teve como base qualitativa e foi do tipo exploratória. Na construção do *corpus* empírico, foram utilizados mapas afetivos, diários de campo e Roda de Conversa com as moradoras. A aplicação dos instrumentos ocorreu individualmente e, posteriormente, aconteceu a Roda de conversa, totalizando, assim, duas etapas. Os sujeitos participantes foram 12 mulheres, chefes de famílias, moradoras do conjunto habitacional. Nos achados da pesquisa apresentou-se duas categorias que revelou o apego ao lugar, denominadas de *Agradabilidade* e *Contraste* – encontramos, ainda, traços que indicaram a categoria *Pertencimento*. A partir dos resultados, compreende-se que a relação com a casa é fruto de uma necessidade associada a ter um lugar e, por isso, se encontra de forma evidente nos achados da pesquisa como sendo um sonho realizado. Embora a relação afetiva com a casa seja potencializadora, percebe-se que os conteúdos sobre a alienação, a apropriação e o sofrimento ético-político se destacaram nessa relação. O estudo explicita, ainda, a relação da mulher com a casa, a partir da discussão feminista do lugar da mulher na sociedade, articulada ao conceito de lugar de fala.

Palavras-Chave: Política de Habitação; Mulher; Casa; Afetividade.

ABSTRACT

This dissertation deals with the Housing Policy of the Federal My Home, My Life (PMCMV) Program, considering epistemological and ontological aspects and the psychosocial specificities of the place of women as beneficiary of this program. Such problematizations are carried out from the fields of Social, Community and Environmental Psychology and also from Philosophy. Throughout the work, we present the history and the path of conquest of the right to housing, as well as the emergence of housing complexes, their social, historical and cultural dimensions in Brazil. Subsequently, fundamental questions about dwelling the house and its importance in the construction of subjects' subjectivity, considering concrete, symbolic, affective, psychological and social dimensions, are deepened. The purpose of this study was to understand the meanings of housing for women living in the Housing Complex Nova Caiçara, located in the municipality of Sobral, in the state of Ceará - Brazil. The methodology of this research was qualitative and exploratory. In the construction of the empirical corpus, affective maps, field diaries and Roda de Conversa were used with the dwellers. The application of the instruments occurred individually and, later, the Wheel of conversation happened, thus totaling two stages. The subjects were 12 women, heads of families, residents of the housing complex. The findings of the research present two categories that reveal about the attachment to the place, called Pleasure and Contrast - we also find traits that indicate the category Belonging. From the results, it is understood that the relationship with the house is the result of a need to have a place and, therefore, is evident in the findings of the research as a dream come true. Although the affective relationship with the home is potentiating, it can be seen that the contents about alienation, appropriation and ethical-political suffering stand out from this relation. The study also explains the relation of the woman to the house, from the feminist discussion of woman's place in society, articulated to the concept of place of speech.

Keywords: Housing Policy; Woman; House; Affectivity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Fotografia do Residencial Nova Caiçara.....	57
Figura 2-	Mapa com a distância do Nova Caiçara para o centro.....	57
Figura 3-	Imagem aérea do Residencial Nova Caiçara.....	59
Figura 4-	Fotografia da aplicação do IGMA.....	68
Figura 5-	Fotografia da aplicação do IGMA.....	68
Figura 6-	Fotografia das participantes da roda de conversa.....	72
Figura 7-	Fotografia da casa onde aconteceu a roda de conversa.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Relação das entregas e identificação das quadras e blocos.....	60
Tabela 2-	Resumo da população do Residencial Nova Caiçara.....	61
Tabela 3-	Síntese do processo de categorização para elaboração do mapa afetivo.....	74
Tabela 4-	Perguntas e respostas da Roda de Conversa.....	77
Tabela 5-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 1.....	82
Tabela 6-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 2.....	84
Tabela 7-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 3.....	87
Tabela 8-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 4.....	89
Tabela 9-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 5.....	92
Tabela 10-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 6.....	94
Tabela 11-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 7	95
Tabela 12-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 8.....	98
Tabela 13-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 9.....	101
Tabela 14-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 10.....	104
Tabela 15-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 11.....	108
Tabela 16-	Categorização do mapa afetivo da mulher N° 12.....	111
Tabela 17-	Apresentação da Imagem Afetiva e Estima de Lugar.....	116
Tabela 18-	Trabalhos de Dissertação Orientados pelo LÓCUS.....	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEURB	Secretaria de Urbanismo, Patrimônio e Meio Ambiente
PMS	Prefeitura Municipal de Sobral
PTTS	Projeto Técnico do Trabalho Social
PMCMV	Programa Minha Casa, Minha Vida
PNH	Política Nacional de Habitação Ambiental
SNH	Sistema Nacional de Habitação
BNH	Banco Nacional de Habitação
SNHIS	Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social
FNHIS	Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social
IGMA	Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos
LOCUS	Laboratório de Psicologia Ambiental

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	HABITANDO O MUNDO.....	15
2.1	Breve histórico da PNH.....	21
2.2	A Casa como imagem do eu.....	25
2.2.1	<i>A casa e sua história.....</i>	30
2.3	De donas de casa às donas da casa: histórico da posição da mulher na casa e sociedade.....	33
2.3.1	<i>As narrativas femininas do lugar da casa.....</i>	38
3	DIALOGANDO COM AS MATRIZES.....	41
3.1	Trajétória metodológica.....	48
3.2	Territorializando o Nova Caiçara.....	56
3.3	Inserção no campo.....	64
4	DESCOBRINDO OS SENTIDOS DE HABITAR A CASA DO NOVA CAIÇARA.....	73
4.1	Categorização dos Mapas Afetivos.....	79
4.2	Sobre a relação afetiva com a casa.....	115
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
	REFERÊNCIAS.....	123
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	129
	APÊNDICE B - INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS.....	130
	APÊNDICE C - DIÁRIOS DE CAMPO.....	134
	APÊNDICE D - TRABALHOS DE DISSERTAÇÕES ORIENTADOS PELO LÓCUS.....	141

1 INTRODUÇÃO

Iniciar esta pesquisa é retornar e rememorar fatos significativos que me possibilitaram estar aqui, hoje, mobilizada para discutir temas que dialogam com a Psicologia Ambiental, Psicologia Comunitária, Psicologia Social e a Filosofia. Durante minha graduação, desbravei temáticas diversas, que caminharam entre processos educacionais em comunidade indígenas, formação em psicologia comunitária e atuação em extensão sobre mobilidade humana. Esses conteúdos me possibilitaram construir minha atuação como psicóloga.

Ao concluir a graduação, comecei a atuar, como psicóloga, na equipe da coordenação de Habitação da Secretaria de Urbanismo, Patrimônio e Meio Ambiente (SEURB) da Prefeitura Municipal de Sobral/Ceará (PMS). Tal secretaria era responsável pela efetivação das Leis e Diretrizes Nacionais, Estaduais e Municipais das Políticas Públicas de Habitação e Meio Ambiente. Dentre as funções que desempenhava na coordenação, me inseri no processo de execução do Projeto Técnico do Trabalho Social (PTTS) do Residencial Nova Caiçara, conjunto habitacional advindo do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV¹), no qual pude efetivamente vivenciar a práxis da Psicologia Comunitária e da Psicologia Ambiental, áreas as quais já havia iniciado alguns estudos durante a formação acadêmica na graduação.

Com o passar de dois anos de minha atuação em tal política, fui buscando compreender melhor o lugar da psicologia nas políticas públicas de habitação. Pude entender que essas políticas estão atreladas a uma longa história de luta pelo direito à moradia, que, na construção do nosso país, foi devorada e desarticulada pelo modo desigual e vulnerável que foram os planejamentos das cidades brasileiras.

Sabemos que o direito à moradia digna só foi reconhecido e implantado como pressuposto para a dignidade da pessoa humana em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. No Brasil, esse direito só foi consolidado juridicamente por meio da Constituição Federal de 1988, pelo advento da Emenda Constitucional nº 26/00, em seu artigo 6º:

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988).

¹ Detalho mais à frente sobre o Programa Nacional Minha Casa, Minha Vida (PMCMV).

Portanto, na atual Constituição, se compreende o direito à moradia como direito social, que se expressa nas relações humanas. Esse direito se pauta na política de desenvolvimento urbano, regulada pelo Estatuto da Cidade, cujo objetivo é ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e deve ser executado pelo Poder Público municipal. Nesse sentido, trabalhar a partir da política pública de habitação no município de Sobral foi experienciar como esse município compreende e luta pelo direito à moradia.

Nesse percurso, enfrentei diversos desafios. Entre eles, vale destacar as problemáticas vivenciadas pelos beneficiários da política: logo percebi que não se trata apenas de adquirir uma casa, enquanto estrutura física, que há outras implicações complexas, relativas à mudança de bairro, ao afastamento de seus conhecidos, à nova escola dos filhos, à construção de novas dinâmicas com a vizinhança, entre tantas outras questões que dizem respeito a aspectos intra e intersubjetivos. Profissionais e beneficiários sabem da necessidade de uma casa para esses últimos, mas, ao receberem um imóvel advindo da política de Habitação, tem-se uma gama de desafios. A conquista da própria casa traz consigo a necessidade de também alcançar uma série de outras conquistas, algo que parecia não estar claro para aqueles sujeitos, pelo menos *a priori*.

Comecei a compreender a necessidade de ampliação da temática da habitação muito além de uma questão de sobrevivência, ou mesmo de Direitos Humanos e Constitucionais. Passei a entender a necessidade da moradia como um possível ponto de partida para olhar os sujeitos, pois beneficiá-los com um elemento social de sobrevivência, a casa, era só o começo para visibilizar as possíveis vulnerabilidades psicossociais por eles vivenciadas.

O recorte desta pesquisa se inicia no Programa Nacional Minha Casa, Minha Vida - PMCMV, pois foi a partir dele que se construiu o Residencial Nova Caiçara, onde foi desenvolvido o estudo. O PMCMV tem o objetivo de propiciar acesso à casa própria às famílias de baixa renda e tem como diretriz a prioridade de atendimento para mulheres mães de família. Assim, abre-se aí, como conteúdo teórico e vivencial, a necessidade de olhar para essas populações e, em específico, para essas mulheres.

Enxergo a temática da política de habitação e do direito à moradia como atrelada à discussão da relação pessoa-lugar. Nossa construção subjetiva é fundamentada, entre outros aspectos, na questão ambiental, nas memórias dos lugares significativos da nossa vida – tema que é estudado pela Psicologia Ambiental. Portanto, ao ampliar a compreensão da nossa existência como também uma experiência ambiental, pautada na relação das pessoas com os seus lugares, passamos a caminhar no entendimento de que o processo de

apropriação do espaço e a significação dos lugares são cruciais para a compreensão do mecanismo de construção da subjetividade.

Nesse sentido, trago como perguntas de partida para minha pesquisa: como as pessoas moradoras do Conjunto Habitacional Residencial Nova Caiçara, em especial as mulheres, constroem sentidos e afetos pela sua nova casa conquistada pela política de habitação? Quais sentidos estão sendo construídos na experiência de habitar essas casas?

Entre as diversas formas que podemos compreender o lugar, o espaço e a habitação, encontrei, em consonância com os referenciais desta pesquisa, o conceito de *habitar*, para discutir como determinados espaços constroem a subjetividade, compreendo, assim, o lugar como uma dimensão ontológica, como constitutivo do próprio ser e suas possibilidades de expressão. Não é novidade dizer que a ausência de uma casa ou um lar prejudicam a relação e a constituição dos sujeitos, já que a apropriação do espaço, a vinculação e a identidade de lugar são constitutivos para a subjetividade. Porém, estes prejuízos podem ser entendidos também no campo existencial, em que o sujeito sem uma casa, ou em outras situações que deslegitimam uma moradia, construindo assim determinados significados para sua subjetividade.

Visando compreender a problemática apontada, adota-se como fundamento teórico as produções dos campos da Psicologia Social e Comunitária, da Psicologia Ambiental e da Filosofia, empreendendo uma leitura sobre como os conjuntos habitacionais foram construídos no Brasil e como as mulheres de baixa renda vivenciam a moradia nesses modelos habitacionais.

O objetivo geral da minha pesquisa foi compreender os sentidos de habitar a casa para mulheres do Conjunto Habitacional Nova Caiçara/Sobral-Ceará, no contexto das políticas públicas de Habitação do Programa Minha Casa, Minha Vida. Como ramificações desse objetivo geral, tenho como objetivos específicos: investigar a relação casa-comunidade para as mulheres moradoras do Nova Caiçara; identificar propostas para um eixo de orientação das Políticas de Habitação que inclua as mulheres como mediadoras de um processo de emancipação ético-político.

Sigo este estudo, no capítulo 2, contextualizando os temas do direito à moradia e da política de Habitação no cenário brasileiro. Em seguida, no mesmo capítulo, introduzo compreensões da filosofia e psicologia sobre a relação das pessoas com os lugares e, em especial, com a casa e finalizo com a discussão sobre o lugar da mulher na história da casa. No capítulo 3, apresento os suportes epistemológicos e metodológicos para a construção deste estudo, explicando quais foram os instrumentos e procedimentos utilizados, qual o

cenário da pesquisa e como foi feita a análise dos dados. No capítulo 4, apresento e discuto os resultados da análise dos dados, em consonância com os objetivos da pesquisa. Por fim, no capítulo 5, aponto algumas considerações finais acerca do trabalho de dissertação.

2 HABITANDO O MUNDO

Para compreender as discussões propostas neste trabalho, é importante refletirmos sobre habitar o mundo. O modo como nos presentificamos nas cidades, sobre os direitos à moradia e os resultados das políticas de habitação é dar a devida importância a essa temática, que é central nesta pesquisa.

Para compreendermos melhor a questão da habitação no Brasil se faz importante, também rememorarmos alguns processos históricos. Consideramos que o modelo de habitação e organização social encontrado aqui, entre os povos originários, que entrou em choque com o modo de ser português, que organizou como uma ocupação em torno de um empreendimento mercantil, exploratório, privatista e patriarcal no período de colonização brasileiro.

Segundo Prado (1979), o território brasileiro foi povoado tendo como objetivos principais o abastecimento do Mercado Europeu com produtos tropicais e a exploração de metais preciosos e de diamantes, estabelecendo-se, assim, uma relação fundamentalmente econômica de exploração dos recursos naturais em benefício da corte portuguesa e dos portugueses que vieram habitar o Brasil, construir bens para si e para suas famílias. Dessa forma,

Os portugueses que vieram para o Brasil vieram como empresários e dirigentes do negócio, incorporando, inicialmente o trabalho indígena e, suprimindo a deficiência qualitativa e quantitativa dessa mão-de-obra por escravos trazidos da África (PRADO, 1979, p. 48).

Percebe-se que a ocupação territorial brasileira foi construída a partir de uma dialética de opressão e estruturada a partir de um modelo de construção de propriedade privada e de acumulação de capitais por uma parte da sociedade que se formava. Nunca foi dada importância central ao bem-estar e à qualidade de vida dos moradores nativos do país que viria a ser o Brasil, muito pelo contrário, o objetivo era explorar sua mão de obra e tomar-lhes suas terras e riquezas.

Dentro desse construto social, foi organizada uma ocupação territorial baseada na posse das terras, realizada por meio de doação de sesmarias, nas quais os portugueses recebiam concessões de terras para exploração de riquezas e destinavam um percentual de arrecadação para a coroa. Segundo Faoro (2000), funcionou desso modo até julho de 1822, quando um decreto do Príncipe Regente pôs fim ao regime de sesmarias. Até esse momento, apenas uma pequena parcela do território havia sido apropriada, restando,

portanto, uma vasta quantidade de terras devolutas. A falta de legislação propiciou a ocupação dessas terras por quem já tinha posse de outras terras, multiplicando e ampliando, assim, os latifúndios. Essa ocupação não se deu apenas para fins produtivos, ela representava, também, o aumento do prestígio e do poder econômico de seus proprietários. Já a população nativa e mão de obra trabalhadora não tinham direito à posse, iniciando, assim, o processo de desigualdade e injustiça social brasileira.

De acordo com Faoro (2000), a primeira legislação agrária do Brasil só veio em 1850 (Lei nº 601 de 18 de agosto de 1850), em uma tentativa do poder público de retomar o controle das terras devolutas e refrear sua ocupação. Essa lei permitia ao governo a venda de terras devolutas, mas, para tanto, era necessário demarcá-las, o que significava separar terras privadas de terras públicas.

Essa condição ainda facilitava a manipulação das elites agrárias sobre o campesinato, que estava na condição meramente de dependência, tendo seus direitos anulados por aqueles que condicionavam o poder econômico sob seus interesses (FAORO, 2000, p. 33).

Nesse sentido a organização da moradia nos centros rurais regidos pelos grandes latifundiários teve o modelo da “Casa grande e senzala”, como nos coloca Freyre (2003). Representou, assim, todo um sistema econômico, social e político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo); de religião; de família (o patriarcalismo) e de política (o compadrismo). Ainda segundo Freyre, esse modelo tinha a casa grande como centro das discussões políticas e habitação da burguesia ascendente, ficando a moradia dos escravos atrelada às senzalas, que eram casas construídas em torno das propriedades centrais para garantir a mão de obra trabalhadora para servir a casa grande. Esse tipo de ocupação se refletiu no surgimento das cidades. Os centros urbanos mantiveram a mesma organização espacial, tendo como centro o local de comércio e moradias das grandes famílias ricas, enquanto as casas da mão de obra trabalhadora deveriam ser ocupadas no entorno dessas cidades, longe dos olhos da burguesia ascendente.

A estrutura de poder criada, nessa sociedade, impedia a participação das camadas pobres nas esferas de decisão política. Por serem pobres, esses camponeses estavam excluídos de toda e qualquer participação na estrutura. Nesse interim, como nos mostra Prado (1979), em 1851, ocorre o fim do tráfico de escravos e, em 1888, a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, marca a libertação dos escravos. Esses dois fatos foram

responsáveis pela substituição do trabalho escravos por trabalhadores livres, oriundos de países como Japão, Itália, Alemanha, entre outros. Por ocasião da Lei Áurea, a produção de café, na região sudeste, estava no seu auge e já havia formado uma burguesia que requeria maior participação política.

De acordo com Prado (1979), a proclamação da república veio em 1889 e, com ela, as terras devolutas passaram ao domínio dos estados, facilitando ainda mais aos latifundiários a ampliarem suas áreas. O período da República Velha, que foi de 1889 a 1930, foi dominado pela oligarquia cafeeira que comandava a vida econômica e política do país. Nesse período, grandes áreas de terra foram incorporadas ao processo produtivo associado ao trabalho livre; aumentou-se, também, o número de propriedades e de proprietários em relação às décadas anteriores, mas a estrutura fundiária permaneceu inalterada.

A revolução de 1930 colocou fim à República Velha, derrubando a oligarquia cafeeira e implantando a ditadura da Era Vargas, que durou 15 anos. Foi durante esse período que se deu o impulso à industrialização e à urbanização do país.

Portanto, no final do século XIX, uma conjunção de acontecimentos influenciaram decisivamente a ampliação e a formação dos espaços urbanos no país. O fim da escravidão fez com que milhares de negros fossem expulsos do campo e migrassem para a cidade. Concomitantemente, imigrantes europeus chegaram ao Brasil para trabalhar no campo e também no início da era industrial brasileira. (MOTTA, 2014, p. 1).

A partir desse momento, segundo Maricato (2000), o urbano passa a ter maior importância na formação socioeconômica brasileira. Essas transformações estiveram amplamente ligadas ao caráter capitalista dependente que a formação econômica e social brasileira adquiriu, provocando o aumento da população nas cidades, fato que acarretou uma demanda por moradia, transporte e demais serviços urbanos, até então inédita. Porém, não houve um planejamento dessa ocupação urbana, gerando um crescimento desordenado.

De acordo com Santos e Silveira (2001), a partir da modernidade e da globalização, o território brasileiro se torna fluido, as atividades modernas se difundem e a cooperação de empresas se impõe. A organização territorial se configura a partir de uma lógica particularista e mercadológica, gerando a privatização do território, na qual quem ganha sempre é o mais forte. As grandes empresas e indústrias recebem cada vez mais benefícios fiscais e se consolidam como megaempreendimentos capitalistas, ampliando seu já vasto

território, diminuindo espaços ocupáveis pelas pessoas e outros empreendimentos sociais e consolidando a desigualdade social.

Na medida em que essas grandes empresas arrastam, na sua lógica, outras empresas, indústrias, agrícolas e de serviços, e também influenciam fortemente o comportamento do poder público, na união, nos Estados e nos municípios, indicando-lhes formas de ação subordinadas, não será exagero dizer que estamos diante de um verdadeiro comando da vida econômica e social e da dinâmica territorial por um número limitado de empresas. Assim, o território pode ser adjetivado como um território corporativo, do mesmo modo que as cidades também podem ser chamadas de cidades corporativas, já que dentro delas idênticos processos se verificam (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 291).

Percebemos, portanto, uma configuração espacial construída a partir da exploração e manutenção de privilégios. A questão da moradia surge atrelada à desigualdade social e ancorada também numa desigualdade de gênero, uma vez que o modelo em voga era o patriarcal, que excluía as mulheres das decisões. Assim, parcelas significativas da população brasileira, que não tinham condições de ter posses de terras e de construir casas de qualidade, vão aos poucos se instalando nas periferias das grandes cidades, através de ocupações ilegais e precárias.

A urbanização da sociedade brasileira, portanto, vem sendo constituída a partir da contradição de um processo de modernização que, ao mesmo tempo, não consegue superar o modelo hegemônico da economia agroexportadora. Assim, o processo de urbanização recria o atraso a partir de novas formas, como contraponto à dinâmica de modernização, e a economia mantém seu epicentro no setor agrário exportador, até o momento de o Estado começar a investir em infraestrutura para o desenvolvimento industrial visando à substituição de importações. A burguesia industrial, então, assume a hegemonia política na sociedade sem que se verifique uma ruptura com os interesses hegemônicos.

Essa ambiguidade entre ruptura e continuidade, verificada em todos os principais momentos de mudança na sociedade brasileira, marcará também o processo de urbanização com as raízes da sociedade colonial, embora ele ocorra em pleno século XX, quando formalmente o Brasil é uma República independente (MARICATO, 2000, p. 22).

São conservadas, como vimos, muitas das raízes da sociedade patrimonialista e clientelista próprias do Brasil pré-republicano. “A cidade é, em grande parte, reprodução dessa força de trabalho. [...] Essa característica marca decisivamente a produção das cidades” (MARICATO, 2000, p. 32). Dessa forma, a configuração dos espaços territoriais

brasileiros se organizou, e ainda vem se organizando, de acordo com interesses mercadológicos.

Nesse sentido, a segregação socioespacial da população de baixa renda, a gentrificação, o adensamento dos espaços urbanos com a verticalização das cidades, produzidos por ações mediadas pelo interesse do capital, são o reflexo mais claro de um modelo insustentável de desenvolvimento urbano. Alguns estudos (COSTA; PEQUENO; PINHEIRO, 2015) têm demonstrado a preocupação crescente com esse modelo de cidade que não reconhece as pessoas, seus modos de interação e os direitos urbanos deles decorrentes.

Percebemos, então, que o processo de urbanização no Brasil foi realizado sem planejamento apropriado e, assim, contribuiu para a violação dos direitos básicos dos seres humanos. Segundo Grostein (2001), no tocante a sua composição urbanística, o país não vem desenvolvendo um modelo sustentável na maioria dos territórios urbanos, a partir de variáveis como: o modelo de ocupação territorial; o destino e o tratamento de resíduos sólidos; a disponibilidade de recursos para seu funcionamento; o grau de mobilidade da população (eficiência do transporte público); a oferta e o atendimento às necessidades da população por moradia, equipamentos sociais e serviços; e qualidade dos espaços públicos.

Reconhecendo, então, que a questão habitacional tem uma história na construção e perpetuação da desigualdade social brasileira, e que o cenário do Nordeste expressa um relevante número de habitações precarizadas, Maricato (2014) explica que a permanência em moradia precária se consolidou em construções de uma cidade periférica e empobrecida. A partir disso, podemos entender que o direito à moradia ou à cidade passa por questões políticas, sociais e históricas, revelando uma realidade urbana brasileira, a qual, para compreendermos de forma mais concreta, precisamos analisar os modos como nos relacionamos com os espaços, com as comunidades e com a cidade.

O direito à moradia digna só foi reconhecido e implantado como pressuposto para a dignidade da pessoa humana, como já foi dito anteriormente, com a constituição Federal de 1988. Na atual constituição, se compreende o direito à moradia como direito social, que se expressa nas relações humanas. Esse direito se pauta na política de desenvolvimento urbano regulada pelo Estatuto da Cidade, que deve ser executado pelo Poder Público municipal e objetiva ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade.

Porém, no Brasil, milhões de famílias estão excluídas do acesso à moradia digna. A necessidade quantitativa corresponde a 7,2 milhões de novas moradias, das quais 5,5 milhões nas áreas urbanas e 1,7 milhões na área rural. Esse quantitativo reflete tanto a

necessidade de novas moradias quanto a necessidade de readequação de moradias precárias e degradadas (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2018). Visto que a maior carência de moradias se encontra nos centros urbanos, a construção de habitações populares demonstra ter importância fundamental para solucionar esse problema. Contudo, essas habitações são muitas vezes realizadas de maneira descuidada, tanto em relação à qualidade de vida que traz ao morador quanto com o meio-ambiente.

De acordo com os dados do Censo IBGE realizado em 2010 e sistematizados pela Fundação João Pinheiro, o déficit habitacional total do estado do Ceará é de 276.284 famílias ou domicílios. Entre estes, 125.847 se dão na Região Metropolitana de Fortaleza (porcentagem de 45,54% sobre o total do Ceará). [...] A demanda por habitação nas cidades médias e centros regionais consideradas na pesquisa caracterizam 18,94% do déficit do estado, totalizando 52.363 famílias ou domicílios em situação de déficit. [...] Segundo dados da Fundação João Pinheiro (2010), no ano de 2010 o déficit habitacional da cidade de Sobral era de 7.511 domicílios, correspondente a 14,88% do total de domicílios particulares permanentes (DPP) da cidade no mesmo ano.

De acordo com Maricato (2000), apesar de muitas lutas, discussões e debates e até mesmo legislações aprovadas, relativas à reforma agrária, o latifúndio persiste após quatro séculos. Como bem sabemos, e de acordo com a autora, a aplicação da lei no Brasil está diretamente ligada às relações de poder na sociedade - inclusive, remete sobre a “flexibilidade” e o tal “jeitinho brasileiro”, que, segundo ela,

Ajuda a adaptar uma legislação positivista, moldada sempre a partir de modelos estrangeiros, a uma sociedade em que o exercício do poder se ajusta às circunstâncias, e o que antes justificava um Estado forte, pode em seguida justificar seu contrário. É profundo o deslocamento entre a retórica e o real. Nesse contexto, no qual os direitos não são universais e a cidadania é restrita a poucos (MARICATO, 2000, p. 31-32).

Nesse sentido, Maricato resume que esse paradoxo na aplicação da lei assume contornos mais complexos na cidade, uma vez que existe toda uma correlação entre lei (urbanística) e mercado imobiliário capitalista, na qual o financiamento se aplica somente aos imóveis legais. Aí vemos que a dificuldade no financiamento de imóveis populares no país (caso da carta de créditos da Caixa Econômica Federal, em meados dos anos 90) se deve à ilegalidade generalizada desses imóveis, cuja documentação não corresponde às exigências do banco. Há, portanto, uma correlação entre financiamento e imóvel legal, que termina por excluir grande parte da população do acesso aos empréstimos destinados à aquisição ou construção de moradia. Segundo ela,

Para os assentamentos ilegais, em áreas que não interessam ao mercado imobiliário, a fiscalização é precária. Nem mesmo em áreas de proteção ambiental, sobre as quais incidem leis federais, estaduais e municipais, a fiscalização e a aplicação da lei ocorrem com mais rigor do que nas áreas valorizadas pelo mercado (o que não significa que haja o máximo rigor). Existe também, portanto, uma correlação entre mercado e gestão pública urbana. Mas essa relação vai mais longe. O mercado imobiliário visa aos investimentos públicos urbanos. Essa é a causa do investimento que justifica a sofisticação dos lobbies (MARICATO, 2000, p. 14).

Para Maricato (2000), o mercado imobiliário privado legal deixa de fora mais da metade das populações urbanas e, infelizmente, as políticas públicas de habitação ainda não suprem essa imensa demanda. Na ausência de alternativa habitacional regular, a população apela para seus próprios recursos e produz a moradia da forma como consegue. As consequências desse modo de construção irregular são trágicas, causando uma série de malefícios, como enchentes, desmoronamentos, poluição hídrica, epidemias, etc.

Dessa forma, compreendemos que o financiamento imobiliário não impulsionou a democratização do acesso à terra, por meio da instituição da função social da propriedade, que a atividade produtiva imobiliária não resolveu as atividades especulativas e, ainda, que o mercado não se abriu para a maior parte da população que buscava moradia nas cidades – em vez disso, prioriza-se as classes médias e altas, perpetuando a lógica de favorecimentos e desigualdade social imposta desde sempre no Brasil. Segundo o último levantamento, feito em 2015, o déficit habitacional estimado no Brasil corresponde a 6,355 milhões de domicílios, sendo o Sudeste e o Nordeste as regiões mais responsáveis por esse montante. No Nordeste, há um número expressivo de habitações precárias e de pessoas em coabitação familiar (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2018). Esses dados nos mostram um retrato significativo para uma análise das desigualdades e vulnerabilidades sociais no país.

2.1 Breve histórico da PNH

A origem da política de habitação data de 1946 com a denominada Fundação da Casa Popular. No entanto, essa política logo se tornou ineficaz devido ao pequeno investimento e à restrição a alguns estados (BRASIL, 2004). Foi somente em 1964 que se implantou o Banco Nacional de Habitação (BNH), a partir do qual foram construídas algumas concepções sobre a política de habitação.

Maricato (2014) retrata que, durante o período de luta contra o regime Militar, estudos sobre novas interpretações para o urbano na periferia do capitalismo foram direcionando o foco para o campo da moradia precária. Em meados da década de 70, surge

um crescente movimento social reivindicatório de moradia e melhorias urbanas, nascendo, então, um espaço político e social para se pensar mudanças nessa área, o que vai culminar na articulação do Fórum Nacional de Reforma Urbana, em 1987. Nas décadas de 1980 e 1990, foram observados grandes avanços legais na área do direito à cidade e do direito à moradia. A nova Constituição pode ser entendida como um marco legal e político para essas conquistas.

A Constituição de 1988 fomentou um processo de descentralização das esferas políticas, redefinindo competências e atribuindo aos estados e municípios a gestão dos programas sociais, dentre eles, os programas de habitação. Essa estratégia permitiu que as instâncias do estado ou mesmo do município se articulasse com os sistemas de financiamento. Principal exemplo disso foi a construção de casas populares e de conjuntos habitacionais, tais como as Cohabs (AZEVEDO; ANDRADE, 2011).

Dessa forma, a constituição cidadã “incorporou um capítulo sobre política urbana, estruturado em torno da noção da função social da cidade e da propriedade, do reconhecimento dos direitos de posse de milhões de moradores de favelas e periferias das cidades do país e da incorporação direta dos cidadãos aos processos decisórios relacionados a essa política” (ROLNIK, 2015, p. 264). Foi a partir dessas mudanças no cenário político que a compreensão sobre o direito à cidade e, assim, à sua ocupação foi dando espaço para se pensar formas e propostas de habitação. Entretanto, não foi esse o cenário que se apontou nos anos seguintes, com a prática política neoliberal-conservadora regida pelo, então Presidente da República, Fernando Collor de Mello. Nesse período, se percebe uma decaída na agenda da reforma urbana promulgada pela constituição, embora houvesse indícios de que pequenas e significativas mudanças iam sendo construídas a partir das forças de oposição.

Em 2000 houve o reconhecimento constitucional do direito à moradia como direito fundamental e, em 2001, a aprovação do Estatuto da Cidade. No ano de 2013, já no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi criado o Ministério das Cidades, que passa a ser o órgão responsável pela Política de Desenvolvimento Urbano, do qual faz parte a Secretaria Nacional de Habitação. Podemos dizer que, nesse momento, se iniciaram novas concepções para a política de Habitação e, posteriormente, com a criação da Conferência Nacional das Cidades, se concebeu a Política Nacional de Habitação (PNH), que tem como meta principal a promoção de “condições de acesso à moradia digna, urbanizada e integrada à cidade, a todos os segmentos da população, e em especial, para a população de baixa renda” (BRASIL, 2004, p. 13).

A partir da PNH, criou-se também o Sistema Nacional de Habitação (SNH), cujo principal objetivo era gerir a articulação política e financeira da PNH e dos subsistemas (habitação de interesse social e habitação de mercado), devendo assumir o compromisso de empreender os programas destinados à habitação – sendo o maior deles o Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), que foi instituído pela Lei n. 11.977, de 7 de julho de 2009, e estruturado no governo Lula. O referido programa tem como objetivo a construção em massa de moradias, visando à melhoria do sistema habitacional para a população de baixa e média renda. Para Klintowitz (2016), o PMCMV é caracterizado como um programa habitacional que ganhou status de política, por seu vigor de recursos e apoio multifacetado conquistado.

Segundo Carvalho e Stephan (2016), para entendermos esse cenário, precisamos saber que, em 2008, se instaurava uma crise econômica mundial. Nesse contexto, o Governo Brasileiro decidiu adotar medidas de expansão de créditos e apoio aos setores que vinham com certas dificuldades, entre eles, o setor imobiliário. Como resultado desse investimento no mercado habitacional, é lançado o PMCMV. Na opinião desses autores, o PMCMV desconsidera diversos avanços institucionais na área de desenvolvimento urbano, bem como a interlocução com o restante da sociedade civil. Essa afirmação é corroborada por outros teóricos, nos ajudando a compreender criticamente a condição de execução do programa.

Ao mesmo tempo em que se assiste a um salto qualitativo na forma de gerir o tema moradia a partir da criação do Ministério das Cidades e de instrumentos como a Política Nacional de Habitação, o SNHIS e o FNHIS, do ponto de vista da produção de cidade, vários estudos têm demonstrado a permanência dos mesmos cenários urbanos e efeitos socioespaciais, onde a periferia absorve a moradia popular advinda do PMCMV, em regiões desprovidas de infraestrutura e serviços urbanos adequados (CARVALHO; STEPHAN, 2016, p. 287).

Questões como essas são recorrentes nas discussões críticas sobre como os impactos e a eficácia social traduzem o modo como o PMCMV se construiu e se constrói. Tais discussões evidenciam a realidade de grandes centros urbanos, faltando maiores investigações nas pequenas cidades.

Maricato (2014) afirma que, para discutir questões acerca do que está ideologicamente oculto no cenário habitacional brasileiro, é preciso construir um pensamento crítico sobre a cidade periférica, que é, “em síntese, o desenvolvimento de uma nova leitura do espaço urbano que contribuiu para uma nova formulação teórica sobre a metrópole na periferia do capitalismo” (p. 108). Em outras palavras, a permanência em

moradia precária é estratégica para uma cidade periférica e empobrecida. Porém, o que se observa em algumas cidades, no Brasil, é que o território de pobreza urbana não se refere a uma minoria excluída ou marginal, mas compreende a maioria da população, como, por exemplo, nas cidades de Belém, São Luiz, Fortaleza, Recife e Salvador.

O que podemos concluir, então, é que, mesmo que as regiões periféricas que circundam as grandes cidades do Brasil tenham passado por profundas mudanças no campo da urbanização, regularização urbana e fundiária, esgoto condominial, entre outros, elas continuam se apresentando como os bairros pobres periféricos, ou no seu inverso, ganham “nos últimos 25 anos, a companhia dos ‘loteamentos’ ou condomínios fechados, que lembram os subúrbios americanos” (MARICATO, 2014, p. 109).

Sabemos que a perda do lugar de política social e assunção da moradia como mercadoria é um novo processo de colonização na era das finanças, como aponta Rolnik (2015, p. 378):

As políticas habitacionais e urbanas assim como o urbanismo e a gestão fundiária [...] operaram ativamente no sentido de criar condições materiais, simbólicas e normativas para transformar territórios vividos em ativos abstratos” e que dessa forma o que observamos é “uma ‘guerra de lugares’ ou de uma guerra “pelos lugares”.

Nesse confronto, o lado que tem menos recursos objetivos e subjetivos para construir o enfrentamento necessário à especulação imobiliária acaba sendo o mais prejudicado com o déficit habitacional, tanto no que se refere ao aspecto quantitativo – deficiências do estoque de moradias – como no aspecto qualitativo, naquilo que denota sobre a ausência de condições básicas para uma vida digna, expressa nas habitações precárias, na carência de infraestrutura urbana, na inadequação fundiária, no adensamento (por coabitação familiar), no ônus excessivo com aluguel no domicílio, entre outros (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2018).

Dessa forma, podemos nos questionar como a ciência e a política se apropriaram da noção quantitativa da habitação. Lefebvre (1970) problematiza em “Revolução Urbana” o desenvolvimento da habitação em massa, no qual se entende a habitação como mercadoria, pois o funcionalismo da arquitetura moderna vê no habitante apenas um ser com necessidades – e, então, se eles necessitam de casa, dá-se uma casa.

A partir desse histórico, podemos nos questionar sobre como as políticas habitacionais vêm sendo executadas, tendo, como centro da solução, a construção de moradias para quem não as têm. Cabe perguntar, ainda, se outras questões estão sendo

levadas em consideração, como a importância do conteúdo subjetivo desse precisar/possuir uma habitação. E que contribuições tem a psicologia nesse debate? É nesse sentido que introduzo a temática existencial da política de habitação ou mesmo do direito à moradia.

Seria necessário que tais políticas compreendessem o direito à moradia apenas como uma necessidade de sobrevivência de sujeitos ou de grupos? Ou é fundamental também serem compreendidos os fatores psicossociais de tal necessidade? E, por fim, quais são os resultados dessa construção? Com esses questionamentos, podemos constatar uma polarização entre o significado de uma mesma necessidade, pois ora é enxergada duramente como um conteúdo prático e objetivo (pessoas não têm onde morar), ora é reconhecido o fruto psíquico e social que tal carência provoca nas pessoas.

É nesse sentido que compreendo que é feita uma distinção teórica e prática sobre os significados de Habitação e de Habitar, que, embora pareçam ser substantivo e verbo, na verdade, derivam do prático e do abstrato, ou do objetivo e do subjetivo. E é com isso, com tal polarização, que podemos justificar ou mesmo evidenciar que a temática da política de habitação ou da luta pelo direito à cidade é, anteriormente, uma crise epistemológica.

2.2 A Casa como imagem do eu

“Não há ser sem lugar de ser.” (A. Berque).

Dentre tantas formas de compreender o lugar, o espaço e a habitação, escolhi o conceito de moradia, para discutir como determinados espaços constroem a subjetividade. O lugar como dimensão ontológica seria o lugar como constitutivo do próprio ser e sua possibilidade de expressão. Tal concepção já é expressa na obra de Heidegger (1951), quando o autor comenta que habitar é um traço fundamental do ser e que é quando habitamos que traçamos uma relação com o território. Isso pode ser entendido como fato antropológico, pois, quando nos relacionamos e nos identificamos com o espaço, construímos vínculos com o mesmo. O pensamento heideggeriano discute a noção de espaço como constitutivo ontológico do homem, como podemos observar na citação abaixo:

Em seu pensamento, Heidegger (2011) entende que Dasein (o ser-aí ou o ser-no-mundo) jamais se encontra dentro ou fora de algum lugar, mas ele mesmo cria um espaço em torno de si, e essa criação de pertencimento é um dos aspectos básicos da autocompreensão da existência (FRANCO; STRALEN, 2012, p. 3).

Para o autor, o espaço de ser-no-mundo está ligado ao tempo e essa ação traz para dentro de si o espaço, construindo, assim, seu próprio lugar. Podemos entender que o *Dasein* compreende o espaço simultaneamente à compreensão de seu próprio ser e, então, a existência do ser ocorre a partir de um lugar determinado. Dessa forma, “o Habitar seria “estar em”, permanecer no mundo em um lugar familiar” (FRANCO; STRALEN, 2012, p. 4).

Podemos compreender, pela teoria filosófica de Heidegger, que é por meio da ação de habitar que se constrói a relação do sujeito com o espaço e, assim, é nessa ação que construímos e nos vinculamos com os lugares. Entretanto, para o autor Bollnow (2008), arquiteto e filósofo alemão, a ação de habitar se objetiva na construção de um espaço de referência; o espaço de habitação se encontra diretamente na Casa, na moradia, fazendo da casa o “lugar a que pertencem”. Para o autor, “a casa é o lugar de onde o sujeito pode partir numa caminhada em busca de sua sobrevivência e dos encontros com os outros sujeitos” (p. 5).

O pensamento de Bollnow (2008) transborda o espaço da habitação quando compreende que o espaço de apropriação, que gera confiança e segurança, promove a apropriação de novos espaços, para sua sobrevivência e cuidado de si. Como podemos ver na citação abaixo:

O sujeito precisa de um espaço de referência, um espaço de habitação, para poder circular pela cidade, que é o espaço do mundo onde o homem pode se encontrar com um elemento não estranho, ligando a ele, fazendo novas identificações e significações. Assim, o sujeito habita a casa e, ao mesmo tempo, habita a cidade. Mas, para se habitar a cidade é preciso, antes de tudo, habitar a casa (BOLLNOW, 2008, p. 5).

Na construção da subjetividade, as pessoas estabelecem a relação com os lugares, para, assim, construir sua própria existência, como afirma Heidegger (1951), quando comenta que o ser humano percebe e constrói seu próprio ser, sendo o “ser em”. Embora o filósofo não especifique qual é essa construção de espacialidade que construímos na nossa existência, Bollnow (2008) afirma que seria a Casa o território de referência para construirmos inicialmente o nosso ser.

Podemos, então, nos questionar: como as mulheres, em sua maioria, chefes de família, moradoras do conjunto habitacional Nova Caiçara construíram, ao longo da sua história, o seu “ser-no-mundo”? Como estabelecem relação com suas casas de origem e com essas casas adquiridas? Como se sentem morando numa casa conquistada por uma

política de habitação? E como isso se reproduz nas relações com a comunidade? Perguntas, essas, modeladas pela compreensão indivisível do sujeito com o espaço, por observar que os sentidos de moradia revelam quem somos e como agimos no mundo, pois,

[...] o ser habita o que constrói, com a finalidade de ter um abrigo e um lugar de pertencimento. Habitar diz ainda do modo como o ser ocupa o mundo e também revela a forma do cuidado como um ato de buscar a sobrevivência e a autocompreensão (FRANCO, 2012, p. 30).

Assim, podemos retificar que habitar é o modo como nos construímos existencialmente, que “Ser em” nos possibilita sonhar, pensar e construir. E, como é trazido por Bachelard (1993), o ponto de partida da imagem que o sujeito faz de si é derivado dos espaços habitados e é a casa, esse lugar promovedor de proteção, intimidade e solidão, que representa a ligação dos pensamentos, lembranças e dos sonhos. Para o autor, sem a casa o homem seria um ser disperso, ela é o primeiro mundo do ser humano (BACHELARD, 1993).

Segaud (2016) enfatiza a Antropologia do Espaço como uma questão moral, para compreender e nortear as discussões feitas sobre moradia, quando explica que “[...] o espaço e sua estrutura estão incorporados ao indivíduo de tal maneira que, uma vez deslocado e modificada sua relação com o meio ambiente, ele se sente desorientado” (p. 76). A autora enfatiza que as dimensões física e mental do espaço precisam ser entendidas para pensarmos a dimensão espacial de organizações sociais.

Retornando a palavra Habitar, descobrimos que ela vem do latim, *Habito*, e que significa, segundo Houaiss (2009), ocupar por residência, morar; prover de habitantes, povoar. Tal palavra foi compreendida por muito tempo, e mesmo hoje, como uma noção de que habitar liga-se intimamente à natureza e ao ambiente, pois habitaremos algo, algo que precisamos ou podemos. Por isso, facilmente relacionamos habitar à habitação, como sinônimo, pois esta seria, segundo Segaud (2016), compreendida como construção. A habitação seria o verbo, ou a ação de habitar.

É notório dizer que, com a influência do pensamento heideggeriano, e também o contexto de crise que afetava a habitação na França, em meados de 1960, que podemos compreender o início da discussão ontológica sobre a palavra Habitar, que passa a ser vista como um fato antropológico e, segundo Heidegger, um “traço fundamental do ser” (SEGAUD, 2016).

Não pretende-se aprofundar a discussão sobre a Antropologia do Espaço, mas é conveniente trazê-la neste momento da discussão, pois, como explica Segaud, “Se a Antropologia do espaço se nutre de informações tiradas de sociedades antigas, é porque estas testemunharam talvez com mais clareza a articulação do social com o espacial” (2015, p. 86). Nesse sentido, vai ficando nítida a dicotomia entre Habitação e Habitar.

A partir dessas reflexões, podemos entender que a casa é uma imagem do Eu. Assim, as casas de moradoras do Nova Caiçara revelarão sobre quem elas são. Desse modo, reconheço a importância de compreender quem são essas mulheres, de onde elas vêm, o que suas histórias criaram de imagem para a casa e quais elementos apontam para seus modos de estar no mundo.

Uma das mais comuns brincadeiras de infância é brincar de casinha, tanto meninos quanto meninas se apressam em entender a tríade casa, corpo e eu, expressando, por meio dessa brincadeira, que a casa representa refúgio. Segundo Vygotsky (1996, p. 37),

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Dessa forma, compreendemos que a casa e a relação com esse refúgio, primeiro, são algo constitutivo na experiência de cada ser. E, a partir do momento que a criança experimenta no seu próprio corpo essa brincadeira de casinha, ela vai criando uma relação entre realidade e fantasia, criando seu próprio “chão”, seu “teto”, suas “paredes” e sua “porta”, ou seja, criando uma estrutura básica que a coloca num movimento de diferenciação entre ela mesma e o seu entorno. Através desse processo de organização interna, a criança vai construindo, tijolo por tijolo, a consciência de si mesma e, conseqüentemente, a estruturação do seu eu.

O primeiro contato que uma criança tem quando nasce é com os familiares e com sua primeira morada, que é a casa que o abriga. A criança vai aprendendo a ser e se desenvolver a partir da vivência nessa primeira morada, que é marcada por experiências como pisar a textura da areia pela primeira vez, olhar para um céu muito azul ou sentir o perfume de determinadas plantas. Todas essas sensações formam esquemas perceptivos que determinam percepções futuras, ou seja, proporcionam o que chamamos de visão de mundo.

Dessa forma, desde cedo vamos construindo nossas primeiras memórias dessas experimentações vividas em ambientes, que nos fazem construir uma identificação com determinados lugares. Entendemos, portanto, que a casa constitui a primeira relação de construção entre pertencimento eu-mundo e, desde cedo, vamos consolidando esse processo de habitar o mundo na vivência coletiva de habitar uma casa. Nesse sentido, muitos escritores, poetas e filósofos abordam o tema Casa como fundamento do ser.

Para Gonçalves (2014), o meio social influencia decisivamente na constituição de nossa subjetividade. A subjetividade, compreendida aqui como espaço psíquico e lugar onde acontecem as emoções, as percepções, a imaginação e a memória, se constrói à medida que vamos vivendo e interagindo com o mundo, passando pelas diferentes oportunidades e circunstâncias familiares e sociais. Para a autora, essa troca do organismo com o meio não se dá apenas em nível biológico, mas também por meio de trocas simbólicas, nas quais a dimensão afetiva, com todas as suas implicações, se faz necessariamente presente nesse intercâmbio. Uma vez que o humano é um ser social produtor de cultura,

Qualquer interação verdadeiramente humana deve se caracterizar pela representação do outro dentro de nós sem nos confundirmos com ele e ao dar-lhe um lugar no sistema simbólico, aceitá-lo como um diferente, como ser desejante, mas igual enquanto direito ao desejo, reconhecendo-o como sujeito de sua própria história (GONÇALVES, 2014, p. 18).

Dessa forma, compreendemos que o Ser Humano, como resultado dessa experiência íntima com o seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformar-lo com as necessidades que não são apenas biológicas, mas também sociais, culturais e psicológicas. Portanto, a casa está além do abrigo do corpo. Segundo Gonçalves (2014), é no espaço privado da casa que podemos ser nós mesmos, ela é o refúgio no qual nos permitimos expressar-nos integralmente. Para ela,

A noção de refúgio da casa no qual se sentiam remonta à própria história da evolução da espécie. Para os ancestrais, a primeira casa, a caverna, no qual se sentiam protegidos das ameaças externas; onde se sentiam confortáveis para relaxar, amar e cuidar uns dos outros (p. 83).

Podemos compreender, então, que a construção simbólica da casa na vida das pessoas se situa nos conteúdos de intimidade, dos afetos e da subjetividade. A autora Vasconcelos (1996) comenta que “Falar em subjetividade é falar de corpo”, partindo de referências fenomenológicas sobre a compreensão da nossa presença no mundo. Ela cunha

um conceito chamado de Casa-Corpo, que nos faz refletir sobre a relação entre o habitar “a casa” e o se habitar “no corpo”, no sentido de que a alienação habitacional, vivida no contexto da população sem moradia, gera também a desapropriação espacial, que aparece no nível da pessoa e, assim, do corpo.

A discussão gerada por Vasconcelos (1996) tem, como conteúdo central a qualidade de vida e a habitação. Nesse sentido, quando discute a relação casa-corpo, a autora traz à tona a espacialidade como elemento físico dos lugares, mas também como conteúdo existencial e do corpo – algo que não é enxergado pelas políticas públicas. A mesma retifica que

[...] entre a imagem do corpo próprio e a imagem da casa existe uma troca simbólica de natureza projetiva, de que essa troca indica uma relação arcaica e primitiva entre aqueles dois termos e de que nela a diferenciação sexual é uma variável importante (p. 136).

Com isso, são evidenciados os conteúdos simbólicos e afetivos da relação com a casa, que transbordam o discurso mercadológico e, na maioria das vezes, das políticas públicas.

2.2.1 A casa e sua história

“Todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (Bachelard, 1978).

Diante do entendimento sobre a importância da habitação na construção da subjetividade, e da casa na construção do nosso ser individual e coletivo, abordarei como nos constituímos enquanto cultura brasileira, por meio do processo de habitar uma casa.

Barros (2001), em seu texto “Público e privado na cultura brasileira: da casa-grande aos nossos dias”, analisa a história da relação entre público e privado nas obras de Gilberto Freyre, tomando por base a estrutura do patriarcado brasileiro e sua organização familiar e o significado sócio-antropológico da casa nesse construto. Para ele, as abordagens antropológica, histórica, psicológica e sociológica se complementam no processo de compreender a importância da casa para o desenvolvimento do ser no mundo. Ao declarar que a casa se tornou a principal chave para a interpretação da formação social brasileira, ele propõe a antropologia da casa, uma vez que:

A casa e, conseqüentemente, a família, constituem o centro da vida social e cultural do Brasil patriarcal. É a partir do espaço doméstico que se formam e se desenvolvem as primeiras e mais importantes manifestações de vida e cultura públicas: das celebrações religiosas às festas populares; da organização política à organização econômica (BARROS, 2001, p. 93).

Segundo Barros (2001), a análise sobre a casa, realizada por Freyre, abrange sua presença tanto no espaço como no tempo. Presença que, a seu ver, é sempre biossocial e representa

Todo um mundo de ethos, das disposições fundamentais e experiências habituais que daí decorrem, e as influências culturais de heranças familiares e de meio, com vários espaços e várias datas (FREYRE, 1979 apud BARROS, 2001, p. 19).

É com base nessa concepção que concordo com a importância do estudo antropológico da casa, uma vez que

Essa concepção antropológica incorpora a análise e compreensão do homem que habita a casa, local de sua “existência concreta”, tecida à base de intuição, memória, poesia, tradições, costumes e vida íntima. Ao compreender a casa e seus desdobramentos como locus de experiências íntimas e coletivas, Freyre destaca que tais vivências devem ser captadas em imagens, formas e símbolos, visto que a linguagem simbólica, nesse caso, é a que mais se presta ao exercício de compreensão do que é mais social e íntimo “no comportamento de uma gente e nas suas relações - acrescenta-se - com um tipo expressamente seu de casa” (BARROS, 2001, p. 96).

Dessa forma, a casa é o fenômeno original da existência humana, o modelo do modo humano de ser, e “o signo de todos os signos da transição da ordem da natureza para a ordem da cultura” (BARROS, 2001, p. 96), compreendida, então, mais que apenas como moradia, mas como da vivência e de um cotidiano expressivo de todo um modo de ser brasileiro, homem, mulher, criança, compreendendo as particularidades do seu país e de sua região. Vale lembrar a contribuição de Gaston Bachelard, acerca de sua Poética do Espaço, quando o autor comenta que “examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo” (p. 197).

Vale destacar que Gilberto Freyre estava interessado em compreender o espírito humano, a cultura, os atos e comportamentos, enfim, o jeito de ser do homem brasileiro, atrelado às formas de morar. É a forma como o homem se relaciona com o meio social mais amplo, a partir da casa de residência, que, segundo ele, desempenha um papel importante no desenvolvimento de formas de sociabilidade: relações sociais hierárquicas com os escravos, com os filhos e com as mulheres – os espaços da casa eram pensados em função

dessa hierarquia, que se torna visível com a divisão entre casa-grande e senzala. Mas também compreende que a casa contribui para o desenvolvimento de outras formas de sociabilidade e socialização: as relações de vizinhança e o sentimento de comunidade, primeiramente pautados por fatores ligados ao parentesco, amizade e afetividade. Remonta, portanto, a importância da habitação na constituição de uma cultura brasileira, onde a casa não se limitava à sua função de habitação, constituindo-se também um ponto de partida e referência das descendências, configurando, assim, o espaço doméstico como produção e reprodução biossocial (BARROS, 2001).

Dessa forma, podemos compreender que a casa é uma imagem do eu, porém, esse eu retrata uma cultura e uma experiência social de classe, raça, gênero e tantos outros contextos. Nesse sentido, Gabriel Moser (2016) parte dos estudos da Psicologia Ambiental, que trata do espaço e analisa os comportamentos individuais e comunitários em relação aos contextos físicos e sociais, e defende que é importante caracterizarmos as transações pessoa-ambiente em diferentes níveis, propondo quatro deles. Para o nosso interesse, no primeiro nível (ou nível individual), o autor coloca o espaço privado, ou mesmo a casa. Isso representa uma compreensão gradativa dos espaços nos quais nos relacionamos e, assim, construímos sua importância na nossa história. Moser (2016) explica que, para cada nível de espaço, a relação indivíduo e ambiente é abordada em sua especificidade, na medida em que espaços diferentes implicam modalidades de interação e problemáticas particulares. Ao nível do habitat, o domicílio pessoal remete à privacidade e à identidade. Como podemos observar na citação abaixo,

Em outros termos, a relação do indivíduo com o ambiente não se pode compreender, se não se levar em conta, ao mesmo tempo, contextos culturais e sociais em que essa relação se realiza. É a história, tanto a coletiva como a individual, que condiciona as percepções e comportamentos, assim como as necessidades e aspirações particulares (MOSER, 2016, p. 15).

A casa se apresenta no nível I de interação entre pessoa e ambiente, o que indica que, além da dimensão física do espaço, é fato que a construção da relação com o espaço se inicia no ambiente privado. Segundo Barros (2001), os antagonismos e contradições da nossa cultura também constam na abordagem complexa de Freyre e uma delas chama atenção: o caso das mulheres que comandaram casas-grandes, sobrados e palacetes, em uma ordem rigorosamente patriarcal. Em um dos capítulos de “Oh de Casa!”, Freyre apresenta algumas histórias de mulheres que exerceram diferentes funções, em diferentes lugares, mas com uma característica em comum: a não submissão ao poder masculino e o

exercício do poder, de diferentes formas, mas por seus próprios méritos, sem a “sombra” do domínio patriarcal.

Fazendo um resgate histórico do surgimento do tratamento “Dona”, relembra o momento em que as mulheres não possuíam sequer o direito à livre expressão e pensamento, além de não possuírem um lugar de fala na sociedade – figurando não como sujeitos de discurso, mas tratadas como objetos de discurso.

Nas casas-grandes, “as senhoras não apareciam aos estranhos, mas só aos parentes próximos; não comiam com as visitas, mas depois delas; não conversavam com os senhores maridos, mas só faziam servir-lhes ou preparar-lhes quindins especiais” (FREYRE, 1979 apud BARROS, 2001, p. 97).

Dessa forma, trago, aqui, a importância de entendermos o papel da mulher na sociedade e dentro da participação da constituição dos processos de habitação e da relação entre políticas públicas de habitação e as questões de gênero.

2.3 De donas de casa às donas da casa: histórico da posição da mulher na casa e na sociedade

Um elemento importante a ser trazido nesta pesquisa é a questão de gênero, o porquê de lidar com esse público específico, as mulheres. Um dos elementos que tomei como base foi uma das condicionalidades de aquisição da casa pelo PMCMV, que coloca como prioridade de participação as mulheres chefes de família e, assim, as oficializa como proprietárias do imóvel. Antigamente, o modelo familiar predominante era o patriarcal, patrimonial e matrimonial. Em tal modelo, tínhamos a figura do homem como o “chefe de família”, que era tido como o líder, o centro do grupo familiar, responsável pela tomada das decisões. Hoje em dia, com as mudanças obtidas nesse contexto familiar, tem-se as mulheres também como chefes de família, responsáveis pelas decisões e pelo sustento do lar.

Entretanto, mesmo que não houvesse esse direcionamento por base do PMCMV, ainda teríamos muitas formas de justificar a escolha de ter mulheres como sujeito desta pesquisa. Como é discutido por Vasconcelos (1996), a arquitetura é uma expressão dos valores de uma civilização e há uma repartição do espaço doméstico segundo o sexo. Nesse sentido, é necessário levar em consideração as diferenças entre os sexos quanto ao uso e a percepção da habitação, pois “homens e mulheres não percebem a habitação da mesma

maneira. Não se pode mais reduzir a fatores socioeconômicos as diferentes maneiras de habitar” (p. 132). Dessa forma, a escolha pelas mulheres se faz necessária para o recorte deste estudo.

Além disso, destaco a constituição decisivamente patriarcal na formação da cultura brasileira e, portanto, da habitação, e nosso modelo de sociedade. Faz-se urgente a compreensão dessas desigualdades, de forma que consigamos reconstruir uma cultura baseada na igualdade de direitos e condições de existência mais justas e igualitárias. Dessa forma, vamos tentar entender como a identidade de gênero está ligada à posição em que a mulher exerceu/exerce no lar. Para isso, farei um resgate histórico sobre o papel da mulher na nossa sociedade e irei abordar a temática do lugar de fala, como forma de entender a questão da equidade de gênero e a importância de programas terem esse olhar atento à categoria Mulher.

Segundo alguns estudos sobre o movimento feminista e sobre a posição social da mulher ao longo da história da humanidade, realizados por autoras como Barroso (1982), Muraro (1992) e Moraes (1997), a função social das mulheres até o século passado esteve atrelada à condição de protetora e cuidadora da casa. Porém, elas nunca estiveram no centro das decisões políticas sobre essa casa. Como comenta Risério (2015), “À mulher, cabia habitar. Construir, não” (p. 44). Para o autor, durante muito tempo, as mulheres eram excluídas dos processos de planejamento e construção, para elas restava o direito de povoar os espaços internos.

De acordo com Engels (1994), em seu livro “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, a desigualdade de gênero está atrelada à invenção da propriedade privada, com o surgimento do modelo patriarcal. A invenção da família, nos moldes que ainda temos hoje, data dessa época, para fins de fortalecimento econômico da propriedade privada, para garantir a posse e permanência dessa posse. Nessa nova conjuntura, era necessária uma divisão de tarefas e a consolidação de um sentimento de pertencimento a um núcleo familiar. Observem, aqui, que, paralelo a discussão sobre o lugar da mulher na sociedade ao longo da história, se encontra uma relação com a propriedade privada e, assim, com a casa. Dessa forma, percebemos uma relação histórica e social da mulher com a casa.

Maturana e Verdeb-Zoller (1997) apontam que esse processo de surgimento da sociedade patriarcal foi preponderante na consolidação e criação de diversas formas de discriminação e desigualdade na sociedade. Segundo eles, o patriarcado se consolida provocando transformações estruturais nas relações sociais, favorecendo o surgimento de

diferentes formas de desigualdade social e de gênero, uma vez que esse modelo é caracterizado pela valorização da lei do mais forte, da competição, da autoridade, do poder e da apropriação, controle e dominação. Os autores complementam dizendo que “Vivemos como se todos os nossos atos requeressem o uso da força, e como se cada ocasião para uma ação fosse um desafio” (p. 24).

Essa relação dialética entre superioridade-inferioridade afetou, e ainda afeta, a maioria das relações humanas. Esse continua sendo o modelo de sociedade e de vivência social preponderante. Nesse sentido, Santos (2008) reitera:

E com a relação homem-mulher não foi diferente. O homem deteve o poder sobre a propriedade, sobre os bens e sobre a família. E, para garantir essa sua dominação, a mulher também passou a fazer parte da propriedade privada do homem. Na idade média, por exemplo, as mulheres eram conhecidas como “filha de...”, “esposa de...” ou “mãe de...”. O homem era a referência da família (p. 20).

Dessa forma, segundo a autora, o homem passou a ter poder sobre a propriedade, seus bens e a família, incluindo a mulher, considerada sua propriedade, e a acumular riquezas e posição social. Já a mulher passa a ter função de reprodução, cuidado da casa e dos filhos e é delegada às funções subvalorizadas de trabalho doméstico, tendo seu valor associado à capacidade de reprodução e de seus cuidados com o lar.

Como vimos anteriormente, a ocupação e o início da construção do Brasil está atrelada justamente a esse modelo, como nos coloca Gilberto Freyre, à consolidação de um sistema econômico, social e político centrado na hegemonia monocultora de grandes proprietários rurais, fortalecido por meio da força de trabalho escravocrata servil e centrado na religião e na consolidação de um modelo de família patriarcal. Esse patriarcado coloca a mulher numa função de procriação e cuidados do lar.

A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credences da senzala (FREYRE, 2003, p. 44).

Segundo Santos (2008), o termo “dona de casa” surge a partir do processo de industrialização originário do modelo econômico capitalista que despontava. Aparece, então, uma ideologia que divide a sociedade ocidental em duas esferas: espaço particular (restrito, privado, disponibilizado para as mulheres) e espaço público (coletivo, irrestrito, destinado aos homens). Portanto, durante muito tempo, o espaço privado era o lugar

feminino, uma vez que sua função estaria ligada à sua condição biológica de procriação e cuidados dos filhos e do lar, enquanto o homem iria aumentar a propriedade da família.

Porém, a partir da expansão do capitalismo, a opressão às mulheres adquiriu traços particulares, baseados na exploração e opressão dos mais fracos. A inserção da mulher no mundo do trabalho, segundo Barroso (1982), gerou modificações contraditórias nas relações de opressão da mulher que, por um lado, permitiu a participação no espaço social fora da casa, mas, ao mesmo tempo, manteve a opressão de vida por meio dos tipos e das formas de trabalho permitidos a elas, uma vez que os trabalhos relegados às mulheres eram em processos tidos como domésticos, considerados inferiores e que tinham condições de trabalho e salários degradantes. Nesse momento, há o surgimento do movimento feminista, movimento social de resistência à opressão e de tentativa de garantia de direitos iguais entre homens e mulheres.

Compreendendo que, segundo Santos (2008), as formas de viver, lidar e participar da vida coletiva e privada são vivenciadas de maneiras diferentes por pessoas diferentes,

As diferenças de gênero resvalam nas de classe, e com isso as experiências de vida, e o modo de significá-las passam pelos estilos e pelas condições que o meio social possibilita às diferentes mulheres, das mais diversas realidades socioeconômicas. E no Brasil, onde a desigualdade social é o principal motivo que o classifica como um país em desenvolvimento, essa característica fica ainda mais evidenciada. [...] Inevitavelmente, a condição feminina, a experiência de vida e a própria constituição indenícia são afetadas pelo lugar de pertencimento social e econômico de cada mulher (SANTOS, 2008, p. 46).

Dessa forma se faz necessário entender como se deram as organizações e os movimentos feministas na aquisição de direitos no Brasil. Segundo Pedro e Guedes (2010), o Código Civil de 1830 previa que o assassinato de mulheres adúlteras era legítimo, não havendo punição alguma para o cônjuge. O mesmo não ocorria para os homens que traíam suas mulheres. Apenas a legislação de 1916 alterou essa disposição, considerando o adultério como razão de desquite, medida implantada para proteger as famílias das crises atribuídas, sobretudo, a novas configurações das mulheres no mercado de trabalho.

Em 1934, em decorrência de movimentos sociais feministas e da revolução operária, os direitos das mulheres começam a ser revistos, amparados pela Constituição brasileira, que proíbe a diferença de salários e o trabalho das mulheres em indústrias insalubres, garantindo assistência médica e sanitária à gestante e, apenas em 1937, a mulher passa a ter direito ao voto.

Ainda segundo Pedro e Guedes (2010), a Constituição Federal de 1969 ainda apresentava caracteres de uma sociedade machista e excludente, onde, por exemplo, era dever da mulher, inscrito por lei, prestar serviços sexuais para seu companheiro sempre que ele solicitasse. É apenas em 1988 que as mulheres conquistam novos respaldos na garantia de direitos de igualdade entre homens e mulheres, tendo direito à propriedade, podendo votar e ser votada, entre outros.

Com a Constituição de 1988, algumas conquistas foram alcançadas no âmbito feminino através da formalização da equidade de gênero prevista em lei, que nos termos da constituição dispõe “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. A partir de então a mulher passa a ser igual ao homem perante a lei, o que não se mostra tão eficaz na prática. A criação da Secretaria Especial de Políticas pra Mulheres (SPM) possibilitou um avanço muito grande para a luta feminista, onde o Brasil, até então, ocupava a 51ª posição dentre 56 países pesquisados no Fórum Econômico de Davos, sobre países que aplicam política pública de equidade de gênero (PEDRO; GUEDES, 2010, p. 7).

Apenas em 2006 foi sancionada a lei Maria da Penha, que possibilitou a ampliação do reconhecimento sobre as violências sofridas pelas mulheres, uma vez que, antes disso, apenas agressões que deixassem marcas visíveis, como hematomas ou feridas, eram consideradas violências. Essa lei compreende violência de várias formas: de caráter físico, psicológico, sexual, moral ou patrimonial. Refere-se, portanto, a tudo aquilo que fere a integridade da pessoa. Trata-se não apenas de conquista das mulheres, mas de sua consolidação enquanto sujeitos sociais e protagonistas de sua história (PEDRO; GUEDES, 2010).

Entende-se, portanto, que é muito recente o processo de acesso das mulheres aos direitos humanos básicos. Dessa forma, temos um compromisso histórico de repensar a organização das políticas públicas, abarcando a representatividade e legitimando a desconstrução de um modelo patriarcal. É necessária, portanto, a construção de elementos de equidade, compreendendo que as mulheres e os homens têm uma desigualdade histórica, como colocam Pedro e Guedes:

É fundamental que o Estado invista cada vez mais nas Políticas Públicas voltadas para mulheres, e que o protagonismo do movimento feminista amplie a presença das mulheres na cena pública na luta pela garantia de direitos conquistados e ampliação de novos direitos (2010, p. 8).

Com relação aos fatores socioeconômicos e a questão de gênero, Vasconcelos (1996) argumenta sobre a necessidade dessa relação ter se tornado foco principal de suas

pesquisas. A autora nos diz que “[...] A ausência dessa atenção ao gênero pode explicar, em grande parte, o fracasso de tantas políticas habitacionais [...]” (p. 132). Partindo disso e reconhecendo a história do papel social da casa em suas vidas, percebe-se a relevância da categoria mulher para o presente estudo.

Uma vez que as mulheres têm se tornado cada vez mais as chefes do lar, são elas que cuidam das famílias, das casas e, muitas vezes, também do sustento de sua casa e filhos. Pensando sobre as simbologias presentes na casa e as questões discutidas até aqui, sobre público e privado, casa, comunidade, pertencimento, desigualdade social e de gênero, nessa configuração social, compreendemos o valor de as mulheres terem a posse da escritura da casa, de elas serem as donas de si, donas da casa. O que significa essa mudança? O que significam essas conquistas para essas mulheres? É o que desejo saber.

2.3.1 As narrativas femininas do lugar da casa

Nesse desejo e interesse de tentar compreender os sentidos sobre a aquisição da casa pelas mulheres, busquei compreendê-los a partir de seus lugares de fala. Entendo, aqui, “lugar de fala” a partir da leitura de Djamila Ribeiro (2017), como um conceito que parte do estudo das múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias em que se localizam grupos subalternizados como os movimentos negro, LGBTQ+ e de mulheres. Ou seja, não diz respeito a negar as experiências individuais, tampouco se trata de uma visão essencialista, mas se refere ao reconhecimento do locus social e da reflexão de como lugares impostos dificultam a possibilidade de transcendência desses lugares socialmente condicionados.

O surgimento dessa discussão se deu a partir da luta de grupos que questionavam a universalização da categoria mulher, pois algumas pautas existentes dentro do movimento feminista, nos Estados Unidos do século XIX, não contemplavam determinados grupos ou regiões, como no exemplo mais claro da luta das mulheres brancas e das mulheres negras. Como podemos observar na citação abaixo:

Esse debate de se perceber várias possibilidades de ser mulher, ou seja, do feminismo abdicar da estrutura universal ao se falar de mulheres e levar em conta as outras intersecções, como raça, orientação sexual, identidade de gênero, foi atribuído mais fortemente à terceira onda do feminismo (RIBEIRO, 2017, p. 21).

Nessa perspectiva, de que as visões de mundo se apresentam desigualmente posicionadas, a autora afirma: “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (2017, p. 61). Trata-se, portanto, de uma análise a partir da localização dos grupos nas relações de poder, levando em conta os marcadores sociais. Com isso, evidenciamos o lugar da fala, como um recurso de autorização do sujeito falar do lugar dele, sem que seja negado seu conteúdo social.

Dessa forma, situo a importância de trazer esse conceito, uma vez que ele complexifica as subjetividades e trajetórias de vida de quem se posiciona, trazendo o reconhecimento da multiplicidade de vozes existentes frente à invisibilidade estruturada pela negação de direitos. Porém, compreendo que não se refere somente a indivíduos dizendo algo, e sim à compreensão do que se fala sobre os aspectos das trajetórias que acompanham o enunciante, ou seja, a contextualização sobre as vivências e experiências possibilitam a compreensão de particularidades de cada pessoa que fala. O intuito, aqui, é compreender que todas as pessoas possuem lugares de fala, e que:

Esses indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de lócus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares dos grupos subalternizados (RIBEIRO, 2017, p. 86).

Dessa forma, pensar lugar de fala é uma postura ética e um compromisso social, que permite reconhecer os sujeitos a partir de suas aprendizagens e seus saberes e compreendê-los como potencialmente capazes de promover a mudança social a partir disso.

Acreditando nisso, trilhei um caminho para dar voz a essas mulheres e contextualizei este trabalho dentro de uma perspectiva do entendimento das multiplicidades da condição humana, a partir dos contextos e condições possíveis de exercício de cada vivência social e singular. A articulação de mulheres como as participantes desta pesquisa, não me permitiu falar das mulheres, mas sim, dessas mulheres. E mulheres pobres, que necessitam de uma política de habitação para possuir uma casa. Mulheres chefes de família, que, com a condição de gerenciar financeiramente sua vida e dos seus filhos, passam a ser prioridade na participação de uma política de habitação. Uma vez que entendemos que nos construímos a partir das vivências e relações próprias e únicas, e que ninguém possui iguais condições e possibilidades de existência, que todos somos singulares a partir desses

caminhos e trajetórias trilhadas, o lugar de fala se constitui como indícios do lugar de grupos.

3 DIALOGANDO COM AS MATRIZES

“Cidade é um artifício humano.
Cidade implica gente.
O campo pode ser deserto.
A cidade, não”.
(Risério, 2015)

Tomando a questão da habitação como uma temática entrelaçada pelos aspectos culturais, econômicos, políticos e subjetivos, procurei entender de que forma a psicologia vem contribuindo dentro deste cenário da habitação e moradia, a partir dos referenciais teóricos da Psicologia Social e Comunitária e da Psicologia Ambiental. Busquei aprofundar a discussão, ao perguntar: como algumas mulheres habitam a casa advinda de uma política pública de Habitação? Quais os sentidos construídos nessa morada e como essa relação atravessa suas experiências com o mundo, com o fora, com a comunidade?

Para responder tais questionamentos, faz-se fundamental um resgate histórico sobre a origem da Psicologia Social e Comunitária, no Brasil e no Ceará. Primeiramente, vale lembrar que a Psicologia enquanto ciência nasce, segundo Bock (2001), a partir de 1875, a partir de Wundt, que criou o laboratório de experimentos em psicofisiologia, na Alemanha, a fim de compreender como funciona a psique. Porém, é nos Estados Unidos que ela se desenvolve, a partir do funcionalismo, estruturalismo e associacionismo, construindo uma psicologia inicialmente centrada no indivíduo, desconsiderando aspectos culturais e políticos, uma vez que surge intimamente ligada à medicina e à fisiologia, tendo como seu método o experimental, com objetivos utilitaristas, adaptacionistas e generalizantes (BOCK, 2000).

A Psicologia Social surge a partir do positivismo de Augusto Comte, sendo considerado um subproduto da Sociologia e da Moral, objetivando dizer como o indivíduo poderia ser, ao mesmo tempo, causa e consequência da sociedade. Nasce, então, o desejo de construir uma psicologia social que se aplicasse a grupos e pensasse não apenas no individual. Porém, a Psicologia Social nascente ainda surge muito alinhada à ideia de cognitivismo e à análise dos fenômenos sociais a partir da perspectiva do indivíduo, compreendo-os ainda numa perspectiva a-histórica, privilegiando as relações interpessoais, empresariais e/ou terapêuticas. Dessa forma, a Psicologia Social tradicional se preocupava, segundo Góis (1994), com estudos sobre questões de conduta e ajustamento social dos indivíduos, acerca das atitudes, estereótipos e as relações interpessoais, etc., sem, contudo,

vinculá-los a seus contextos histórico-culturais. A incapacidade de dar respostas a esses problemas levou um grupo de psicólogos sociais a questionar seus objetivos, concepções, ações e resultados (LANE, 2006). Surge, então, um movimento no próprio interior da Psicologia Social, questionando essas posturas e concepções.

Nesse sentido, e considerando a história de ocupação territorial brasileira e os problemas decorrentes de um modelo de desenvolvimento social extremamente desigual, temos a criação da Psicologia Social no Brasil, aliada ao desejo de estudar as relações sociais e problematizar a realidade brasileira. Esse movimento defendia a importância de construir uma psicologia política, crítica, que repensasse os fundamentos da desigualdade estrutural em que se consolida a cultura e a sociedade brasileira, compreendendo a diversidade de expressão humana, colaborando para a construção de uma psicologia engajada na emancipação e libertação social e considerando o contexto cultural dos sujeitos e a relação mais ativa e comprometida dos psicólogos com os problemas da sociedade. (GÓIS, 2005) Aliados à Psicologia Social da Libertação, tendo como seus principais representantes Silvia Lane, Ignacio Martin Baró, Maritza Montero, César Wagner Lima Góis e agregando, ainda, a Teologia da Libertação, a Educação Popular e a Biodança, nasce a Psicologia Comunitária.

Dessa forma, a Psicologia Comunitária se desenvolve dentro da Psicologia Social, mas se diferencia a partir de seu *locus* específico, ao tratar de ações interdisciplinares de desenvolvimento comunitário e local, trabalhando com temas como urbanização, organização de comunidade, planejamento social, orçamento participativo, entre outros, além de responder com mais especificidade às questões psicossociais decorrentes da vida comunitária. Essa abordagem tem como preceito uma nova formação do Psicólogo, que envolve teoria, prática e compromisso social.

Dessa forma, a comunidade passa a ser vista como uma célula da sociedade, capaz de irradiar mudanças e não de simplesmente erradicá-las (SAWAIA, 2009). Góis (2005) fala de uma Psicologia Comunitária fundamentada em uma práxis libertadora, que se volta para a compreensão da atividade comunitária como atividade social significativa, própria do modo de vida da comunidade e que abarca seu sistema de significados e relações, modo de apropriação do espaço da comunidade, a identidade pessoal e social, a consciência, o sentido de comunidade e os valores e sentimentos implicados nele.

Montero (2006) afirma que os objetos da Psicologia Comunitária são a comunidade e os processos e relações psicossociais que são construídos nela. Essa Psicologia prioriza os aspectos positivos que contribuam para o fortalecimento dos sujeitos, deixando de encarar o

homem como sujeito passivo, mas como ator social, construtor da sua sociedade. Portanto, o objetivo dessa psicologia é “a construção do sujeito da comunidade, mediante o aprofundamento da consciência (reflexivo-afetiva) dos moradores com relação ao seu modo de vida e ao modo de vida da comunidade” (GÓIS, 2005, p. 51), através do trabalho interdisciplinar voltado para a organização e desenvolvimento dos grupos e da própria comunidade. Compreende que o sujeito, ao apropriar-se de modo comprometido de uma atividade e participar da constituição de sua comunidade, atribuindo a ela um sentido próprio, aproxima-se do que se diz por sujeito comunitário, problematizador e transformador da realidade vivida, ativo na construção da sua história e da história da sua comunidade (GÓIS, 2004). Dessa forma, partindo do campo de pesquisa em que se fundamenta meu trabalho (moradoras do Conjunto habitacional Nova Caiçara), utilizarei a psicologia comunitária e seus conceitos de comunidade e sujeito comunitário. Assim, entende-se por sujeito comunitário:

Aquele que se descobre (compreende e sente) responsável por sua história e pela história da comunidade e que as constrói mediante a sua atividade prática e coletiva no mesmo lugar em que vive e faz história de sofrimento, luta, encontro, realização e esperança (GÓIS, 2004, p. 291).

Esse sujeito, portanto, se constrói no contexto comunitário, no espaço social de intermediação casa, família e sociedade, onde o indivíduo é compreendido como membro de uma cultura e com uma identidade de lugar. E é nesse espaço que os indivíduos estabelecem vínculos afetivos, compartilham histórias, memórias, lutas e desafios (GÓIS, 2008). A comunidade, dessa forma, reproduz características da sociedade, mas possui particularidades, singulares daquele lugar.

Falar de Comunidade, dessa forma, é falar sobre vida cotidiana, vida em comum, vida em coletividade, pois “é na Comunidade que grande parte da vida do sujeito é vivida” (CAMPOS, 2007, p. 9). Essa relação dos sujeitos com o ambiente, então, é algo que se constrói através de uma complexa rede de significados, afetos e jogos de poder e não somente pelos usos e funções aos quais esses espaços se destinam. Dentro dessa perspectiva, temos o conceito de comunidade alicerçado em características principais como: delimitação geográfica e territorial; atividades econômicas e sociais comuns; mesmo nível socioeconômico; laços históricos e culturais; necessidades e problemas comuns; convivência efetiva; mesmo sistema de representações sociais; identificação entre os

moradores e desses para com o lugar; espaço físico-social apropriado; e sentimento de comunidade (GÓIS, 2008, p. 85).

Dessa forma, considerando a importância da dimensão do sentimento de comunidade dentro de conjuntos habitacionais, é importante compreender como se constroem e se formam esses sentimentos entre sujeito e comunidade. E, ainda, nos perguntarmos: o Conjunto Habitacional Nova Caiçara, nesse sentido, se configura como uma comunidade?

Mas, não estamos falando apenas do conjunto habitacional, estamos falando propriamente da morada nessa casa. Ao tomar a casa como o primeiro ambiente de intimidade, compreendo a casa como o ponto de partida “do que se pode olhar”. Os contrastes e os limites sociais aparecem com significativa intensidade quando se aborda a dimensão do habitar. Os muros, a segmentação, as separações dos espaços geradas de modo sutil e, por fim, a periferação da população. Dessa forma, é indispensável discutir essa relação entre casa e comunidade.

Compreendendo que a comunidade possui diversos sistemas de significações e que é a partir da consciência que se constroem sujeitos-comunitários, busquei, neste trabalho, compreender, a partir da Psicologia Comunitária do Ceará, que a comunidade está para além de uma dimensão física e que, nela, coexistem uma rede de interações sócio-psicológica e de identidade social de lugar.

O conceito de identidade, para Ciampa (1994), é compreendido como uma expressão histórica, social e singular da individualidade, revelada permanentemente (em movimento, metamorfose) no processo de interação, representação e identificação com a vida social. A identidade, então, surge no processo de fortalecimento do sujeito, a partir da dimensão individual e coletiva. Dessa forma, nossa identidade é constituída a partir de cada experiência de vida e está necessariamente ligada aos ambientes nos quais as vivemos – lugares que evocam, de alguma maneira, partes de memórias que estão associadas a afetos e lugares que têm identidade própria, conferida pelos habitantes a partir da forma como se interrelacionam. Para Alves (2018), o lugar compreende os fenômenos concretos, mas também aqueles intangíveis, como os sentimentos, pois é uma totalidade, um fenômeno qualitativo que não se reduz às relações espaciais, incluindo sensações, formas, cores, texturas e afetos.

[...] o lugar é uma entidade única, um conjunto “especial”, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a

ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN, 1983 p. 387).

Essa relação sujeito-comunidade se estabelece como uma relação mútua, na qual todos se constroem e são afetados pelas experiências. Por isso, é importante pensar a noção de lugar sob o ponto de vista fenomenológico, uma vez que o mesmo é compreendido para além de suas características físicas e de localização geográfica (ALVES, 2017). É interessante perceber que as questões apontadas aparecem, por exemplo, no primeiro dia de mudança das pessoas para o Conjunto Habitacional. Alguns consideram o lugar inapropriado para sua morada e outros se relacionam de outras maneiras com o ambiente. As formas como os moradores representam e interagem com o conjunto Habitacional acabam refletindo nos Espaços Públicos e na própria Casa.

Dessa forma, novamente, é necessário perguntar como são construídos os projetos de habitação, para, assim, olharmos para suas condições de habitabilidade, no que se refere à configuração urbana. De acordo com Brandão (2005) é importante considerar os hábitos e culturas construídas na antiga habitação em que os moradores estiveram inseridos e intervir com esse olhar, buscando manter as características e respeitar as estruturas físicas das edificações existentes, para que se possa, a partir disso, elaborar projetos de intervenções específicos para essas áreas, considerando os contextos e histórias desses moradores.

Os sistemas afetivos humanos (sentimentos e sensações), como medo, alegria, tristeza, revelam sobre a ação política, pois, de acordo com o modo que experimentamos esses afetos, pode-se gerar participação ou passividade (SAWAIA, 2009). No que diz respeito ao Residencial Nova Caiçara, é possível contar sua história a partir do primeiro dia da mudança dos moradores para o residencial, entretanto, podemos questionar se seria esse mesmo o começo, já que eles trazem consigo concepções e experiências que podem conduzir o modo como se relacionam com o novo lugar. Para Moser (2005), a visão ambiental humana não é imparcial, mas perpassada pelas questões culturais e, por isso, é culturalmente marcada. Munida dessas questões é que busco entender como se dá a inter-relação entre sujeito e ambiente, olhando também para os afetos envolvidos com a casa (BOMFIM, 2010).

Além da psicologia social e comunitária, há ainda a psicologia ambiental, que nos ajuda a pensar sobre essa relação pessoa e ambiente. Dentre as definições possíveis para a Psicologia Ambiental, trago a de Moser (1998), que a concebe como disciplina que estuda as inter-relações entre o indivíduo e o ambiente físico e social, evidenciando os processos

cognitivos e afetivos que emergem da forma como as pessoas experimentam o ambiente. Assim, podemos entender que o modo como nos relacionamos com os lugares diz de uma relação que se constrói ao longo das experiências do sujeito com o mundo. Falar de mundo é, além dos encontros com outras pessoas, os encontros com os lugares ou espaços.

Para Tuan (1983), Espaços e Lugares devem ser visto como dimensões específicas, pois o Espaço seria o indiferenciado que, à medida que o conhecermos melhor, se transforma em Lugar. Nas palavras de Bomfim (2010), “Enquanto lugar é a segurança, espaço é a liberdade” (p. 74) Transformamos os espaços em lugares, como uma busca de criar laços de identificação com eles, o que nos permitiria a construção de uma segurança e vinculação com o espaço construído, ou melhor dizendo, com o Lugar.

Pol (1996) explica que, nessa relação, há uma interação dos aspectos psicossociais e sociofísicos como uma dimensão da identidade dos indivíduos e, ainda, sugere que a forma como estamos no mundo está relacionada às questões ambientais. Dessa forma, podemos concluir que é a partir da relação pessoa-ambiente que nos apropriamos dos lugares, construímos sentimentos de pertencimento ou apego por eles e, em seguida, os transformamos. Essa relação pautada em lembranças, imagens, afetos e atitudes constrói a identidade de lugar e, em consequência, a nossa subjetividade. Pode-se dizer, então, que construímos os lugares e eles nos constroem (PROSHANSKY, 1976).

Para cada relação que construímos com os lugares, precisamos escolher esse lugar como sendo nosso, ou melhor dizendo, nos apropriarmos dele, para, assim, criarmos a identidade desse lugar. Fazer essa escolha é o que podemos chamar de Apropriação. Para Bomfim, “[...] apropriar-se é identificar-se e transformar-se a si mesmo, a coletividade e o entorno. Isto quer dizer que o que cada um de nós é inclui, de maneira determinante, os lugares que temos sido e o lugares que somos [...]” (2010, p. 78). Por isso, essa relação não se faz forçadamente, ela acontece dentro das possibilidades que cada sujeito tem de se deslocar, de se experimentar e de estar nos lugares.

Mas o que estou querendo dizer sobre essas possibilidades? Seria uma verdade falarmos da importância de certos lugares como se fossem padrões? É aí que me posiciono, ao compreender que as possibilidades que cada sujeito constrói na relação com os espaços e lugares constituem sua identidade. A identidade de lugar repercute na identidade dos sujeitos.

Entendendo a Psicologia Ambiental como uma área interdisciplinar, e que por diversas vezes dialoga com a arquitetura, optei, neste estudo, pelo direcionamento a uma Psicologia Ambiental de enfoque transacional, que tem como unidade de análise as pessoas,

os processos psicológicos e o ambiente. Aqui, a vida cotidiana tem destaque, pois a construção subjetiva dos indivíduos são parte integrante dos lugares que eles vivem. Assim, como considera Bomfim (2010), “(...) debruçam-se sobre os aspectos psicossociais, de maneira a incluir vínculos cognitivos e afetivos relacionados ao espaço construído” (p. 76).

O processo de apropriação e significação dos lugares é crucial no entendimento do mecanismo de construção de uma identidade de lugar e, assim, na identidade dos sujeitos. Optar pela centralização dos processos psicossociais e histórico-culturais, na Psicologia Ambiental, é evidenciar que, na dimensão da identidade dos sujeitos, interagem os fatores psicossociais e os psicofísicos.

Outra categoria importante no estudo da Psicologia Ambiental, para projetos fins deste estudo, é a de “apego ao lugar” (LIMA; BOMFIM, 2009), pois tal conceito revela os afetos e emoções presentes na relação entre as pessoas e os lugares. Esse conceito se faz necessário, pois buscarei compreender os sentidos de habitar uma casa para mulheres beneficiadas pela Política de Habitação. Sendo assim, resgatarei a construção desses sentidos de habitar, pelo apego e afetos às suas casas. Bomfim (2010) considera a afetividade como uma dimensão mediadora da ação- transformação, então, quando decidimos estudar os sentidos de habitar uma casa no Nova Caiçara, partimos das relações de afetividade como mediadoras para a emancipação social.

Das diversas formas de compreender o lugar, o espaço e a habitação, elege-se o conceito de *habitar* para discutir como determinados espaços constroem a subjetividade. O lugar como dimensão ontológica seria o lugar como constitutivo do próprio ser e sua possibilidade de expressão. Não seria nenhuma novidade dizer que a ausência de uma casa ou um lar prejudicam a relação e a constituição dos sujeitos. Porém, esses prejuízos se dão também no campo existencial, em que o sujeito sem uma casa, ou em outras situações que deslegitimam uma moradia, constrói determinados significados para sua identidade, pois a apropriação, a vinculação e a identidade de lugar são constitutivas para a identidade.

Identidade, aqui, é compreendida numa perspectiva de ser humano, que se forma na relação dialética, sócio histórica e que ao mesmo tempo é único e mutante e não se separa da realidade que o circunda. A identidade, dessa forma, seria o resultado de um processo de constituição social do sujeito, elaborado por meio das suas mediações com o contexto em que vive. A identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é, sobretudo, uma questão social, uma questão política (CIAMPA, 1994).

Compreendendo, assim, que falar da relação com os lugares é falar também da identidade, nos deparamos com o conceito de habitabilidade, que é discutido, segundo Brandão (2005), como do ter e do ter-se no mundo, de tomar posse dele e de si.

Uma das formas do ser humano constituir sua posse de si e do mundo é edificando o seu habitat, no qual define e funda seus hábitos, sua habitualidade, e dá-lhes lugar, ou seja, cria uma morada, abriga os seus costumes (p. 36).

A habitabilidade de um espaço cria o bem-estar, quando se conforma um meio por meio do qual o habitante se conquista, se identifica, se vê abrigado em seus costumes, seus hábitos e encontra, no habitat, um modo de se ter, de encontrar-se (MARTINS, 2016). Envolve, portanto, muitos aspectos que afetam a qualidade da moradia, como a qualidade do material de construção, área construída, divisões internas e instalações, a segurança da posse da terra, a infraestrutura de abastecimento de água, esgoto, drenagem, sistema viário, forma do bairro e disponibilidade de equipamentos urbanos e serviços públicos, transporte, segurança, áreas de lazer e convivência comunitária, entre outros.

Dessa forma, a habitabilidade não se limita apenas às condições físicas da unidade habitacional em si, mas a partir de uma visão ampla e integrada de suas várias dimensões e componentes, inclui a segurança da posse da terra, o traçado e a morfologia do assentamento, a infraestrutura, os serviços públicos e equipamentos comunitários e as condições de acesso e mobilidade (MARTINS, 2016).

3.1 Trajetória metodológica

Até aqui, neste estudo, passamos pela política de habitação, em especial a discussão quanto ao direito à moradia e o Programa Federal Minha Casa, Minha Vida. Posteriormente, a partir do capítulo 2.2, introduzimos a relação pessoa-lugar e consideramos sua construção e importância para a subjetividade dos sujeitos e nos encontramos, em contrapartida, com a discussão sobre habitação, a Casa, esse lugar primário, ontológico e afetivo, que pode dizer um tanto de nós mesmos. Para aterrorizar mais ainda a discussão, finalizamos com questões sobre os lugares das mulheres nesse cenário.

Para concretizar uma pesquisa que visava compreender quais são os sentidos de habitar uma casa para as mulheres do Conjunto Habitacional Nova Caiçara/Sobral-CE, foi preciso uma caminhada firme e confiante no que seria apresentado, pois me deparei com o modo de vida dessas mulheres, dessa comunidade e desse lugar. O que será apresentado é

uma parte integrante da discussão do direito à moradia, do lugar afetivo e existencial da Casa e da trajetória das mulheres nessa temática. Como é dito por Montero (2006), “o método deve responder à práxis na vida cotidiana” (p. 36), nesse sentido, retifico a relevância desta dissertação, por se propor a trazer mais uma vez à tona uma temática do presente e necessária de transformação. Falar, pensar e escrever para, em paralelo, transformar.

Dessa forma, pensar o método para essa pesquisa, foi também pensar em como a ciência vem se organizando e por onde escolheria fazer essa caminhada. Nesse sentido, trago a importância de questionar a relação que a ciência vem construindo frente à reflexão epistemológica sobre o contexto cultural e político e seu compromisso na produção do conhecimento. Sobre isso, Santos (2008) se questiona quanto ao papel de todo o conhecimento científico acumulado a partir do enriquecimento ou empobrecimento das nossas vidas e se pergunta por que a ciência considera irrelevante olhar para os indivíduos ou coletivos a partir do que é ordinário, do que vivemos e sentimos.

Santos (2010) também nos apresenta reflexões sobre a superação da epistemologia global, expondo a ecologia dos saberes como um caminho para a construção do pensamento científico, a partir do reconhecimento da pluralidade de saberes e do conhecimento como intervenção no real, não como representação do real. A proposta, nesse sentido, é pensar pelo prisma do paradigma emergente, que considera que todo conhecimento científico seja social, local, total e de autoconhecimento. Desse modo, pensar sobre o fazer pesquisa como um instrumento de se fazer ciência fortalece a busca de saberes que nos permitirão dialogar com o que se sabe e com o que acontecerá. Não é somente sobre a importância da Casa para algumas mulheres do Nova Caiçara que este estudo se dedica, mas, sim, sobre quais os afetos e sentidos construídos pela sua casa que retratam sobre suas subjetividades, suas presenças no bairro, ou até mesmo sobre seu ser mulher.

Na mesma linha de pensamento, envolvendo a ciência emergente temos as ideias de Vygotsky, que dialogam também com a perspectiva dialética que envolve a dinâmica do local e da totalidade, discutida por Santos (2010). O método dialético, com foco na interdisciplinaridade, e a visão crítica da psicologia sócio histórica dialogam com a ideia da ecologia dos saberes proposta por Santos (2010). Para os dois autores, o caminho foi romper com as polarizações e validar as referências históricas, sociais e geográficas.

A perspectiva analítica herdada do método de René Descartes tende a produzir disjunções no entendimento da condição humana, separando o biológico do psíquico ou produzindo dissociações entre o cognitivo e o afetivo, por exemplo. Vygotsky (1996)

avança na proposta de um ser humano unitário, em que o biológico se apresenta como substrato material necessário à viabilização da manifestação das qualidades imateriais do psiquismo. Os componentes afetivos e volitivos se integram no sentido de potencializar as propriedades do cognitivo (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001).

A teoria de Vygotsky traz como pressuposto fundamental a ideia de mediação, ou seja, parte do reconhecimento da fundamentação da dimensão social do ser humano. Disso resulta que o processo de construção do sujeito se dá no contexto da intersubjetividade, através de mediações sucessivas a partir de instrumentos e signos, demarcando, numa construção dialética, que o sujeito é social, mas também singular (VYGOSTSKY, 1991).

Com isso, atravessaremos agora a escolha pelas emoções e sentimentos como instrumentos para chegarmos na subjetividade e, assim, como método de se fazer ciência. Quando Sawaia (1995) nos diz:

Cada cidade, bairro, rua e até mesmo cada casa tem um clima que não advém, exclusivamente, do planejamento urbano e da geografia, mas do encontro de identidades em processos – identidade de homens e espaços. Este clima perpassa diferentes entidades: eu, corpo, espaço domésticos, etnia, arquitetura. Dessa forma, os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios (p. 21).

Essa citação evidencia que os afetos são mediadores das descobertas e construções da relação das pessoas com as coisas do mundo, como é dito por Bomfim (2010), que a “[...] afetividade é um indicador de ética e cidadania na cidade” (p. 52). A afetividade será tratada, aqui, a partir do que foi explanado acima quanto às epistemologias que nos convidam a superar as dicotomias, em especial a vertente histórico-cultural, como um eixo orientador de observação e análise.

Dessa forma, analisar os sentidos da Casa para algumas mulheres moradoras do Conjunto habitacional é criar condições objetivas para que os afetos, memórias, necessidades biológicas, construções sociais e outras experiências sejam notadas, identificadas e utilizadas como elementos orientadores para a compreensão dessa relação.

Ao identificar o objetivo de pesquisa e as referências que dialogam com a temática, reconheço que esta pesquisa se situa no horizonte da abordagem qualitativa, do tipo exploratória, que tem como fundamento teórico a necessidade de problematizar as questões sociais em grupos particulares, construir novas abordagens, além de revisar conceitos e categorias durante a investigação (MINAYO, 2010). Para Creswell (2010), “a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador tipicamente envolvido em

uma experiência sustentada e intensiva com os participantes” (p. 211). Sendo assim, a trajetória metodológica desta pesquisa teve como princípio a relação do pesquisador com o pesquisado, numa relação afetiva, inteira e presente, cultivada com as mulheres moradoras do Residencial Nova Caiçara. De tal modo, a concepção prioritária que orienta este estudo se pauta na ideia de que andar pela comunidade, conhecer as pessoas e entrar nas casas é parte integrante da ética de ser pesquisadora.

Tomei como estratégia de intervenção para a aproximação do campo de pesquisa, bem como caracterização da população, o instrumento dos mapas afetivos (BOMFIM, 2010), uma roda de conversa e o que estou chamando de respostas ampliadoras, que se caracterizam como uma entrevista que é feita de forma aliada ao mapa afetivo, com o objetivo de aprofundar questões sobre o tema.

Foi utilizado também o diário de campo, como instrumento de registro de situações e acontecimentos vividos no campo, podendo revelar os aspectos heterogêneos do trabalho do pesquisador e sua relação com o campo. Weber (2009) nos diz que “o diário de pesquisa de campo permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender que serão relacionados pelos observados e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles” (p. 159). Não seria estranho optar por compartilhar minhas impressões e observações quanto à aproximação do campo, uma vez que o objetivo do estudo se trata de sentidos e afetos.

Na pesquisa qualitativa, a interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa é essencial. Nesse sentido, o trabalho de campo merece ser construído em consonância com os referenciais teóricos. Essa postura de aproximação entre pesquisador e participantes é coerente com o que nos propomos a pesquisar. E neste caso, como será apenas um encontro para aplicação dos mapas afetivos, o principal instrumento de observação, o diário de campo, fará os registros das conversas que aconteceram desde o momento que foram realizados os convites, até a participação destas na pesquisa, nas visitas domiciliares e outras conversas informais que aconteceram entre uma etapa e outra. Com isso, demarcamos nossa postura como pesquisadora e damos a devida importância aos fatos do cotidiano e as nuances do encontro com o outro. Como diz o antropólogo Malinowski (1984, p. 37) “o corpo e o sangue da vida real componham o esqueleto das construções abstratas”.

Até aqui nossa trajetória metodológica se resume em uma pesquisa qualitativa, que iniciou seu trabalho de campo com a utilização do diário de campo como instrumento de descrição e impressões. E como método de coleta de dados da pesquisa é pertinente trazer o

Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA) como instrumento e estratégia para captar os sentidos. O instrumento consiste em um método qualitativo e quantitativo, que utiliza como síntese interpretativa a comparação entre imagens e linguagens obtidas por meio de desenhos, metáforas e escores da Escala de Estima de Lugar. Quando Bomfim (2010) se questiona se “a afetividade pode ser uma categoria norteadora de uma ética na cidade” (p. 95) a mesma possibilita que podemos seguir os caminhos de analisar a relação sujeito e ambiente através das possibilidades de expressão da afetividade, possibilitando a apreensão das formas como essas pessoas conhecem, agem e se implicam com o ambiente. O resultado é a construção de mapas afetivos que expressam os sentimentos e as emoções (afetividade), como também a implicação psicossocial do indivíduo em relação ao lugar.

O mapa afetivo tem como função “conhecer a implicação do indivíduo com a cidade (ética e ação) e superar as dicotomias subjetividade e objetividade, individual e coletivo; cognição e afetos” (BOMFIM, 2010, p. 223). Assim, o instrumento serviu como fonte para compreender os sentidos de habitar a casa para mulheres do Conjunto Habitacional Nova Caiçara/Sobral-Ceará, a partir das políticas públicas de Habitação do Programa Minha Casa, Minha Vida.

Metodologicamente, o IGMA se organiza em quatro principais etapas: o desenho do ambiente pesquisado (aqui, a Casa que elas moram), o inquérito acerca do desenho (algumas perguntas sobre o significado do desenho, ampliação dos seus sentimentos sobre a casa e qualidades relacionadas ao desenho), a aplicação da Escala de Estima de Lugar e o questionário de perfil socioeconômico (BOMFIM et. al., 2014). Na parte qualitativa, o indivíduo é estimulado para que construa um desenho representacional do ambiente estudado e, em seguida, um inquérito. Na parte quantitativa, ou psicométrica, o indivíduo é convidado a responder uma escala *Likert* de cinco pontos, a Escala de Estima de Lugar (BOMFIM et. al, 2014), com a qual é possível calcular a estima do indivíduo em relação ao lugar.

Para esta pesquisa, optei por não utilizar a parte quantitativa, em decorrência do tempo necessário para a conclusão e por entender que é substancial ficar apenas com os elementos qualitativos. Segundo Bomfim (2010), este instrumento permite o acesso às afecções dos sujeitos em relação ao ambiente que vivem e/ou frequentam, rompendo a dicotomia dos métodos tradicionais de pesquisa, que privilegiam os aspectos cognitivos. Sendo meu principal objetivo compreender os sentidos de habitar essa casa, tal instrumento se faz presente na constituição simbólica da Casa construída pelas mulheres participantes da pesquisa. Conforme Bomfim, “o mais importante deste recurso é a possibilidade de

construção da afetividade como dimensão psicossocial” (BOMFIM, 2010, p. 221).

Além do IGMA, utilizei a roda de conversa, que pode ser compreendida, segundo Brandão e Araújo (2015), como um espaço de afetividade, um “bom encontro de sujeitos”. Citando Spinoza, os autores explicam que o bom encontro acontece quando a afetividade resulta na alegria, sendo, assim, capaz de fortalecer a potência de ser em cada indivíduo. Quando compreendemos a roda de conversa como potencializadora para um bom encontro e, assim, para boas discussões, construções ou conversas, podemos reconhecer a potência dessa estratégia como espaço de construção de saber e transformação. Como podemos perceber na citação abaixo:

Quando as pessoas sentam-se em círculo e, olhando diretamente umas às outras, discutem seus problemas comuns e confrontam suas diferentes visões de si e do mundo, estão fazendo muito mais do que simplesmente debatendo. Constroem vínculos e desenvolvem uma solidariedade que também existirá no ato de fazer (2015, p. 63).

Desta forma, reconhecemos a roda de conversa como uma estratégia para aprofundarmos os temas encontrados nos mapas afetivos e buscamos por meio dela, construir uma discussão que colocasse as mulheres com voz ativa sobre suas relações com a casa. Como o principal objetivo desta pesquisa é compreender os sentidos de habitar esta casa, a roda de conversa se alia ao clima de espontaneidade e afetividade, possibilitando compreendermos mais a fundo o que já foi iniciado na primeira etapa da pesquisa com o IGMA. Sendo assim, concluímos nossa coleta de dados com a finalização da segunda etapa. Até aqui temos os diários de campo, os mapas afetivos, as respostas ampliadoras e a roda de conversa.

Sobre as participantes desta pesquisa, foram moradoras do Residencial Nova Caiçara, em específico, mulheres chefes de família. O conjunto habitacional Nova Caiçara é localizado no município de Sobral, aproximadamente a 230 km de Fortaleza. Foi construído a partir do ano de 2013 e suas primeiras unidades foram entregues em 2014, totalizado em 3.364 apartamentos ou Unidades Habitacionais. A partir de levantamento realizado pela própria SEURB/Sobral, estima-se que residem mais de 15 mil moradores.

Para aplicação do IGMA como a primeira etapa de coleta de dados desta pesquisa, pensei, inicialmente, em realizar um único encontro para sua aplicação. Para isso, optei por fazer a pesquisa com um grupo já existente de mulheres, que acontecia no próprio Conjunto Habitacional, facilitado pelas assistentes sociais que compõem o trabalho técnico social do residencial, segundo informações dadas pela própria Habitação. Para esse encontro,

esperava em torno de 10 a 15 mulheres, que já estariam cientes da pesquisa e, com suas devidas autorizações, iniciariamos a aplicação do instrumento.

Entretanto, por questões institucionais da Secretaria de Direitos Humanos, Habitação e Assistência Social, os grupos de mulheres estavam todos parados e, por isso, precisei mudar os planos. A primeira estratégia foi montar um novo grupo, que se resumiria em dois encontros, sendo o primeiro a aplicação dos mapas e o segundo a roda de conversa. Porém, por duas tentativas frustradas, percebi a dificuldade dessa organização, por depender das atividades da secretaria e, dessa forma, ficou decidido que a aplicação dos mapas afetivos aconteceria individualmente, a cada visita feita às mulheres moradoras do Nova Caiçara. O método de escolha das participantes levou em consideração a participação delas em outros grupos de mulheres, pelo acesso às frequências disponibilizados pela secretaria, que mostraram as indicações.

Dessa forma, a trajetória metodológica desta pesquisa consistiu na utilização do diário de campo na inserção ao campo, do instrumento gerador dos mapas afetivos na primeira etapa, com aplicações individuais e, para segunda e última etapa, a realização de uma roda de conversa com as mesmas participantes da primeira etapa, para aprofundar os dados que foram encontrados. Para a contextualização do bairro Residencial Nova Caiçara, foi feita uma entrevista a uma profissional da secretaria que nos daria informações sobre a construção do residencial, possíveis dificuldades na aplicação no plano social pré-estabelecido no Projeto Minha Casa Minha Vida, e elementos que ampliariamos nosso olhar para este Lugar. A referida profissional é psicóloga, atua na secretaria há dois anos e esteve presente no desenvolver da segunda etapa do projeto, que se refere ao desenvolvimento de atividades sociais e educativas. A entrevista esta disponibilizada em anexo deste trabalho.

Como método de análise e interpretação dos dados do IGMA, utilizei a análise de conteúdo, que foi usada por Bomfim (2010) na validação do próprio instrumento. Bauer (2014) diz que o termo “análise de conteúdo” tem sido indicado para estudos e pesquisas que envolvem a importância central da fala, da narrativa ou discurso na vida social. Nesse sentido, trata-se de uma estratégia adequada para análise desse instrumento. Minayo (2010) nos diz que, operacionalmente, a análise de conteúdo consiste em “uma leitura em primeiro plano de falas, depoimentos e documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos no material” (p. 308). Essa análise se pauta, ainda, no estabelecimento de regras e diretrizes claras, bem como na sistematização e organização dos dados de pesquisa.

As fases do processo de análise podem ser organizadas em três principais tópicos. Inicialmente, tem-se a *pré-análise*, que consiste na organização inicial dos dados e a sistematização das primeiras ideias. Em seguida, é feita a *exploração do material*, que é a análise propriamente dita, na qual, com a sistematização das decisões já feitas, o pesquisador realiza operações de codificação, decomposição ou enumeração dos dados. E, por fim, o *tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação*, em que os resultados brutos são tratados de modo a serem significativos e válidos, estabelecendo quadros, diagramas, figuras e modelos que forneçam as informações principais levantadas nas análises (BARDIN, 1977).

A análise de conteúdo foi realizada pelos desenhos, significados do desenho, sentimentos e das palavras-sínteses, que se encontra no questionário. Em consonância com a formulação deste método desenvolvido no doutorado de Bomfim (2010), as categorias formadas foram de: contraste, insegurança, agradabilidade, pertencimento e destruição. Para categoria Contraste encontramos sentimentos, emoções e palavras contraditórias, apresentando uma polarização entre positiva e negativa. Para Insegurança os sentimentos e palavras se apresentam de maneira instável e às vezes, negativa. Para Agradabilidade apresentou-se representações positivas e de vinculação, para Pertencimento percebemos emoções de identificação da pessoa com o lugar e para Destruição destacam-se experiências em que o ambiente é percebido como mal cuidado e destruído. Nesse sentido, o principal objetivo da utilização do desenho é entender que o ato de desenhar facilita a expressão das emoções.

Desta forma, a análise de conteúdo possibilitou a explicitação dos afetos apreendidos pelo IGMA e conteúdos frequentes e relevantes nos diários de campo, nas respostas ampliadoras e na roda de conversa. Para assim, identificarmos formas afetivas de como as mulheres constroem sentidos sobre habitar esta casa advinda da política de Habitação.

Sobre os princípios éticos desta pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa da UFC, bem como a plataforma de pesquisa da Comissão de Ética em Pesquisa (CONEP), e foi aceito para a pesquisa de campo. Quanto à concordância dos sujeitos de pesquisa sobre suas participações, após explicitados os objetivos e procedimentos deste estudo, solicitei a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi garantido o sigilo das informações, cumprindo, assim, os princípios éticos que regem a pesquisa com seres humanos no Brasil, de acordo com a Resolução CNS 466/12.

3.2 Territorializando o Nova Caiçara

“O espaço é sempre histórico. Sua historicidade deriva da conjunção entre as características da materialidade territorial e as características das ações” (Milton Santos).

Neste tópico, me dedicarei a construir a territorialização no Residencial Nova Caiçara, como uma estratégia de contextualizar a pesquisa para além de onde ela se situa. O território, ou o lugar, diz mais do que as questões geográficas ou sociogeográficas, fala de um contexto que existem regras, culturas, histórias, estruturas, entre outras questões que corroboram as práticas sociais e existenciais.

Santos (2010), dentro da discussão sobre a globalização e como seus processos sócio-econômicos acentuam e aprofundam as desigualdades sócio espaciais, retoma conceitos básicos para compreender o fenômeno da estrutura espacial da sociedade, sendo eles o Território e o Lugar. Nos deteremos ao conceito de território. O território não está restrito à dimensão política do espaço e nem é organizado somente pelo Estado, ou seja, não é apenas um espaço delimitado pelas relações de poder. Dessa forma, compreende-se o território como uma formação construída, delimitada e desconstruída por relações de poder que envolvem diversos processos que territorializam suas ações com o passar do tempo (SANTOS; SILVEIRA, 2016).

Em especial, a categoria de análise não é o território em si, mas o território utilizado, que é composto por uma dialética do material e social. Nesse sentido, farei a territorialização do Nova Caiçara trazendo a configuração sócio espacial desse território. Para isto, utilizarei dados disponibilizados pela Secretaria de Direitos Humanos, Habitação e Assistência Social, que hoje tem a responsabilidade municipal das questões ligadas à habitação, e também dados da entrevista feita a uma profissional que trabalha na Secretaria (sua transcrição se encontra nos apêndices deste trabalho).

A construção do Residencial Nova Caiçara teve início no ano de 2012, finalizando no ano de 2016, e as famílias começaram a ocupá-lo em 2014. Inicialmente, no terreno que foi construído o Residencial, havia ocupações ilegais de cerca de 60 famílias. Reitero a ilegalidade das famílias, pois o terreno era da união, o que significa que não havia sido comprado e, sim, ocupado. Os primeiros passos da construção de um conjunto habitacional se resumem em mapear um terreno da união com condições favoráveis para construção,

construir o projeto habitacional para o estado, união ou município e, em seguida, é feita a desocupação das famílias residentes no local para início da construção. Abaixo (FIGURA 1), podemos observar uma fotografia do residencial Nova Caiçara.

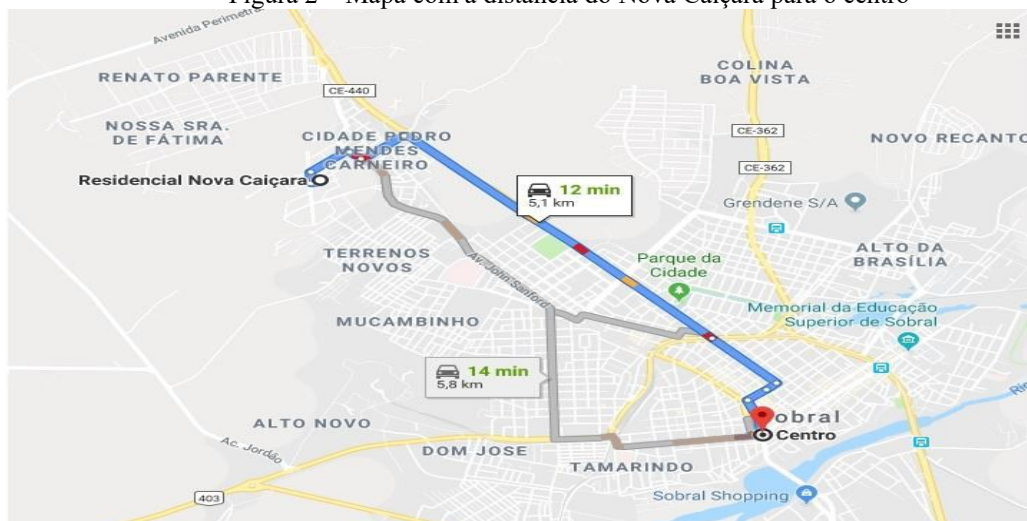
Figura 1 – Fotografia do Residencial Nova Caiçara



Fonte: Google (2019)

Segundo Maricato (2014) e Rolnik (2015), os conjuntos habitacionais geralmente se situam em regiões periféricas, onde por vezes há uma carência de infraestrutura urbana. Dessa forma, o que se encontra por trás dessa construção é uma reprodução da lógica mercantilista do território e das vulnerabilidades. O Residencial Nova Caiçara se encontra a uma distância considerada relevante pelos beneficiários, acerca de 5,1 km do centro, como podemos observar na Figura 2:

Figura 2 – Mapa com a distância do Nova Caiçara para o centro



Fonte: Google (2019)

O Nova Caiçara é advindo do Programa Federal Minha Casa, Minha Vida, o que torna seu processo bastante institucionalizado e burocrático, já que passava por muitas instâncias, como o Ministério das Cidades, que, na época, era o setor que gestava as políticas Nacionais de Habitação e, em contrapartida, a parceria de empresas bancárias, que também dialogam durante o projeto com os serviços do estado e com os beneficiários.

Podemos observar, abaixo, o mapa aéreo do Residencial Nova Caiçara, no qual é possível ver as ruas que transpassam entre as quadras (que são o que se poderia chamar de quarteirão). Dessa forma, podemos ter uma dimensão da área demográfica do Conjunto Habitacional (FIGURA 3).

Figura 3 – Imagem aérea do Residencial Nova Caiçara



Fonte: Prefeitura Municipal de Sobral/Secretaria do Urbanismo e do Meio Ambiente.

O conjunto habitacional Nova Caiçara se organiza em 18 quadras. Cada quadra oscila entre 10 a 18 blocos, que possuem de 3 a 4 andares cada, chegando ao total de 3.364 Unidades Habitacionais. As entregas não se deram ao mesmo tempo, por decisão de responsabilidade do município. Segundo as informações que tive acesso, essa estratégia se deu em proposta de a ocupação ser lenta e com o suporte necessário dos serviços, o que pode ser visualizado com mais abrangência na Tabela 1.

Tabela 1 – Relação das entregas e identificação das quadras e blocos

Entrega	Quadras	Nova identificação das quadras	Qtdade blocos	Qtdade moradores
408 unidades (ago/2014)	Quadra 05	Quadra 02	18	2346
	Quadra 08	Quadra 01	16	
444 unidades (dez/2014)	Quadra 01	Quadra 04	18	2329
	Quadra 06	Quadra 03	13	
256 unidades (nov/2015)	Quadra 03	Quadra 05	16	1460
	Quadra 02	Quadra 07	10	
832 unidades (mar/2016)	Quadra 03	Quadra 09	16	3706
	Quadra 04	Quadra 10	12	
	Quadra 05	Quadra 13	14	
	Quadra 07	Quadra 16	12	
144 unidades (jun/2016)	Quadra 02	Quadra 17	10	697
	Quadra 03	Quadra 18	16	
	Quadra 04	Quadra 15	10	
	Quadra 06	Quadra 06	4	
	Quadra 07	Quadra 08	8	
	Quadra 08	Quadra 14	16	
	Quadra 10	Quadra 12	6	
	Quadra 11	Quadra 11	10	
Total de 18 quadras			225	15.955

Fonte: Secretaria dos direitos humanos, habitação e Assistência Social (2019)

Para as 3.364 unidades habitacionais, estima-se o número de 15.955 habitantes dentro do Nova Caiçara. Esse valor é retirado dos cadastros das famílias moradoras do Nova Caiçara na sua constituição inicial, quando foram se cadastrar para concorrer à política. Na realidade, esses valores se modificaram, já que houve relatos de muitas famílias que abandonaram suas casas durante o processo de apropriação e ocupação do território. A caracterização das famílias e da ocupação no residencial pode ser vista na Tabela 2:

Tabela 2 – Resumo da população do Residencial Nova Caiçara

Nº de famílias	Nº de pessoas	Nº de moradores por família	Nº de crianças por família
3364	15955	5*	2*
Pessoas c/ deficiência	Nº de idosos	Nº de idosos chefes de família	Nº de mulheres chefe de família
308	228	92	3265
Renda média familiar per capita			
Até ½ salário mínimo			

Fonte: Secretaria dos direitos humanos, habitação e Assistência Social (2019). * Valores médios.

Até aqui, sabemos que o Residencial Nova Caiçara possui 18 quadras e que, para os técnicos da Secretaria, a forma como eles se localizam dentro do Residencial é a partir dos números das quadras ou pelas entregas. Os beneficiários se territorializam a partir do número da sua quadra e do seu bloco, mas também encontraram diferentes formas de caracterizar o território, como explicando que moram perto de algum ponto comercial ou de algum equipamento, além de terem criado nomes que caracterizam o Residencial em três áreas. Assim, há áreas formais e informais que caracterizam o Residencial.

Nas primeiras entregas eram chamadas de Carandiru, hoje em dia não se usa mais essa nomenclatura, não tem mais no território eles falando dessa forma ne: o que tem hoje é a baixada, que corresponde a quadra 17 e 18, que é lá no finalzinho depois da escola, do CEI, depois da escola Edgar Linhares que foi aberta agora, aí tem o morro da macaca que corresponde antigamente a 2, 4 e 5 que são atuais 9, 10 e 13 ali é morro da macaca, e tem a faixa de gaza que é entre terrenos novos e nova caiçara que é só uma rua que divide os dois bairros, os dois territórios que é chamado de faixa de gaza. (Trecho extraído da entrevista com profissional)

Dessa forma, podemos compreender que o morro da macaca, a baixada e a faixa de gaza são nomenclaturas que determinam áreas. Áreas que significam algo para eles e que, por algum motivo, necessitaram dessa divisão. Para muitos na cidade de Sobral, a forma de se referir ao Nova Caiçara é como Carandiru, o nome de uma penitenciária de São Paulo conhecida nacionalmente por massacres e por abrigar grandes referências do crime organizado. Isso denota o significado estigmatizante que a sociedade de Sobral tem com os moradores do Nova Caiçara. Qual é o impacto disso? Como é estar em um território em que a cidade tem como imagem um símbolo de violência?

Atualmente, no perímetro do Nova Caiçara, existe uma escola de ensino fundamental, uma creche infantil e um posto de saúde em construção. Para cobrir a assistência à saúde, 5 centros de saúde à família das redondezas estão disponíveis para a população do Nova Caiçara. Entretanto, a população não se sente com as condições básicas necessárias para o processo de moradia. Durante a entrevista com a profissional, algo que foi se apresentando com clareza foi a percepção de que as maiores dificuldades que os moradores enfrentam acerca da apropriação da casa e do território são a falta dos equipamentos sociais e o estigma da sociedade sobre quem mora no Nova Caiçara. Isso pode ser observado no seguinte trecho da entrevista:

O que eu mais escutei foi a falta dos equipamentos sociais. É muito chato tentar explicar isso porque, eu acredito também que deveria ter sido entregue com tudo ne? Tinha diminuído muito os nossos problemas, principalmente na saúde. Porque por mais que 5 CSF's ne, Centros de Saúde da Família, tenham se dividido pra conseguir receber essa demanda, eles não conseguem porque eles já tinham a demanda deles, já extrapolou o número de acompanhamentos, ne? (Trecho extraído da entrevista com profissional)

Nesse sentido, a dificuldade de acessar os aparelhos de saúde, educação, lazer, entre outros e a visão estigmatizante que a sociedade sobralense tem dos moradores do Residencial tornam a moradia no Nova Caiçara com um certo nível de dificuldade que, por vezes, podem fazer os moradores abandonarem seus imóveis. Isso pode ser entendido como conteúdo de violência para os moradores, ou mesmo de sofrimento, como retrata um pouco do que a entrevistada quando perguntada sobre as expressões da violência no Nova Caiçara:

Existe o tráfico em si, ne, mas com relação a violência que se apresenta, principalmente assim, pra gente da área da psicologia, ele afeta muito a saúde mental, porque a principal violência é de você tirar o direito de ir e vir do cidadão, porque eles chegam tão adoecidos, assim, angustiados por não poderem mais frequentar outro bairro por que moram no nova caiçara, ou pessoas que são realmente ameaçadas, “oh, você não pode mais visitar sua família no bairro tal, porque você é daqui, se eu vir você com algum familiar que é de um bairro que é comandado por outra organização criminosa, você pode morrer”, então essa ameaça psicológica é o que eu vejo de mais violento, né, de como se dá lá no residencial, porque a violência mesmo assim, física de arma de fogo, essas coisas, a gente nem tem tanto no território. (Trecho extraído da entrevista com profissional, 2019)

A violência, aqui, é expressa no conteúdo mais psicológico, porque fala do medo: do medo de transitar entre os bairros, medo de ser expulso do residencial, medo de ocupar o que é seu. Entretanto, sobre a realidade das facções criminosas e sua ocupação nos bairros,

a questão é mais complexa. Sobre esses grupos sabemos que historicamente com o crescimento dos índices de criminalidade nas cidades, concomitantemente com o crescimento urbano, a prática criminosa foi encontrando espaço como refúgio da realidade de desigualdade social que é vivido pela população das periferias. E é nesse cenário que nascem as organizações criminosas com uma estratégia controlar a logística do crime nas cidades com a finalidade de exercer o monopólio do tráfico de drogas.

Segundo Viana (2018) as facções criminosas tendem a se estabelecer em áreas da periferia das cidades, no qual passam a ter controle sobre as comunidades, ditando regras de conduta e procuram executar o domínio sobre a área em questão, com isso criam diversos conflitos de território. Como podemos observar na citação da autora:

Os moradores das áreas em questão encontram-se em situação difícil, uma vez que têm sua rotina controlada. Dentre os sentimentos nutridos, estão apreensão, tensão e principalmente medo. Medo, sobretudo, de ser alvo de retaliações promovidas pelas facções rivais em face de algum desentendimento. A circulação pelos moradores dentro da própria comunidade é limitada, o que corrobora o enfraquecimento das relações de afinidade entre vizinhos *(Trecho extraído da entrevista com profissional, 2019)*

Desta forma, compreender o impacto que as facções criminosas têm nos territórios de periferias é uma condição para o processo de territorialização. Se faz necessário registrar que no Residencial Nova Caiçara se tem uma facção criminosa, no qual todos sabem qual é, e como elemento dificultador da acessibilidade dos moradores do residencial aos equipamentos estatais, é que o bairro circunvizinho chamado informalmente de Terrenos Novos é controlado por outra facção, e nele se encontra escolas e posto de saúde.

Para finalizar a territorialização do Nova Caiçara, outro conteúdo que se destaca é a questão da arquitetura do condomínio. O fato de serem apartamentos e não casas é compreendido, durante a elaboração do projeto, como a estratégia de transformar o alto índice de déficit habitacional do município em uma menor escala e, nesse sentido, a verticalização das moradias implica em utilizar qualitativamente o espaço. O que pode ser entendido como uma estratégia que visa transformar a realidade da política de habitação do município, entretanto, implica em transformar a realidade dos moradores em uma nova relação com a morada, já que os mesmos vêm de uma história de moradia de casas. Podemos verificar, na fala abaixo, um complemento de tal discussão:

Acho que a verticalização foi o que mais pesou também pra não adaptação ao local e a arquitetura mesmo assim, tem coisas, a construção é um molde, a mesma construção que tem lá no rio grande do sul, em Fortaleza, veio pra sobral, então não teve, eu não consigo enxergar nenhuma adaptação da

estrutura que tenha sido pensada pra o interior do nordeste. Então, eu acho que... A minha crítica com relação ao projeto, porque não teve o urbanismo social, porque no urbanismo social você só constrói pra o sujeito se adaptar da melhor maneira, pra que ele realmente entenda aquele espaço, aquele lugar como seu lar e pra isso teria que deixar a cara do sujeito, ou da comunidade. (Trecho extraído da entrevista com profissional, 2019)

Dessa forma, tendo caminhado numa territorialização do Residencial Nova Caiçara, em que conhecemos sua organização geográfica, localização na cidade, estrutura arquitetônica, nomenclatura das áreas informais e conteúdos sociais da utilização do território, caminharemos agora para a inserção no campo, revelando como aconteceram os passos da pesquisa e a minha caminhada como pesquisadora.

3.3 Inserção no campo

A efetiva inserção no campo durou cerca de um mês e meio, começando no meio de março e terminando no fim de abril. Sobre ser efetiva, justifico assim, pois a relação com o campo já existia há mais de 4 anos e a vinculação com a secretaria, que foi ponte para o retorno ao Nova Caiçara, também era pré-existente. Porém, no tocante a esta pesquisa, mesmo sendo citada há um tempo, com a carta de anuência enviada para a secretaria e a realização de conversas com os técnicos, foi apenas em abril que começamos a falar sobre a sua efetivação.

Para a descrição de como se compreendeu a minha inserção como pesquisadora no campo, vou remeter-me aos diários de campo, que foram utilizados como instrumento de registro e levantamento de questões do tema pesquisado. Eles estão disponíveis nos anexos deste trabalho, em ordem das datas das visitas.

A inserção no campo se iniciou com visitas à Secretaria de Direitos Humanos, Habitação e Assistência Social, da Prefeitura de Sobral, em específico à Coordenadoria de Habitação. Essa coordenadoria não se encontra mais dentro do prédio da prefeitura, nem na secretaria que antes se encontrava quando trabalhei nela, o que revela muitas mudanças institucionais e políticas no que se resguarda à política de habitação no município de Sobral. Hoje, a coordenadoria de habitação trabalha com uma média de 30 funcionários, sendo 20 assistentes sociais direcionados para o trabalho técnico social do Nova Caiçara.

Foram em torno de 6 visitas à coordenadoria, sendo, inicialmente, para apresentação da pesquisa, com a entrega do projeto aprovado na qualificação e da carta de anuência, para que fosse aprovada minha pesquisa dentro da prefeitura, pois, logo na

primeira visita, percebi que precisaria do apoio da Habitação para acessar o Nova Caiçara e também para acessar informações da territorialização, uma vez que essas informações não estão publicadas e, assim, não estão disponíveis pela rede. Dessa forma, se fez necessária a carta de anuência com as devidas solicitações. Em seguida, foram feitas apresentações sobre a pesquisa e solicitações de arquivos dos beneficiários e de mapas do Nova Caiçara e, por fim, começaram os planejamentos de inserção dentro do Residencial.

Dada informação anterior sobre a existência de grupos de mulheres conduzidos pelas técnicas, comecei buscando a existência de tais grupo – foi uma surpresa descobrir que, no momento, não havia nenhum. A justificativa dada para o desmembramento dos grupos foi o cenário institucional no qual se encontra a coordenadoria, que, por motivos burocráticos, teria em torno de 99% de seu corpo técnico trocado até o final de abril. Isso gerava uma situação de incômodos por toda a equipe, que foi visível logo no primeiro encontro. Dessa forma, uma parte das atividades havia sido paralisada para o encerramento de outras. No caso, o grupo de mulheres entrou nas que foram paralisadas.

Nessa primeira situação, compreendi que precisaria atualizar as formas de inserção no campo, já que a primeira etapa da pesquisa, onde aconteceriam as aplicações dos mapas afetivos, seria em um grupo de mulheres. Sendo assim, precisaria montar um grupo, o que iria requerer a mobilização para encontrar mulheres interessadas em participar desta pesquisa. Como estratégia inicial para encontrar essas mulheres, busquei identificar aquelas que já participavam do grupo de mulheres que acontecia anteriormente.

O Residencial Nova Caiçara, hoje, é dividido em quadras, sendo 18 no total. Os técnicos geralmente se dividem em duplas e ficam como técnicos de referência de uma ou duas quadras, realizando visitas às famílias e atividades para a população dessas quadras. Como antes desse cenário da coordenação de habitação havia alguns grupos de mulheres, a partir de conversas com as técnicas, a escolha pela quadra se deu pela disponibilidade da técnica em auxiliar a pesquisa e pelos seus bons relatos do grupo de mulheres que facilitava. Sendo assim, decididos a quadra e a técnica que me acompanharia nessas visitas, começamos a procurar as folhas de frequências do grupo, para criar uma lista das possíveis mulheres convidadas a participar. Passamos uma manhã fazendo esse levantamento e a tabela com os nomes e números dos apartamentos das possíveis participantes da pesquisa.

Na outra ida à Habitação, na qual pretendia iniciar as visitas às mulheres indicadas na tabela, houve o imprevisto do adoecimento da técnica responsável pela quadra que aconteceria o grupo, ficando, de certa forma, inacessível, pois a técnica que conhecia a

quadra e as mulheres, não estaria mais comigo. Dessa forma, desisti dessa quadra e comecei o processo do zero mais uma vez. Conversando com os técnicos, decidi outra quadra, que também tinha um bom histórico do grupo de mulheres. Fechando a disponibilidade da técnica, começamos a fazer o levantamento das frequências para saber as mulheres participantes do grupo, fizemos uma tabela com os nomes e endereços e marcamos mais uma vez o próximo passo, o convite às mulheres.

Entretanto, não foi o que aconteceu, e mais uma vez as dificuldades institucionais interferiram no processo da pesquisa. Surgiram algumas reflexões sobre a dependência que a pesquisa estava tendo da Habitação, ou mesmo se havia outras formas de acessar o Nova Caiçara. Mas, era fato que haviam sentimentos de medo e receio de entrar em um lugar com o qual não tinha mais uma relação próxima. A imagem do Residencial Nova Caiçara, para a cidade de Sobral, era carregada de estigmas. Havia, ainda, outra questão: esta pesquisa se situa em temas como a Política de Habitação e conjuntos habitacionais, então, essas experiências mereciam ser vividas durante o curso da pesquisa. Essas dificuldades também são apontamentos sobre o formato da política de Habitação no município de Sobral, como podemos perceber neste relato do diário de campo:

Chegando lá fui ao encontro da técnica que está me auxiliando no planejamento e comunicação com a minha inserção ao campo. Ao conversar com ela, percebi que por questões internas, seria possível que as técnicas que me acompanhariam até o NC não pudessem ir por conta do carro. E falou de adiar mais uma vez. Muito preocupada, disponibilizei meu carro para irmos, e a mesma questionou quanto a questão de segurança, da não identificação da prefeitura, mas também sobre o fato de que se for de manhã, teria que ir de noite também. A questão da segurança já havia sido mencionada antes. E, claro, eu tinha meus receios, mas já não havia outra possibilidade. Porém, não senti abertura para isso. Decidimos deixar o dia de amanhã chegar e descobriremos o que fazer. Saí arrasada. Com a sensação de mais uma vez me distanciar da minha inserção no campo. Fiquei sentindo isso, e percebi que preciso pensar novos planos, outras possibilidades. Liguei pra minha orientadora, porque senti que sozinha não conseguiria decidir tais mudanças. (Diário de campo 5)

As dificuldades que os técnicos têm de acessar o Residencial se destaca pela questão do transporte. Eles precisam de um carro que os leve até lá e, como foi dito na territorialização e também na entrevista com a técnica, o adesivo no carro da Prefeitura já é um símbolo de quem são eles lá dentro. Representantes do estado. Por duas vezes, foram adiadas as etapas da pesquisa por conta de não conseguirmos acessar o Residencial. Se os técnicos não iam, a pesquisa não acontecia. Dessa forma, novas estratégias precisavam ser descobertas ou inventadas. E, mais uma vez, podemos acessar tais sensações no diário de campo:

Está claro pra mim, que estou correndo contra o tempo. Todo o meu atraso surge em um nervosismo de fazer dar certo. E, perceber que o campo não está tão aberto pra mim como eu esperava, é frustrante. Mas agora me vem essa enorme vontade de encontrar algumas mulheres do Nova Caiçara e compreender o que passei pelo menos 1 ano e meio me perguntando e estudando: será a casa um elemento tão existencial assim? Quais são os afetos que essas mulheres têm por essas casas? Perguntas, essas, não saem da minha cabeça. Como para amanhã está marcado o meu primeiro dia de ida ao Nova Caiçara para aplicar o instrumento, achei interessante ir na secretaria saber se estava tudo ok para a minha ida. (Diário de campo 5)

Com a constatação de mais um obstáculo, percebi que era hora de repensar as trajetórias metodológicas e optei, por conta do tempo e de uma maior resolubilidade, que a etapa da construção dos mapas afetivos seria individual. Faríamos visitas na casa das mulheres, que estavam na lista por já terem participado do grupo de mulheres, e, assim, apresentaria a pesquisa e, depois de uma conversa, aplicaríamos o IGMA. E dessa forma aconteceu. Foram 5 idas ao Residencial Nova Caiçara e 12 aplicações do mapa afetivo foram feitas.

Como essa mudança implicava em não mais fazer o grupo, conversando na coordenação de habitação, ficou decidido que as visitas não seriam feitas com o transporte da prefeitura, o que tornou o processo mais independente. A técnica que acompanhava as visitas trabalhava no Nova Caiçara desde a sua construção, passou por todo o processo de mudança e conhecia boa parte das famílias. Como técnica de referência dessa quadra, a mesma se sentia segura lá, mesmo que por vezes tenha feito orientações sobre horários, pessoas e certos comentários, como relatado sobre algo que aconteceu durante uma visita ao Residencial:

Fizemos três entrevistas. Em uma delas demoramos bastante. Muitas emoções que foram deflagradas pelo instrumento. Questões relacionadas a sua solidão e conflitos com um filho usuário de drogas. Quando terminamos as 3 entrevistas já era 11h15, ainda iríamos procurar a quarta, mas percebemos um certo movimento que nos deixou inseguras. Um rapaz que é conhecido por envolvimento nas gangues não respondeu ao nosso bom dia, e para a técnica isso era um sinal de que estava na hora de ir embora. Eu, claro, segui as instruções. Não é a primeira vez, nessas últimas idas ao Nova Caiçara, que experimento sentir medo. (Diário de campo 7)

A experiência de vivenciar sensações de medo, exposição e desproteção se apresentava fora das casas, nas caminhadas e procuras pelos blocos e apartamentos. Dentro das casas das participantes, outras sensações me invadiam e, por vezes, essa sensação de insegurança fora da casa, pareceu se alinhar com os comentários trazidos durante as

entrevistas. O processo de aplicação dos IGMA foi vivido com muito prazer. Era uma honra ter a autorização de entrar em suas casas e poder escutar um pouco de suas histórias, como descrito neste trecho do diário de Campo:

Saimos por volta das 9h e fomos a caminho do residencial Nova Caiçara. Chegando lá, nos dividimos em dupla, os técnicos foram mobilizar para a atividade de hoje a noite, e eu fui com a técnica que me acompanharia nessas visitas. Pela manhã fizemos 4 aplicações, fomos em mais 2 casas de mulheres que não estavam em casa. Me senti muito bem. Senti que agora a pesquisa tinha começado. E também fiquei feliz por ter várias dessas mulheres que lembravam de mim. (Diário de campo 6)

O que se apresentava como sensações emocionantes e agradáveis, muito tinha de uma antiga vinculação com essas mulheres, suas realidades e lutas, mas havia principalmente uma grande sensibilidade e empatia pelos assuntos que apareciam como respostas do IGMA. Ali era a maior experiência que o mestrado havia me proporcionado. E foi daquele instante, do momento do encontro, das trocas de olhares, dos retratos mentais feitos das suas casas, que se compuseram os dados desta pesquisa. Como registro, apresento abaixo as Figuras 4 e 5, registros desses momentos:

Figura 4 – Fotografia da aplicação do IGMA



Figura 5 – Fotografia da aplicação do IGMA



Porém, as questões que eram suscitadas nas entrevistas nem sempre abarcavam o tema, por abrirem portas para outras demandas, como questões da educação dos filhos, problemas de saúde e problemas familiares. Não poderia ser considerado, tal fato, como

algo desagradável ou incômodo. De fato, era uma experiência especial para mim, como retratado neste relato do diário de campo:

Hoje retomamos a ida ao Nova Caiçara para continuar a aplicar o IGMA. Venho percebendo que durante as aplicações aparecem muitas demandas, emoções, choros, que geralmente falam das dificuldades que as mulheres passam ou passaram e por conta disso, a duração de cada aplicação dura em torno de 40 minutos. Outro elemento que venho percebendo é uma certa repetição nas respostas do instrumento, além de muitas respostas sucintas. Nesse sentido, optei por reduzir o número de participantes de 15 para 10, no intuito de aprofundar no segundo momento, o da roda de conversa. Temas que circundam meus objetivos. Assim, poderei buscar aprofundar as conversas. (Diário de campo 7)

A proposta inicial, quando decidi mudar o modo como aplicaríamos os mapas afetivos, não modificou a quantidade de pessoas que seriam participantes da pesquisa, visto que esta era a média de mulheres que participavam dos grupos de mulheres. Porém, como foi descrito na citação acima, em decorrência do tempo utilizado para cada mapa, com a observação da repetição das repostas, configurando-se uma certa experiência geral, optei por fazer 10 mapas afetivos, para que tivéssemos mais tempo e possibilidades para uma confortável organização e qualidade no encontro da roda de mulheres. Entretanto, por conta de uma participante da pesquisa que, na finalização da sua entrevista, já avisou que não participaria da roda de conversa e por uma ótima oportunidade, no último dia de aplicação, de seguir as indicações das próprias mulheres de quem seria a próxima entrevistada, o total de aplicações do IGMA foi de 12.

Fomos em um bloco, e lá consegui aplicar o instrumento com 3 mulheres. Não só 2, mas 3. A primeira foi bastante receptiva. Nos recebeu de toalha enrolada no corpo e enquanto conversávamos, foi separando o feijão, mas antes desligou a televisão que estava naqueles programas de notícias bem violentos. Ao terminar com ela, optei por perguntar a ela se ela saberia dizer de mais alguma mulher que morasse no bloco dela que gostaria de participar da pesquisa, ela disse o nome de duas e já foi comentando que seria legal porque na roda de conversa elas iriam as 3. E foi o que aconteceu. (Diário de campo 8)

Terminadas as aplicações dos mapas afetivos, partimos para organizar e planejar o encontro da roda de conversa. O lugar ainda estava incerto, mas uma das entrevistadas propôs que o encontro fosse na sua casa e a sensação, como pesquisadora e organizadora do próximo momento, me dizia que esse gesto de afetividade quanto ao momento, ao encontro com outras mulheres e à sua casa merecia ser visto. Entretanto, ao mencionar para uma outra entrevistada sobre a possibilidade de ser na casa dela, da que propôs que fosse na sua casa, ela não gostou. Demonstrou com gestos faciais que estava desagradada e

comentou algo sobre não poder ser em outro lugar. E foi o que tentamos. Tentamos que fosse em outro lugar, mas nada pareceu mais apropriado, íntimo e afetivo como a casa da entrevistada que fez o convite.

O processo de planejamento da roda de conversa se deu da seguinte maneira: inicialmente já deixei as mulheres avisadas desse encontro, peguei seus contatos via celular e mapeei o melhor horário e dia para elas. Como a roda de conversa se apresenta como procedimento metodológico de aprofundamento das questões encontradas nos mapas afetivos e também como estratégia de acessar os objetivos específicos desta pesquisa, foi-se necessário iniciar a análise de dados dos mapas e encontrar categorias e elementos norteadores para os objetivos desta pesquisa, que precisasse ser aprofundado.

Desta forma se construiu o planejamento da roda de conversa. Foi elaborado 8 perguntas mediadas pelas questões trazidas na análise dos mapas afetivos, sabendo que a roda de conversa poderia caminhar suas discussões de forma livre e espontânea. Desta forma, com 3 dias depois da última entrevista, realizamos a roda de conversa. Foi na quinta-feira às 17:30, horário este proposto pelas próprias mulheres. Abaixo podemos encontrar citações do diário de campo que conta sobre os primeiros passos da roda de conversa.

Hoje é o dia da Roda de conversa. O combinado inicial era pra ter sido ontem, mas houve um problema no carro da prefeitura, a equipe que iria pra fazer uma atividade lá, não iria mais e a técnica que me acompanharia na roda de conversa achou que não seria uma boa estarmos lá sozinhas. A Roda de conversa será no comecinho da noite, pela indicação das próprias mulheres sobre o melhor horário. Sendo a noite e estando só nos duas dentro do Nova Caiçara, também fiquei um pouco medrosa. Por varias vezes as idas ao campo me senti com medo, medo pelo que podia acontecer, pois já aconteceu. Embora não ache uma boa a roda de conversa ser na quinta-feira, pois entendo que já é o comecinho do fim de semana e uma aproximação com momentos mais festivos e com isso, bebidas e outras coisas, achei que não era o melhor, porém, também entendi o lado de estarmos “descobertas”. (Diário de campo 9)

A referida mudança de plano relatada acima, retrata uma situação que se repetiu nesta pesquisa, o fator de dependência com uma proximidade ou mesmo uma assistência da equipe da Habitação. O que pareceu muitas vezes ser um ponto positivo, de segurança, por outro lado se apresentou como frustração e incômodos. Precisar da equipe para conseguir acessar o campo desta pesquisa revelou a insegurança da pesquisadora e o distanciamento com as pessoas. Para chegar até elas, precisava de uma ponte, de um livre acesso, de uma facilitação. Seguindo os detalhes do planejamento da roda de conversa, sabemos:

E foi assim, desde hoje de manhã que ligo para as mulheres convidando-as para esse momento. Digo a hora e local e digo também que oferecerei um lanche para elas em agradecimento à sua participação. O que pra mim é uma grande verdade. Das 11 mulheres consegui falar com 5. Uma delas se disponibilizou a falar com mais duas, que morava no seu mesmo bloco. Falou assim: “Você já ligou para as outras meninas, aí eu disse que não, então ela disse: pois não ligue não, pode deixar que eu mesmo convido elas, e a gente vai todo mundo juntas.” Achei ótimo! E com a moça dona da casa que iríamos fazer o encontro, liguei de novo e pedi para ela convidar mais duas mulheres que moravam perto do seu bloco. Ela na hora aceitou. Dessa forma, ficou apenas uma mulher sem que eu tenha conseguido convidar. (Diário de campo 9)

O que precisava ser feito para que a roda de conversa acontecesse, foi feito. E ela aconteceu. As impressões iniciais foram estas:

Fomos em direção a casa onde aconteceria a roda de conversa. Me senti bem e sem nenhum traço de medo. Várias pessoas na “calçada” (espaço entre um bloco e outro que fica sempre com as pessoas sentadas e onde também acontecem reunião, cultos e vendinhas). Chegamos na casa e só tinha a dona da casa, que nos recebeu muito bem, com abraços e sorrisos e com a casa bem limpa, organizada e já com algumas cadeiras. Em menos de 5 minutos já chegaram mais duas mulheres. Adorava recebê-las. A cada chegada um abraço e um agradecimento pela sua presença. De 09 mulheres que convidamos, pois 2 não consegui ligar e uma já havia dito que não queria participar, 6 compareceram. E outras 3, logo no começo quando as mulheres foram chegando, se sentaram e ali ficaram. Mesmo eu explicando que ali era a continuação de um momento, elas não quiseram sair, achei que esse posicionamento delas merecia ser respeitado. Eu estava na casa delas, não fazia sentido pedir para elas saírem. Começamos as 18hs e terminamos as 19hs e com a finalização da conversa, ofereci um lanche para elas com salgadinhos, refrigerante e chocolates. (Diário de campo 9)

Este encontro foi especial. A troca de conversa, a disponibilidade daquelas mulheres em estar alí, foi a prova dos afetos que elas experimentam pelas suas casas, pela vizinhança e pelo Residencial. É fato que algumas questões trouxeram novidades e outras poderemos aprofundar a discussão, desta forma, podemos reconhecer a potência deste encontro e seus resultados. Como última citação do diário de campo, finalizamos o encerramento da inserção ao campo.

Sensação de amorosidade pela aquelas mulheres. Nas ultimas perguntas, quando busquei investigar comentários e percepções sobre a política de habitação e todo o processo da conquista da casa, senti uma certa expectativa por elas de que eu ajudasse algumas daquelas reclamações que elas traziam. Fiz questão de explicar sobre o meu lugar de não estar ali representando a prefeitura, mas senti que para algumas mulheres isso ficou confuso. Bom, hoje termino minha pesquisa de campo, e a sensação é maravilhosa. Confesso que gostaria de tempo para mais encontros. Senti que elas gostaram muito. Inclusive a técnica da prefeitura que me acompanhou, comentou isso, sobre como ela percebeu o quanto aquelas mulheres gostaram do encontro e de mim. Com isso, até fez uma

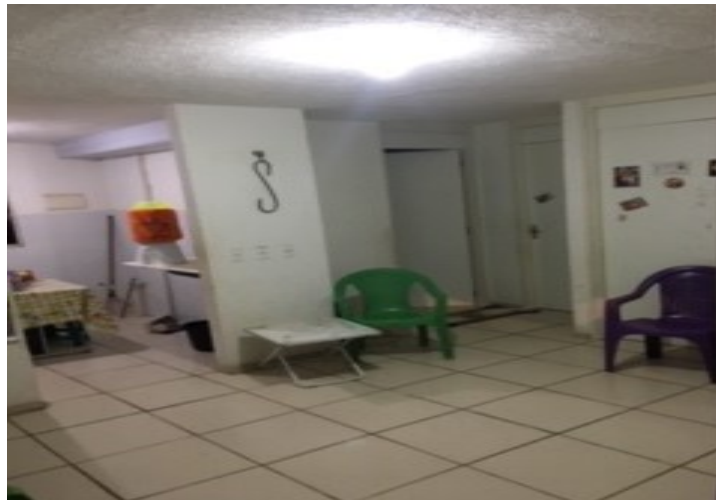
avaliação e comentário sobre sua atuação dentro do Residencial Nova Caiçara. Acho que por hoje é isso. (Diário de campo 9)

E como registro, tiramos uma foto da casa de onde aconteceu a Roda de Conversa e dos pés das participantes como um ritual afetivo que simbolizaria na relação da pesquisadora com as participantes a importância daquele momento.

Figura 6 – Fotografia com os pés dos Participantes da Pesquisa



Figura 7 – Fotografia da Casa onde aconteceu a Roda de Conversa



4 DESCOBRINDO OS SENTIDOS DE HABITAR A CASA DO NOVA CAIÇARA

Posteriormente as explicações dadas no capítulo anterior quanto à metodologia, a territorialização e a inserção no campo, partiremos agora para a leitura e análise do que encontramos na trajetória metodológica escolhida para esta pesquisa. Como nesse estudo se pretende verificar a relação da casa como dimensão ontológica, existencial e social, sendo ela, a casa, advinda de uma política de habitação fruto do Programa Nacional Minha Casa Minha Vida, buscaremos então compreender as relações de afetos que as mulheres moradoras do Residencial Nova Caiçara têm com suas casas. Dessa forma, o que buscaremos perceber nos IGMA, na roda de conversa, nas respostas ampliadoras e nas impressões da pesquisadora nos diários de campo são os afetos vividos pelas mulheres pelas suas casas.

Para construção da análise dos dados e chegarmos a uma melhor visualização dos resultados encontrados pela aplicação dos mapas afetivos e pela roda de conversa entre as mulheres, começaremos fazendo uma codificação e catalogação dos conteúdos que apareceram nos mapas afetivos e em seguida classificaremos em unidades para uma melhor visualização dos dados encontrados. Para cada aplicação do mapa afetivo das 12 mulheres que participaram da pesquisa, faremos uma Tabela com 8 dimensões, sendo elas a Classificação, Estrutura/Desenho, Significado, Qualidade, Sentimento, Metáfora, Sentido e Imagem. Modelo este inspirado no livro Cidade e Afetividade de Zulmira Bomfim, 2010. Para melhor explicação, abaixo apresentaremos o modelo original com as informações referentes a cada unidade para categorização dos mapas afetivos, e embora não utilizaremos a tabela no seu formato original, a diagramação feita pela pesquisadora é inspirada nesta formatação.

Tabela 3 – Síntese do processo de categorização para elaboração do mapa afetivo

Identificação	Nº Sexo: Idade: Escolaridade: Cidade: Tempo de residencia (quando não originário)
Estrutura	*Mapa cognitivo de Linch: desenhos de monumento, caminhos, limites, confluência e bairros. *Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.
Significado	Explicação do respondente sobre o desenho
Qualidade	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente.
Sentimento	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.
Metáfora	Comparação da cidade com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração de metáforas.
Sentido	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

O tipo de classificação escolhida para a construção das categorias de análise dos mapas afetivos é principalmente a de saturação, à medida que apareciam com frequência nas respostas. Salientamos que, na classificação relativa aos desenhos, consideramos como duas possíveis classificações. Os desenhos isomórficos ou mapa cognitivo de Linch, cuja explicação vem de desenhos que representem a mesma orientação da realidade, e como segunda opção para classificação, os desenhos metafóricos, quando o desenho não representa a estrutura de elementos concretos e sim, expressa sentimentos ou o estado de ânimo do respondente.

Seguindo a categorização dos dados encontrados na análise dos desenhos e nas respostas ampliadora, faremos a análise de conteúdo para encontramos categorias que descrevem como as mulheres se relacionam afetivamente com a casa que elas moram. As categorias ou imagens serão extraídas da análise dos mapas afetivos, das perguntas

ampliadoras, que são aquelas acopladas ao mapa afetivo e da roda de conversa. Com a organização das categorias, poderemos compreender significados mais plurais sobre os afetos envolvidos com esta casa. Os mapas afetivos são articulações de sentidos movidos pelos afetos, que geram imagem, que no caso, são as categorias afetivas.

Segundo Bomfim (2010) a combinação entre essas imagens configura-se a estima de lugar, o que nos permite entender que identificando as categorias, sendo elas *Pertencimento, Agradabilidade, Contraste, Insegurança e Destruição* poderão, em consonância com seus significados, identificar a Estima de lugar. Ponto este fundamental para nossa pesquisa. A compreensão sobre a estima de lugar das mulheres sobre a casa nos dará um olhar sobre sua ação potencializadora ou despotencializadora.

A estima que trabalharemos neste momento pode ser entendida como expressão da afetividade, como uma via de acesso para conhecermos a relação das pessoas com os lugares, que no nosso caso, é a Casa. A estima nos indica como essa relação é potente ou não para o indivíduo e assim como gera aproximação. Para Bomfim (2010) existem alguns caminhos para se compreender a estima, e o caminho pelo qual optamos por percorrer é o dos afetos, como podemos observar a baixo.

Considerando a perspectiva psicossocial da Psicologia Ambiental, propomos a estima como uma forma específica de conhecimento, relativa ao aspecto de significado ambiental na dimensão de emoções e sentimentos sobre o ambiente construído. Como categoria social, a estima pode ser compreendida como uma forma de pensamento social que caminha paralelo a outros simbolismos do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar (p. 218).

Podemos perceber a estima como expressão da atração das pessoas com os lugares, pois estrutura-se como um modo de pensar socialmente. A estima pode ser percebida como indicador de um processo de apropriação dos habitantes, de identificação e de ação-transformação. Sendo assim, com a estima podemos encontrar muitos elementos de como as pessoas se relacionam com os lugares e assim o que gera a partir desse encontro. A construção da concepção da estima de lugar potencializadora e despotencializadora surge a partir da conexão dos aportes teóricos da psicologia social e das psicologias ambiental, quando enfatizam os aspectos psicossociais e histórico-culturais (BOMFIM, 2010).

Construindo agora o diálogo da Estima de Lugar com as categorias afetivas encontradas nos mapas afetivos, sabemos que a Agradabilidade e o Pertencimento se configuram como uma estima de lugar potencializadora da relação pessoa-ambiente, em

que aumenta a potência de ação do indivíduo e pode significar uma maior implicação psicossocial e participação cidadã do sujeito. Para as imagens de Destruição e Insegurança temos uma estima de lugar despotencializadora, no qual pode gerar uma potência de padecimento no indivíduo, implicando numa relação negativa com o ambiente e à servidão (BOMFIM, 2010; BOMFIM *et al.*, 2014).

Compreendendo que as duas formas de estima de lugar coexistem no mesmo ambiente, salientando a complexidade das relações pessoa-ambiente, temos a categoria Contraste, como uma ênfase nessa complexidade e contradição. Pois sabemos que esta imagem revela que os indivíduos na relação com o ambiente podem afetar-se dubiamente, sentindo ao mesmo tempo sensações contraditórias, como por exemplo, se sentir pertencente ao lugar, entretanto experimentar medo, em decorrência da insegurança. Dessa forma, evidenciamos que enquanto categoria transversal, a imagem de Contraste pode caminhar tanto para uma estima potencializadora como despotencializadora (BOMFIM, 2010; BOMFIM *et al.*, 2014).

A proposta de trazer essa explanação sobre o conceito de estima de lugar, é que fique claro que no processo de análise dos dados em consonância com o diálogo com os nossos referenciais, identificaremos a estima das mulheres quanto as suas casas e com isso, ampliaremos as compreensões sobre os afetos partilhados por elas por essa Casa.

Retomando a explicação de como conduziremos este processo de análise e discussão dos dados encontrados, categorizaremos os mapas afetivos individualmente, discutindo as categorias encontradas, e ampliaremos a discussão através do diálogo com as respostas ampliadoras, com as discussões geradas na roda de conversa e com os referenciais teóricos desta pesquisa.

Para uma melhor visualização quanto aos conteúdos discutido na roda de conversa, e a instigação para o leitor acompanhar a discussão dos dados, apresentamos abaixo uma tabela com as perguntas geradoras e com as principais falas ditas pelas participantes durante a roda de conversa. Para que assim, possamos utilizar das falas como referência para as discussões encontradas nos mapas afetivos.

Tabela 4 – Perguntas e respostas da Roda de Conversa

Perguntas feitas as mulheres	Principais falas
<p>1. O que vocês acharam/sentiram sobre as perguntas que fiz no primeiro encontro na caasa de vocês?</p> <p>(PROCESSO DE ELABORAÇÃO DOS MAPAS AFETIVOS)</p> <p>2. Eu percebi que de maneira geral vocês falam de uma forma que mostra que gostam da casa de vocês, mas algo que notei em todos os desenhos de vocês percebi que ninguém desenhou uma casa como um apartamento. O que isso significa? O que significa morar em uma casa ou em um apartamento?</p> <p>(SIGNIFICADO DA CASA)</p>	<p>- “Pra mim foi a maior satisfação falar da minha casa, porque por ai o pessoal só num faz perguntar, “Caiçara é isso, Caiçara é aquilo”, não pode nem falar da nossa moradia. Pessoal só falando: “Menina tu mora naquele Caiçara? tu num tem medo não?” E ai eu medo de que? é minha casa, eu moro lá..ai foi uma satisfação falar”</p> <p>- “mas foi bom, você perguntar ne, porque a gente disse o que sentia, o que gostava, o que podia melhorar pra gente, porque nós somos afastados, somos isolados.”</p> <p>- “Mas é a minha casinha, não paga aluguel, gosto.. mas tem coisas que devia melhorar ne?”</p> <p>- “mas eu gosto da minha casa, e é como ela diz também, tem muita gente que se admira, ah e tu mora no Caiçara? o Caiçara é isso, é aquilo, mas pra mim eu não acho, pra mim é meu local deu morar, eu acho lá uma bença”</p> <p>- “que nós sonhava com uma casa mesmo assim ne.”</p> <p>- Mas é a que a gente tem, aí a gente agradece a Deus.</p> <p>- “é assim, é porque a gente, desde, tipo assim, desde pequeno é que a gente mora em casa, em casa mesmo ne, casa que tem rua, que tem as calçadas, que tem quintal, que tem tudo ai a gente nunca morou num apartamento, ai todo mundo pensa que uma casa é igual aquelas casas, não um apartamento.”</p> <p>- “Mas aqui é nossa casa, mas a gente pensa nossa casa daquelas como a gente morava antigamente, quando a gente era pequeno, nossa avós moravam numa casa”</p> <p>- “É assim, eu vim pra cá, porque eu já tinha meu filho lá embaixo e eu vim viver livre do aluguel, mas se eu tivesse ganhado uma casa teria sido melhor, porque eu morava numa casa ne, de repente eu vim pra cá, eu senti muito, muito mesmo, eu não dormia de noite, porque quando eu morava nas casas, e num usava nem ventilador ne, quando eu vim pra cá eu morria queimada durante a noite, passava a noite me balançando na rede morrendo, tomando banho”</p> <p>- “A gente deixou de pagar aluguel da casa, agora tem apartamento.”</p> <p>- “Antigamente era casa de taipa, agora é casa de tijolo, e tudo o mais entendeu? Eu penso assim.. eu sempre morei numa casa”</p> <p>- “Antigamente, tudo era casa, os quintal bem boa, Tinha pe de acerola, goiaba, ata, tudo no quintal”</p> <p>- “Meu marido que disse que quando começasse a trabalhar, graças a deus ele começou, disse que ia alugar uma casa, eu disse pra ele que ele podia alugar pra ele eu não vou, E ele só vai se eu for, porque eu já tô acostumada com meu canto, foi muita luta pra conquistar, todo mundo aqui lutou.”</p>
	<p>- “Aí hoje nos tem o no nosso apartamento. Graças a deus. Trocaram pela casa, aí veio o apartamento. A gente deixou de pagar aluguel da casa, agora tem apartamento. A gente vai se acostumando com a falta d’água, vai se acostumando com o calor..(Risos) Aí vai. Ai todo mundo vai dando conta, ai todo mundo gosta do jeito de todo mundo.”</p>

Perguntas feitas as mulheres	Principais falas
<p>3. Uma frase que apareceu algumas vezes na entrevista de vocês foi que “dentro de casa é tudo ótimo, mas do lado de fora...” O que isso quer dizer?</p>	<p>- “o perigo de fora é as bala ne.”</p> <p>- “A própria policia”</p> <p>- “Eu acho que todo mundo tem a opinião que eu tenho, todo mundo tinha medo”</p> <p>- “ Pois como aconteceu com ela ali, que foi deus que livrou ela duma bala, ali foi deus que livrou ela, como ali podia acontecer com qualquer um, perigo tem do lado de fora, e tem em todo canto. Ate nos bairros de gente, os barão, tem.”</p> <p>- “O que a gente pode fazer pra proteger a família da gente, dentro de casa a gente faz, mas fora? Ta na mão de deus, é rezar muito pra chegar bem e va em paz”</p> <p>- “E eu vejo a questão de fora é da limpeza”</p> <p>- “É poucos limpam e muita gente suja”</p>
<p>(CASA/COMUNIDADE)</p>	<p>- “Portão aberto”</p> <p>- “O problema é só da sebosidade mesmo e a gente passa a porta, cada um tem sua chave, que que custa? Passou, trancou.”</p> <p>- “ Num tem aquele dizer, a gente se acostuma com o que é bom e com o que é ruim. É.. aqui eu tapei meus olhos com tudo.”</p>
<p>4. Sobre minha decisão de fazer a pesquisa apenas com mulheres: Poruqe vocês acham que eu escolhi apenas as mulheres e qual o lugar das mulheres no Nova Caiçara?</p>	<p>- “Porque a mulher sente mais ne?”</p> <p>- “Porque a gente ta mais presente no dia a dia, cuidando da casa.”</p> <p>- “ Mais é a mulher, é difícil ser um homem, é difícil vc abrir sua porta, abrir uma porta e encontrar um homem.”</p> <p>- “Dentro de casa.”</p> <p>- “ tudo tem que ter a mulher no meio, se não tiver... então por isso que já foi destinado a mulher, as casas é pra mulher, porque nós que vamos cuidar da nossa casa, é nós que cuida da casa, é nós que bota o barco pra frente, nós somos guerreiras.”</p>
<p>(MULHER E LUGAR NA NOVA CAIÇARA)</p>	<p>- “É diferente porque tem homem que não limpa, é sebososo, tem homem que não liga de jeito nenhum, tem homem que não liga pra comprar móvel, até pra cuidar de filho, só quer saber de trabalhar ou beber, só isso, só pensa nisso, outra coisa não.. a mulher já é diferente.”</p>
<p>5. Vocês acham que o modo como vocês se relacionam/ocupam a casa é muito diferente do modo dos homens? Qual a diferença?</p>	<p>- “Eu não vejo diferença com meu esposo, porque o que eu faço dentro de casa ele faz.”</p> <p>- “O mesmo sentimento que eu tenho, ele também tem, só que ele não correu atrás, porque ou ele corria ou ele trabalhava, ai eu não trabalhava, eu corria e ele trabalhava pra sustentar a família, mas eu não vejo diferença dele dentro de casa não.”</p>
<p>(GÊNERO E OCUPAÇÃO DA CASA)</p>	<p>- “O meu ajuda botando as coisas dentro de casa, assim mas de limpeza não é com ele não, de limpeza, cuidar do filho, comida, não... é só comigo, mas de botar as coisa dentro de casa ele é.”</p> <p>- “Mas o meu ver é diferente, o homem não é muito apegado a essas coisas não, no meu ver.. que a mulher é diferente, a mulher se apegas, a mulher gosta, é diferente do homem, eu acho, no meu ver. Homem não, o homem é mais pra trabalhar, é mais pra botar dentro de casa, eu acho assim”</p>

Perguntas feitas as mulheres	Principais falas
<p>6. Sobre a questão da prioridade do PMCMV: Eu gostaria de saber o que vocês acham das mulheres serem prioridades? Do nome da casa ser no nome de vocês?</p>	<p>-“ É porque sempre é uma mãe ne, então se ela foi atrás de uma casa, é porque ela quer um agasalho pros seus filhos.”</p> <p>- “ela é a dona da casa, ela tem os filhos que quer dar agasalho ne, que é por isso, porque homem mesmo é mais desligado das coisas e a mãe não, a mãe é mais atenta, é mais preocupada. E os alugueis tão muito caro, então elas correm atrás pra evitar o aluguel, pra o dinheirinho do aluguel já dar pros filhos comer, ne?”</p> <p>- “Eu acho que é o mais certo mesmo, ne porque a mulher ela sempre acolhe mais os filhos ne? porque hoje, louva a Deus quem tem marido bom ne, mas por aí a fora tem muitos maridos que até quer expulsar a mulher de dentro de casa”</p> <p>- “o casamento que não da certo, que a pessoa se separa, eu acho o justo que seja no nome da mulher porque é a mulher que fica com a responsabilidade ne dos filhos”.</p>
<p>(GÊNERO E POLÍTICA DE HABITAÇÃO)</p> <p>7. Sobre o processo da conquista da casa: Qual a opinião de vocês sobre o jeito que vocês conquistaram a casa de vocês? O modo como foi conduzido o processo?</p>	<p>- “porque eu não vou viver minha vida toda de aluguel, vai se não der certo, daqui pra frente, eu com ele? Eu tenho a minha casa, eu não vou depender de ninguém, não vou depender de ninguém pra tá pagando aluguel pra mim, eu tenho a minha casa pra morar com as minhas filhas”</p> <p>-“Corri muito ne sai muito do meu trabalho, minha gerente me liberava, mas deu certo.”</p> <p>- “Essa coisa de correr atrás foi ao mesmo tempo um desespero”</p> <p>- “Não foi assim Muito difícil, porque onde eu chegava as pessoas me atendiam bem, me indicavam, não me davam as costas, falavam faça isso, fala aquilo”</p>
<p>(DIREITO À MORADIA)</p> <p>8. Se vocês pudessem contribuir com a construção de novos conjuntos habitacionais, o que você, como moradoras, iriam propor para que fizessem diferente? O qu poderia ser proposto de mudança?</p> <p>(DIRETRIZES POLÍTICA DE HABITAÇÃO)</p>	<p>- “Em vez de apartamento ser casa”</p> <p>- “com quintal ne?”</p> <p>- “casinha não tem negócio de cima não. As casinhas mesmo, uma salinha cozinha dois quartos, tem um murozinho, só que e uma vilazinha”</p> <p>- “A gente agradece o que Deus deu ne? É como o dizer, cavalo dado não se olha os dentes ne, mas se tivesse uma coisa melhor a gente agradecia mais ainda. Porque quem mora numa coisa e que vai pra outra, estranha ne? Mas se acostuma.”</p> <p>- “Uma área de lazer, uma pracinha pros nossos filhos, pra gente se sentar de tardezinha”</p>

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

4.1 Categorização dos Mapas Afetivos

“O mais importante deste recurso é a possibilidade de construção da afetividade como dimensão psicossocial” (Zulmira Bomfim).

Partiremos da compreensão, segundo Bomfim, 2010, que “A nossa metodologia da construção dos mapas afetivos da cidade busca a síntese mais que a análise” (p. 221) dessa forma, podemos entender que daremos destaques a inter-relação das emoções, sentimentos, pensamentos, falas e também na interação da pesquisadora com as respondentes. Com isso, a metodologia da apreensão dos afetos nos permite acessar os sentimentos de forma mais sintética, e assim, compreendermos os afetos envolvidos.

Quando Bomfim (2010) construiu uma aproximação com a Psicologia Social de base histórico-cultural da Psicologia Ambiental de visão transacionalista, a autora buscou ampliar a compreensão do encontro do indivíduo com a cidade, admitindo a influência da natureza sobre o homem e também do homem agindo sobre a natureza, criando reciprocidade das ações e com isso novas condições para existência humana. E é aqui que lembramos da afetividade, pois a partir dela podemos ter a compreensão ética da construção e do envolvimento do indivíduo com o ambiente. O modo como o indivíduo é afetado no encontro com o ambiente é a síntese da afetividade. Dessa forma podemos entender que a afetividade aparece como categoria de análise para compreender os aspectos da vinculação sujeito-ambiente, como também de questões sociais e políticas que perpassam o contexto de segregação socioespacial (BOMFIM, 2010)

Entretanto, como é discutido por Sawaia (2011) não podemos perder o indivíduo no meio das análises macrosociais, nem reduzir os processos subjetivos individuais. Nesse sentido, precisamos olhar para o indivíduo como quem tem experiências atravessadas por questões sociais, políticas e culturais, sabendo que parte do seu sofrimento é mediado pelas injustiças. Com a apreensão destes afetos, neste caso, pelos mapas afetivos, nos possibilitaremos a compreender de que forma estes afetos permeiam a consciência e na forma de agir das pessoas, expressando se estas estão escravizadas ou libertas. (SAWAIA, 2009).

Quando Bomfim nos diz “A afetividade é ética, porque propicia o encontro do indivíduo com sua capacidade de ação em prol da manutenção do ser, que remete a si mesmo e à coletividade.” (2010, p. 63). Podemos compreender que ao encontro, e as condições desse encontro muito pode acontecer, e que são as condições dos indivíduos que possibilitarão formas de agir sobre esta relação. Sendo assim, ao identificarmos os sentimentos que envolvem a potência de ação ou potência de padecimento, confirmaremos a afetividade como ética ou os afetos que enfraquecem as ações dos habitantes na composição da estima. BOMFIM, 2010)

Partiremos então ao encontro dos mapas afetivos que foram aplicados à 12 mulheres moradoras do Nova Caiçara. Em detalhes, iremos expor a foto dos desenhos feitos por elas e uma Tabela de categorização para cada entrevistada e com eles uma ampliação das questões apresentadas durante a conversa e em seguida construiremos a discussão dos dados encontrados. Para com tal discussão, apresentaremos as categorias afetivas, a estima de lugar, a discussão de conceitos como apropriação, alienação, sofrimento-ético político, entre outros, e também conteúdos encontrados nas falas durante a roda de conversa, que poderão nos revelar sobre os sentidos e afetos que essas mulheres têm por suas casa.

A ordem de apresentação dos mapas afetivos e a sua categorização segue a ordem de aplicação do IGMA, a mulher n° 1 é a moradora do Nova Caiçara que primeiro foi entrevistada e assim segue a ordem das entrevistas. O nome das mulheres não serão revelados, nesse sentido a criação dos nomes partiu do olhar da pesquisadora sobre os aspectos significativos do mapa afetivo. A aplicação do IGMA durou em média 30 min cada uma. Trago como destaque para a tabela de categorização, a dimensão do sentido como o início da construção da Imagem que formaremos da Casa do Nova Caiçara, e com isso procuraremos diálogos entre os sentidos que aparecerão em cada mapa. Por hora, apresento a primeira categorização dos mapas afetivos aplicado às mulheres moradoras do Residencial.

Tabela 5 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°1

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Sonho Sexo: F		Idade: 31anos	Profissão: Faxineira
Tempo de residência: 3 anos		Qual tipo de moradia anterior: Coabitação	
Quantas pessoas moram na casa: 4			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“Esse desenho me lembra a casa da minha mae, que tem dois quartinhos.”	“ Eu acho minha casa otima, so faltou um muro para estender roupa. Ela é engraçada.”	-Me sentir a vontade; -Tenho meu quarto; -Eu gosto daqui;	A casa que sonhava viver com minha familia.
<div data-bbox="354 656 1018 1048" data-label="Image"> </div>			<p style="text-align: center;">SENTIDO</p> <p><i>A casa que sonhava viver com minha familia é aquela em que sua agradabilidade é percebida através de lembranças da casa da mãe. A casa é ótima, e os sentimentos são de se sentir a vontade e de gostar dela. Apartir da configuração de uma estima de lugar potencializadora, tem-se a importancia de ter seu próprio quarto, embora não tenha um muro para estender roupa.</i></p>
Estrutura			
<i>Metafórico</i>			
Imagem: Agradabilidade			

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

A primeira aplicação do mapa afetivo foi em uma mulher de 31 anos, casada e com 2 filhos. Com bastante abertura e amorosidade se disponibilizou a participar da pesquisa e nos recebeu em sua casa. O processo de abrir a porta, primeiramente para ouvir o convite e em seguida abrir a grade para nos deixar entrar em sua casa, se tornou um ritual para esta pesquisa. Primeiro a porta, como o primeiro nível de intimidade e posteriormente a grade, como a afirmação que podíamos adentrar no seu espaço.

Para ela, a relação com a vizinhança é de pouca proximidade. A mesma disse: “É difícil eu ver os vizinhos. Geralmente fico trancada dentro de casa. Eu tenho pouco relação com meus vizinhos.” Demonstrando nessa fala um nível de distanciamento de um convívio com pessoas tão próximas geograficamente. Quando a perguntei sobre as mudanças que aconteceram na sua vida após a conquista da casa, a mesma foi logo explicando: “Mudou tudo. Fiquei longe das minhas amigas. No começo não foi muito bom. Agora está melhor. Eu tinha medo por conta das balas.” Nesse sentido, percebo que para ela, há poucos atrativos no Nova Caiçara além de sua própria casa.

Ela conta ao descrever o seu desenho, sentimentos de saudade. A casa que desenhou era de sua mãe cuja morou por muito tempo. E que mesmo sendo bem pequena, com dois quartos, todos moravam juntos e com um guarda-roupa separavam o quarto da cozinha. Mas ela gostava de morar lá. Entretanto sua saída de lá foi motivada por um conflito. Como ela disse: “Eu gosto dela, mas não posso mais viver lá por causa das gangues.” Nesse momento tive sensação que está lá no Nova Caiçara não era bem uma escolha, entretanto sua fala quanto aos sentimentos pela sua casa descreve que se sente à vontade, que tem um quarto só para ela e que gosta de lá.

Um sentimento que ficou marcante quanto a suas respostas, foi o de saudade. Saudade da antiga casa, saudade de morar com todo mundo, saudade das amigas, que no caso moravam perto da sua antiga casa. Para ela encontramos o sentido do seu desenho intitulado *A casa dos sonhos*, pois a sua comparação foi com a casa que ela sempre sonhou em morar com os filhos, e que pela sua descrição a casa é ótima, só faltava um muro para estender roupa.

Podemos perceber que para esta mulher são vividos sentimentos como: saudade (da antiga casa e das amigas), solidão (por ficar trancada dentro de casa e estar longe das amigas), satisfação com a casa (pois tem um quarto só para ela), incômodos da casa (por não ter muro para estender suas roupas) e gostar de morar na sua casa (ao afirmar que gosta da casa). Embora a categoria seja de agradabilidade em vista dos sentimentos, qualidades e metáforas que dizem de uma sensação positiva, e com isso sua estima ser potencializadora, percebemos também algumas dificuldades na relação com sua moradia, e com isso se apresenta aspectos negativos desta relação.

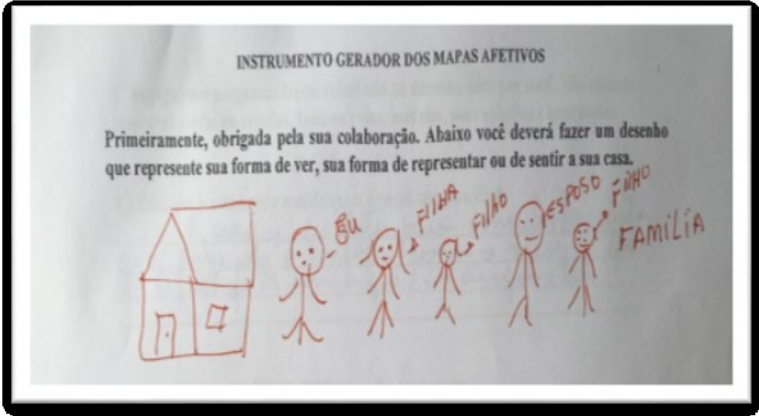
Ao reconhecermos que ela gosta da casa, que se sente à vontade e acha ela engraçadinha, identificamos sentimento de agradabilidade, o que nos remete ao conteúdo da satisfação da conquista da casa. Aquela casa é importante para ela pois é lá onde ela mora, segundo sua resposta quanto a pergunta sobre a importância da casa para ela, nesse sentido nos remetemos ao conceito de Apropriação como um questionamento sobre se para Mulher Sonho há um processo de apropriação da sua casa.

Segundo Moreno & Pol (1999) a apropriação é compreendida como um processo em que o sujeito constrói sentimentos de apego e de defesa para com o seu lugar. Promovendo sentimento de pertencimento e cuidado. Por ser um processo dinâmico, que está constantemente sendo reafirmado, sabemos que existem outros dois processos circulares, sendo eles: ação-transformação e identificação. Que dizem respectivamente da

modificação e significação do espaço pelo sujeito e identificação com a significação em um movimento de proteção.

Mas Bomfim (2010) nos explica que há uma certa dificuldade de apropriação segundo ao modo de vida urbano nas grandes cidades, representando um apego pelo lugar, mas não uma apropriação. A autora nos explica que “A forma como a cidade configura-se, reflexo de uma estrutura social, não facilita um processo de apropriação do espaço, que pode ser promovido pela sensação de um lugar agradável (prazer, posse, realização) e dificultado pela sensação de desagrado, levando ao alheamento.” (2010, p. 79) Nesse sentido, o que podemos evidenciar é quanto o processo de apropriação pode nos revelar sobre a identidade do Lugar e assim, possivelmente sobre a relação afetiva desta mulher com sua casa.

Tabela 6 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°2

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Saudade da mãe		Sexo: F	Idade: 40 anos.
Tempo de residência: 5 anos		Profissão: Do lar	
Quantas pessoas moram na casa: 5 pessoas		Qual tipo de moradia anterior: Aluguel	
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“É porque eu lutei para conquistar esta casa para o conforto dos meus filhos. E eu to satisfeita.”	“ Eu acho a casa maravilhosa, bonita e confortável. Eu não tenho o que falar dela.”	-Bonita; -Paz; -União;	À minha mãe
 <p>INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS</p> <p>Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou de sentir a sua casa.</p>			SENTIDO
			<p><i>A casa minha mãe é aquela em que é bonita, confortável, maravilhosa e sua agradabilidade é fruto de uma conquista e favorece a união da família, revelando uma estima de lugar potencializadora.</i></p>
Estrutura: <i>Metafórico</i>			
Imagem: Agradabilidade			

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

Para *mulher saudade da mãe*, boa parte de sua entrevista, tanto nas respostas, como no desenho, a representação da família é muito presente. O desenho do mapa dela foi intitulado como *Casa minha mãe* pois além de mostrar uma forte ligação entre os

sentimentos da casa com a sua família, sua comparação da casa foi com a sua mãe. Entre lágrimas e um olhar saudoso falou sobre como gostaria que sua mãe estivesse viva para poder ver sua casa própria. Sempre morou com sua mãe, e quando ela faleceu, precisou vim morar em Sobral na casa de uma irmã.

Quando pedi para que ela comentasse sobre seus sentimentos em relação ao desenho ficou muito claro seu sentimento de orgulho. Repetidamente dizia: “É porque eu lutei muito para conquistar esta casa, para dá conforto aos meus filhos.” Diz que está satisfeita com sua morada. Comenta também que por conta do alívio financeiro em não pagar aluguel e do baixo valor das contas de água e luz, sente que sua família está mais unida. Ela comenta: “Aqui eu estou tendo paz.”

Sobre a vizinhança diz que não tem do que reclamar, que são ótimos vizinhos e que tem uma vizinha-irmã, mas também comenta sobre a possibilidade de sair de lá, “Não pretendo, só sairia se tivesse algum problema com os meus filhos. Se algum deles pegasse marcação.” Complementa explicando que o seu filho mais velho evita andar em alguns lugares para não ter nenhum problema. E me explica que é porque não pode ser dito que mora lá, no Nova Caiçara, pois assim não pode andar em alguns lugares. A percebo falando desse assunto com uma certa preocupação, como se aquilo não fizesse muito parte do que ela esperava para sua casa e família, mas também não a sinto perder a alegria em falar da sua casa.

Quando pedi que ela falasse sobre o que ela pensa da sua casa, ela respondeu: “Eu acho ela maravilhosa, bonita e confortável. Eu não tenho o que dizer de ruim.” Nesse momento, senti como era contagiante o modo como ela olhava e falava da casa. Com seus olhos brilhando, enquanto falava da casa, seu marido fazia o almoço. A sensação que fica mais presente, através das suas falas, olhares e desenho, é que ela está muito feliz com sua casa, e que a experiência de ter conquistado sua uma casa própria é forte, potente e boa.

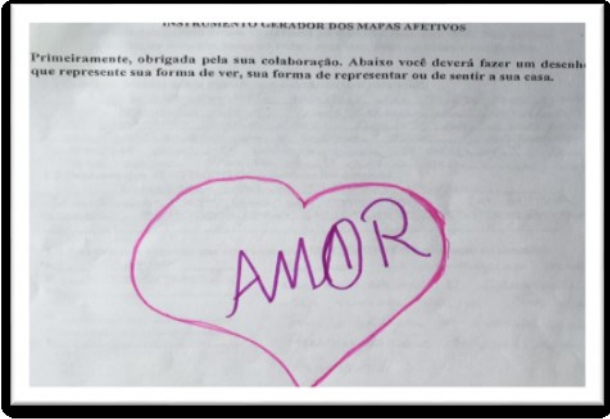
Nesse sentido podemos retomar a questão da apropriação do espaço de Moreno & Pol (1999), para compreendermos como neste caso se apresenta um processo de apropriação com os dois níveis do processo. Há uma ação-transformação e identificação, visto que a mulher saudade da mãe evidencia que ao conquistar a casa a família ficou mais unida, relatou por diversas vezes a consciência de que lutou para conquistar essa casa e que tem medo de perdê-la, por isso tenta fazer de tudo para não deixar de pagar, tornando evidente seu sentimento de apego e defesa por esta casa.

Neste caso, sabemos que a apropriação do espaço é fundamental para o processo de significação e categorização da identidade de lugar, pois quando nos apropriamos,

tornamos o espaço como parte de nós, aplicamos a ele nossa identidade, e assim fazemos parte de algo que nos identificamos e construímos (BOMFIM, 2010). Nesse sentido ele é meu e é parte de mim, por isso compreendemos a conexão com a identidade de Lugar. Adiantando a identidade de lugar, associada à Identidade Social Urbano, que em poucas palavras, pode ser compreendido como uma noção de pertencimento do indivíduo aos grupos sociais e aliado ao elemento do espaço urbano não apenas como cenário. Entendo que a categoria urbana passa a ser uma categoria social que também delimitará a identidade social do sujeito. Que podemos nos perguntar como a identidade social urbana da *mulher saudade da mãe* revela sobre sua habitação, sobre sua morada naquela casa do Nova Caiçara. Ou mesmo como moradora do Residencial Nova Caiçara.

Nesse sentido, sabemos que além de ter muitos sentimentos de agradabilidade quanto à casa e também com relação aos vizinhos, comenta sobre o estigma que acontece por morar no Nova Caiçara, e embora isso não se apresente como um medo presente, ao dizer que sairia de lá caso um dos seus filhos seja marcado, representa a dimensão do fenômeno da violência. O que não distancia a representação de uma estima de lugar potencializadora.

Tabela 7 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°3

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Nada <i>a comparar</i> Sexo: F		Idade: 30 anos. Profissão: Dona de casa	
Tempo de residência: 2 anos		Qual tipo de moradia anterior: Coabitação	
Quantas pessoas moram na casa: 4 pessoas			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“Eu moro em um lugar muito bom, um lugar de família, todo mundo se dá bem. A gente sai e as pessoas ficam olhando nossa casa”	“ Eu acho boa. Me sinto a vontade. Só é um pouco quente, mas é boa.”	-Carinho; -Aconchego; - Amor;	“A nada, pois não tenho nada para comparar”
		SENTIDO	
		<p><i>A casa nada pois não tenho nada para comparar é aquela que vem com sentimentos de carinho, aconchego e amor, embora seja um pouco quente. Sua <i>agradabilidade</i> é sentida por ser um lugar muito bom de morar. Representado uma estima de lugar potencializadora.</i></p>	
Estrutura: <i>Metafórico</i>			
Imagem: Agradabilidade			

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

A mulher Nada *a comparar* nos recebeu com a porta de sua casa já aberta e com ela deitada na rede e deitada ficou. Ao explicar sobre a pesquisa, confirmou sua autorização em participar. A conversa com ela foi até um pouco mais rápida, embora a perceba interessada em falar, parecia com certas dificuldades em buscar as respostas. Por várias vezes mencionou não saber responder. De várias questões que podem ser levantadas sobre suas respostas, a primeira que gostaria de trazer é sobre a sua metáfora ou a comparação que fosse feita entre sua casa e uma outra coisa, que durante a explicação da pergunta, procurava exemplificar com algo que não pudesse ser repetido por elas.

Para esta pergunta, ela respondeu: “Para falar a verdade, nada. Porque eu não posso comparar a nada porque eu nunca tive. Eu nunca tive foi nada.” É fato que essa fala mobilizou algo de uma empatia sobre essa experiência do nada. Ou mesmo sobre como era viver com esse nada. Como será para esta mulher ter uma casa, quando a mesma se percebe como nunca tivera nada? Será essa compreensão norteadora dos seus afetos ou ações?

Quando a perguntei sobre o que a conquista da casa mudou na sua vida, ela respondeu o seguinte: “Não sei nem como explicar. No começo fiquei com medo, mas depois eu vi como era. A mudança foi tanta.” Também menciona sobre a importância de pagar as parcelas do apartamento e comenta sobre achar que as pessoas agradecem tanto, porém não pagam. Retificou sobre achar importante pagar, pois não ganhou de graça.

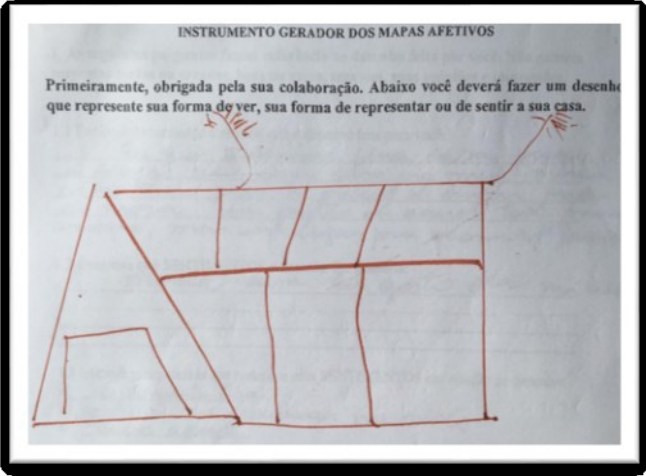
Deixou claro a grande importância que sua casa tem para ela, e como cuida pagando suas parcelas. Explica também que acha ela boa, que se sente à vontade nela, so acha um pouco quente. Traz como qualidades o fato de morar em um bloco de família, onde todo mundo se dá bem e que quando é necessário, as pessoas se ajudam, olham a casa uma da outra. A sua descrição dos sentimentos que o desenho lhe desperta foi: “Eu não me imagino morar em outro lugar. A liberdade de ser nossa casa, me deixa sossegada. Preocupação só em limpar e cuidar da casa, embora não temos conseguido ajeitar ela, para quê luxo?” Nesta fala podemos perceber uma apropriação e reconhecimento de que foi uma boa conquista a sua casa. Embora ela traga que havia medo no começo, que a casa é quente e que não é muito de conversa com os seus vizinhos. Quando a convidei para o Segundo momento para a roda de conversa, disse não gostar de estar em grupos e que não iria.

Para *Mulher nada a comparar* compreendemos como uma estima de lugar potencializador para sua relação com a Casa, embora tenhamos percebido também marcadores de sofrimento ético-político, no que tange ao conteúdo da exclusão, quando por algumas de suas falas o conteúdo da desigualdade social aparece como constituição da sua história e com isso dos seus afetos. Quando a mesma não consegue comparar sua atual experiência de moradia, ou mesmo de sua casa, com nada, e explica que é porque nunca tivera nada, podemos pensar que: “se ela nunca teve nada, qualquer coisa já é muito”, me parece que sua fala nos diz algo nesse sentido, entretanto, não poderíamos achar que sua fala vem de uma experiência potente, de liberdade ou mesmo de escolhas.

Quando Sawaia (2007) nos explica que “É o indivíduo que sofre, porém, esse sofrimento não tem gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente” (p. 99). Compreendemos que não estamos falando do sofrimento inerente aos sujeitos, do campo existencial, mas sim, de uma experiência psicossocial de exclusão, particular às questões sociais. É o sofrimento que “retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente, a dor que surge da situação de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (2007, p. 104). Revelando ainda a negação imposta socialmente de, por exemplo, se movimentar nos espaços públicos e expressar afetos e desejos.

Desta forma, com falas de “Eu nunca tive nada”, “Eu não sei nem o que me considero” (Quando perguntado sobre sua profissão) e ainda na sua resposta quando foi perguntado sobre o que é mais importante para ela no Nova Caiçara, respondeu “o que é bom é a base da polícia”, poderemos compreender elementos do sofrimento ético-político, o que representa um sofrimento imposto pela desigualdade social e no seu contexto, pelas condições de moradia.

Tabela 8 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°4

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Tempo		Sexo: F	Idade: 48 anos.
Tempo de residência: 3 anos		Profissão: Diarista	
Qual tipo de moradia anterior: Aluguel			
Quantas pessoas moram na casa: 4 pessoas			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“Eu sempre quis ter uma casa para mim morar. Eu não tenho pais, por isso preciso de um lugar para eu morar. Um prato para comer todo mundo consegue, mas um lugar para dormir, não.”	“ Eu acho ela aconchegante, organizada. Se eu pudesse, ajeitava mais ela. Eu gosto dela, acho ela bem repartida.”	<ul style="list-style-type: none"> - Gostar; - Apego; - Gosto de me balançar na rede; - Eu posso dizer que tenho a minha casa; 	“Com uma casa que eu morei por 10 anos. Ela era bem grande e eu gostava muito, mas ela não era minha. Demorei para me acostumar quando cheguei aqui pois sentia falta de duas portas e um quintal.”
 <p>INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS</p> <p>Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou de sentir a sua casa.</p>		SENTIDO	
<p>Estrutura: Metafórico</p> <p>Imagem: Agradabilidade</p>		<p><i>A casa que eu morei por 10 anos é aquela em que sua agradabilidade se expressa nos sentimentos de gostar, de ter apego, se balançar na rede e de poder dizer que tem uma casa. Ela é aconchegante e organizada e se pudesse, seria mais ajeitada. Sua estima de lugar é potencializadora.</i></p>	

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

Para esta mulher colocamos como sentido do seu mapa afetivo a *Casa que eu morei por 10 anos* que têm como significado a boa lembrança de uma casa que morou por muito tempo e lá identifica que era uma boa morada. Morava muitas pessoas, a casa era grande e tinha quintal, mas a casa era alugada. Já esta, a do Nova Caiçara, não tem quase nada das

qualidades da outra casa, porém, como ela disse várias vezes: “É minha casa”. Nesse sentido, a importância ou mesmo o valor da casa ser própria, ultrapassa todas as outras qualidades, embora o que a aparece nos sentimentos é uma saudade daquela casa.

Quando pedi para ela me explicar sobre o sentido que o desenho tem para ela, ela respondeu: “Eu quis desenhar uma casa, porque eu sempre quis uma casa para eu morar. Eu não tenho pais. Eu preciso de uma para eu morar. E um prato de comer todo mundo consegue, mas um lugar para dormir, não.” E completa: “Porque quando eu ficar velha eu vou querer ir para um abrigo. Eu tenho um filho que é dependente que me dá muito trabalho. Hoje a gente têm duas casa no mesmo andar. Uma da minha mãe, que comprou por 800 reais e a minha, aí a gente divide as pessoas.”

Entre algumas dessas falas, percebo uma relação com a casa de forma mais utilitarista, como se a necessidade da casa estivesse muito no campo da “sobrevivência”, por isso ela fala sobre ter um prato pra comer ser fácil, já um lugar para dormir, não. Entretanto ela traz que espera morar em um asilo quando estiver velha, o que me parece ser uma busca por uma certa paz. Que talvez essa sua casa não a traga.

Quando perguntei sobre o que achava da casa, ela respondeu: “Eu acho ela aconchegante, organizada, se eu pudesse ajeitava mais ela, decorando e colocando símbolos. Eu gosto dela, acho ela bem repartida.” E complementa dizendo da importância que esta casa tem para ela, principalmente pelas questões financeiras e por agora ela ter um lugar dela, que ela sabe que é dela.

A categoria afetiva que mais se destaca na análise deste mapa afetivo é a Agradabilidade, entretanto também podemos observar traços de Pertencimento, quando a mesmo reforça por diversas vezes que agora ela tem um lugar para ela, que ela é dona, como quando responde sobre a importância dessa casa para ela, comenta: “Muita, porque sei que é minha. Aqui eu me estabeleço.”, simbolizando uma imagem de Pertencimento que está fortemente relacionada aos processos de apropriação do espaço e de identificação.

A *mulher Tempo* é líder do bloco dela, o que reforça seu compromisso e identidade com o lugar, desta forma, evidenciamos que o sentimento de pertencimento e a identificação do morador com o lugar revela traços da categoria de Pertencimento, embora também apareça traços de uma satisfação financeira quanto à sua casa, quando ela responde sobre o que a conquista da casa mudou na sua vida: “Mudou as questões financeiras. Eu não tenho mais a preocupação com o aluguel.”

É perceptivo na sua fala uma boa relação com os vizinhos e como ela é satisfeita com a experiência de ter uma casa própria. Mas também aparece na sua fala a falta que um

quintal têm e como principal queixa, comenta sobre o preconceito que a cidade têm com os moradores de lá. Ela comenta que desde que foi morar lá não conseguiu mais emprego e que por duas vezes percebeu que foi excluída da “seleção” quando disse onde morava. E quando pergunto se ela sairia de lá, ela responde: Não. Só se ganhasse outra coisa. Eu só queria um emprego.

A situação referente a uma estigmatização do Nova caiçara por parte da cidade de Sobral foi relatado pelas participantes de diversas formas, e uma delas é relacionado a questão de não conseguir obter um emprego quando é dito que é moradora do Residencial. Fato este que representa um grave contexto de vulnerabilidade em que coloca os moradores em um circuito de manutenção da desigualdade social. Eles são pobres e terão que permanecer pobres. O que no caso, constitui como ideia central da dialética Inclusão/exclusão discutida inicialmente por Marx sobre o papel fundamental da miséria e da servidão quanto a sobrevivência do sistema capitalista. (SAWAIA, 2007)

Trago abaixo duas falas trazida durante a roda de conversa, que somará a atual discussão sobre a temática da exclusão/inclusão e também da periferização dos conjuntos habitacionais, falas essas que foram ditas quando se perguntou sobre como foi participar da aplicação dos mapas afetivos:

Pra mim foi a maior satisfação falar da minha casa, porque por ai o pessoal só num faz perguntar, “Caiçara é isso, Caiçara é aquilo”, não pode nem falar da nossa moradia. Pessoal só falando: “Menina tu mora naquele Caiçara? tu num tem medo não?” E ai eu medo de que? é minha casa, eu moro lá... Ai foi uma satisfação falar. (Fala de uma participante durante a roda de conversa)

Mas eu gosto da minha casa, e é como ela diz também, tem muita gente que se admira, ah e tu mora no Caiçara? o Caiçara é isso, é aquilo, mas pra mim eu não acho, pra mim é meu local deu morar, eu acho lá uma bença. (Fala de uma participante durante a roda de conversa)

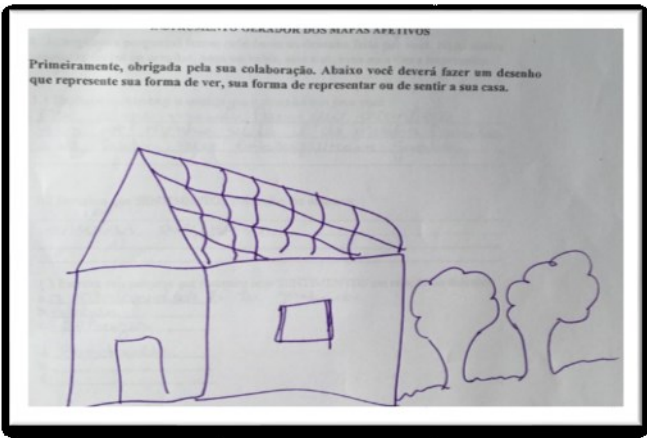
Com essa discussão podemos mais uma vez identificar conteúdos de Sofrimento ético-político, pois embora ela traga sentimentos de agradabilidade, pertencimento e orgulho com essa casa, reforçando a importância de ter sua casa própria, as dificuldades vividas pelas suas condições socioeconômicas são destacadas nessa experiência. Quando Sawaia nos comenta a fala de um operário sobre sua experiência de se sentir escravo, ela diz:

Na sua fala, fica claro que a emoção vivida não diz respeito ao eu individual, mas ao sofrimento do excluído, portanto, aos fundamentos da coesão social e da legitimidade social. Ela revela o sofrimento pela consciência do como a lógica excludente (a qualidade das formas de produção e distribuição da riqueza e dos

direitos humanos) opera no plano do sujeito e é amparada pela subjetividade assim constituída. (2007, p.106)

Podemos assim, reconhecer que as experiências que atravessam os conteúdos de sofrimentos ético-político estão ligadas as vivências da dialética da exclusão/inclusão, como podemos perceber, no momento em que a *Mulher Tempo* é perguntada sobre sua relação com os vizinhos, ela nos diz: “Boa. Todo mundo gosta de mim. Eles me ajudam muito, me dão coisas. Me dou muito bem com eles. Uma amizade vale muito, porque a gente pobre, precisa”. Á vista disso, podemos reconhecer que ela se coloca no lugar de pobre, de quem precisa dessa ajuda dos amigos e ainda, como condições estigmatizantes, seu território dificulta seu retorno no mundo do trabalho. Entretanto, os sentimentos de agradabilidade, pertencimento são gerador de potência de ação, que a impulsiona a se apropriar da sua casa, ser líder do bloco e continuar a procura de um empego.

Tabela 9 – Categorização do mapa afetivo da mulher N° 5

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Princesa		Sexo: F	Idade: 39 anos.
Tempo de residência: 2 anos		Profissão: Vendedora de Lanches	
Quantas pessoas moram na casa: 11 pessoas		Qual tipo de moradia anterior: Aluguel	
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“A casa é algo muito bom que aconteceu na minha vida e das famílias que conseguiram.”	“É a melhor coisa que aconteceu na minha vida”	- Alegria; - Prazer; - Bondade; - Oportunidade;	“À um castelo, porque na minha casa eu mim sinto como uma princesa.”
 <p>Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou de sentir a sua casa.</p>			SENTIDO
			<p><i>A Casa-Castelo</i> é aquela que promove sentimentos de alegria, prazer, bondade e oportunidade. Sua <i>agradabilidade</i> é percebida por ser a melhor coisa que aconteceu na sua vida gerando uma estima de lugar potencializador.</p>
<i>Metafórico</i>			Estrutura:
Imagem: Agradabilidade			

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

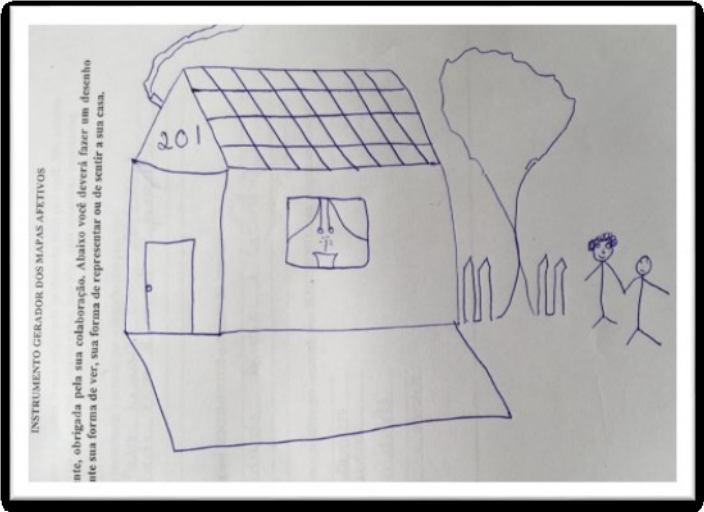
O sentido desse mapa afetivo foi intitulado como *Casa-Castelo*, que segundo a resposta para a comparação da casa com algo, a *Mulher Princesa* respondeu: “Eu comparo como se eu estivesse no castelo, porque na minha eu me sinto uma princesa.” O que diz muito em consonância com os sentimentos de alegria, prazer, bondade e o que se repete em muitos mapas, sobre a oportunidade de ter ganhado a casa própria. É notório a sensação de alegria desta mulher ao falar da casa, mas principalmente da sensação de ter ganhado uma casa. A mesma comenta sobre o que acha da sua casa, dizendo: “Eu diria que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.” Poderíamos chamar este sentimento de satisfação, orgulho, conquista. O que nas suas falas ficam bastante presente.

Quando Heidegger (2011) em seu livro “Ser e Tempo” reforça a ideia do lugar como elemento fundamental para a vida psíquica dos sujeitos, ele nos explica que é com a criação de pertencimento desse lugar que constituímos alguns dos aspectos da nossa existência. Desta forma, é por meio da ação de habitar que se faz a relação do homem com o espaço. Compreendendo então o significado da relação do habitar com a existência, que podemos comentar que o que se apresenta como interação afetiva dessas mulheres com as suas casas, se apresenta de maneira geral positiva e com sentimentos de agradabilidade.

A mulher princesa reforça sobre como é bom não precisar se preocupar com o aluguel, e menciona experimentar de sossego e tranquilidade na morada em sua casa no Residencial Nova Caiçara. A Mesma afirmou que nesta casa moram 11 pessoas, e anteriormente moravam de aluguel, nesse sentido quando pergunto sobre a importância dessa casa para ela, responde: “Tudo o que eu não tinha”. A sensação de que ela compreende a conquista da sua casa própria como uma grande conquista aparece em todas as suas respostas, evidenciando certo alívio de como hoje está sua morada. Embora a mesma não fale em sonho realizado, traz a satisfação de como está sua vida hoje, no caso para melhor e como sentimento fala da oportunidade em ter ganhado.

Sobre a vizinhança não faz grande comentário, apenas afirma que: “Somos todos uns servindo aos outros”. O que representa uma sensação de compartilhamento e união entre os vizinhos. O que podemos compreender como uma relação positiva com seus vizinhos. De muitas maneiras, é percebido que a relação afetiva da Mulher Princesa quanto à sua casa é geradora da potência de ação.

Tabela 10 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°6

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Sonho da família Sexo: F		Idade: 32 anos.	Profissão: Dona de casa
Tempo de residência: 2 anos		Qual tipo de moradia anterior: Aluguel	
Quantas pessoas moram na casa: 3 pessoas			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“Uma casa linda com amor e felicidade com a minha família.”	“Uma realização na minha vida.”	- Paz; - Amor; - Alegria; - Felicidade	Uma mansão;
 <p><i>Estrutura: Metafórico</i></p> <p>Imagem: Agradabilidade</p>			SENTIDO
			<p><i>A Casa-Mansão é aquela que a agradabilidade simboliza uma realização na vida, e com sentimentos de paz, amor, alegria e felicidade para viver com sua família. Destacando uma estima de lugar potencializadora.</i></p>

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

A mulher Sonho da Família tem 32 anos, mora na casa com seu esposo e seu filho e como profissão não quis colocar nada. Sua residência anterior era alugada e menciona isso com um grande alívio pois agora não precisava mais se preocupar com isso. Quando peço para que explique o significado de seu desenho a mesma responde: “Uma casa linda com amor e felicidade com a minha família.” E menciona que a sua casa é uma realização na vida

O sentido atribuído para seu mapa foi nomeado de *A casa mansão* pois foi como ela comparou a sua casa a algo. Desta forma reafirmo a sensação de que nas suas respostas se apresenta sentimentos positivos. E sobre a relação com os vizinhos comenta brevemente que: “alguns são legais e outros são difíceis.” O que demonstra uma certa presença ou interação entre a vizinhança, já que ela identificou essas diferenças.

Seu mapa afetivo evidencia sentimentos de agradabilidade e falas positivas quanto à casa. Afirma não pensar e em sair de lá e sobre a importância da casa na sua vida, completa dizendo: “um futuro para meu filho e sua família.”, representando a importância em poder oferecer para seu filho um lugar para ele morar com sua família, que reitera como percebe a questão da moradia como importante.

Entre falas fundamentalmente positivas, o que podemos discutir é essa compreensão de realização de um sonho quando a pedimos para dizer o que acha da sua casa. O que representa para ela, o fato de sua casa ser uma realização de um sonho? Podemos perceber que é agradável e positivo, mas o quanto é uma experiência de potência de ação? O quanto essa experiência promove consciência e ética? Ou são experiências de servidão?

Quando Sawaia (2001) comenta que “O homem da necessidade não é antagônico ao homem da ética.” (p. 114) a mesma se refere a discussão de que a necessidade humana transcende os vínculos biológicos e os contextos, superando a dicotomia entre ética e necessidade. Desta forma, a necessidade de se ter uma casa, não necessariamente toca apenas na condição da sobrevivência, mas também desperta afetos sobre componentes existenciais, sociais e simbólicos.

Tabela 11 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°7

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Casa limpa		Sexo: F	Idade: 37 anos.
Tempo de residência: 2 anos		Profissão: Vendedora	
		Qual tipo de moradia anterior: Própria	
Quantas pessoas moram na casa: 4 pessoas			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“Eu imagino minha casa muito limpa e bonita.”	“ A minha casa é tudo, eu gosto muito dela, ela traz muita alegria.”	- Felicidade - Gratidão; - Medo;	Com um castelo
		SENTIDO <i>A Casa-castelo é uma imagem de contraste, onde a moradora possui sentimentos de felicidade, gratidão, gostar muito dela e querer vê-la sempre limpa e bonita, a pesar do sentimento de medo. Representando uma estima de lugar despoticizadora por apresentar uma potencia de padecimento ao se evidenciar uma experiência de aprisionamento.</i>	
<p><i>Estrutura: Metafórico</i></p> <p>Imagem: Contraste</p>			

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

Como sentido para este mapa afetivo denominamos de *A casa castelo* pois foi de castelo que ela fez a comparação à sua casa. Sabemos que a Mulher Casa Limpa tem 37 anos, é casada e tem dois filhos. Quando a mesma foi explicar sobre o significado de seu desenho, trouxe conteúdos sobre imaginar sua casa de forma limpa e bonita, colocando esta questão como importante para ela. Sobre a importância desta casa para ela, a mesma afirma: “Tudo. O lugar para criar meus filhos.”, fala esta que representa sentimentos de permanência. Há desejos e planos de um futuro. Sobre as qualidades da casa afirma que: “Minha casa é tudo. Eu gosto muito de lá. Ela traz muita alegria pra nós.”

Como sentimentos afirmativos ela traz a felicidade, gratidão, alegria e paz. Que corroboram com suas falas de agradabilidade sobre como vê sua casa. Entretanto também aparece nos meio dos sentimentos, o medo, que não foi muito expressivo nas outras respostas, mas pode dialogar com a fala quanto a pergunta sobre o que é mais importante no Nova Caiçara para ela, e sua resposta foi: “Ainda nada. To dentro de casa o tempo todo.”. Está dentro de casa o tempo todo porque tem medo de estar fora? Tem medo porque nunca está fora para saber como é? Sendo o lugar para criar os filhos, como será essa relação com o fora? Nesse sentido reafirmamos sentimentos e compreensões contraditórias quanto à sua relação com a sua casa.

Na aplicação do IGMA podemos perceber sentimentos e falas ambíguas, nas quais representam a categoria Contraste. Sabemos, segundo Bomfim (2010) que a categoria contraste é compreendida por aquelas palavras que representam sentimentos, emoções, percepções e vivências contraditórias e ambíguas, representando uma polarização entre avaliações negativas e positivas em relação ao lugar. Quando a Mulher Casa Limpa expõe seus sentimentos pela casa e com isso identificamos sentimentos contraditórios como: felicidade, gratidão e medo, podemos reconhecer então, que não está claro como se organiza afetivamente a relação desta mulher com a casa.

Todavia, segundo alguns estudos já realizados no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (LOCUS), a compreensão da categoria Contraste foi encontrando mais espaço e clareza quanto a sua análise, pois inicialmente os Contrastes denotavam apenas sentimentos e emoções ambíguas, identificando uma estima de lugar despotencializadora (BOMFIM, 2010). E com o passar de algumas pesquisas e contextos, fomos percebendo que a imagem de contraste pode significar tanto a estima de lugar potencializadora como despotencializadora. E para conseguirmos identificar quais elementos analisar para descobrirmos qual estima de lugar, já que os sentimentos e percepções estão ambíguos, entendemos que para a estima potencializadora os sentimentos

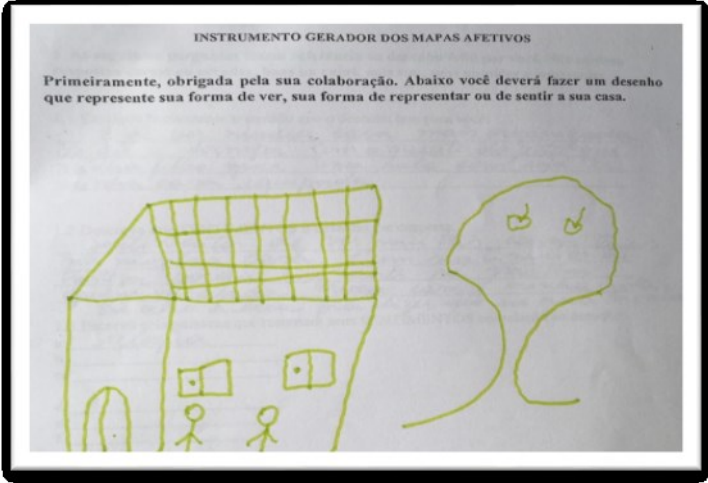
e as emoções negativas são utilizados como incremento da potência de ação, promovendo o enfrentamento do problema e para a estima despotencializadora quando percebermos que os sentimentos negativos culminam na passividade ou no aprisionamento dos sujeitos. (BOMFIM *et al.*, 2014).

Desta forma, o sentimento de medo, em destaque dos outros sentimentos positivos aparece quando a Mulher Casa Limpa afirma está dentro de casa o tempo todo, embora ela veja que a sua casa é o lugar para ela criar seus filhos, o fora de casa não é. Sendo assim, o medo passa a representar sentimentos de aprisionamento, o que nos afirma de uma estima de lugar despotencializadora. Este medo, que embora não tenha ficado tão claro, de alguma forma conduz sua permanência dentro de casa, e com isso a coloca em um lugar de distanciamento com o que existe fora.

Nesse sentido, tal situação corrobora para a nossa análise quanto ao Sofrimento Ético-Político como gerador da potência de padecimento, pois ao compreendermos que a desigualdade social ameaça as condições existenciais, impondo experiências que geram diferentes formas de humilhação e “Assim, imobilizada, nossa potência só pode reagir e não agir”, torna-se potência de padecimento, reduzindo nosso esforço de perseverar na própria existência ao *sobrevivencialismo* negador da vida.”(SAWAIA, 2009, p.370)

Desta forma, a satisfação de ter conquistado a casa própria, não sobressai a vivência de medo, promovendo sua permanência dentro de casa. E assim, podemos perceber que sua potência de ação é diminuída, quando a experiência com sua moradia permeia sensações de “se me der qualquer coisa, só tenho a agradecer” (comentários da pesquisadora), evidenciando a potência de padecimento.

Tabela 12 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°8

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Sozinha Sexo: F		Idade: 33 anos. Profissão: Doméstica	
Tempo de residência: 2 anos		Qual tipo de moradia anterior: Coabitação	
Quantas pessoas moram na casa: 2 pessoas			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“ É de ver minha casa mais organizada do que é, e limpa. Com o quarto do jeito que minha filha quer. E uma sala com sofa. Ter minha casa equipada”	“ Da miha casa eu acho que todo dia eu me sinto bem. Almoço e durmo sossegada. Agradeço a Deus. Quando abro minha casa eu digo o quanto minha casa é linda.”	- Alegria; - Amor pela casa; - Solidão; - Tristeza;	Eu comparo a casa da minha mãe. Limpinha
			SENTIDO
<p><i>Estrutura: Metafórico</i></p> <p>Imagem: Contraste</p>			<p><i>A Casa da minha mãe é aquela em que se sente bem dentro dela e com sentimentos de alegria e amor pela casa, porém com sentimentos de solidão e tristeza podemos perceber contraste, como querer ver a casa mais organizada e limpa. A sensação de liberdade, de ter paz e querer fazer modificações na casa, revela uma estima de lugar potencializadora.</i></p>

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

A comparação que a *Mulher Sozinha* fez com a sua casa foi com a casa da sua mãe, explicou o motivo dizendo que era porque ela é limpinha. Ficou registrado nas suas respostas o quanto era importante para ela uma casa limpa, organizada e bonita. E como ela explicou o seu desenho, parece que ainda não ver sua casa desta forma. “Eu queria ver minha casa mais organizada do que é. Mais limpa. Com o quarto do jeito que minha filha quer. Uma sala com sofá. Ter minha casa equipada.” Essa foi sua resposta quanto ao significado do desenho, mostrando que ela não desenhou a sua casa e sim como ela gostaria que ela fosse. E deixa evidente esse desejo.

Sobre os sentimentos que ela tem pela casa, afirma gostar muito da casa, que ela é sua vida, que quando abre a porta de casa pensa como sua casa é linda. Mas ainda sobre os

sentimentos sobre o desenho, ela menciona sentir tristeza por se sentir só. Como ela disse: “Só sou eu e minha filha no mundo”. Tal fala chega como se o cuidado com a casa, que ela tanto menciona como importante, se tornasse mais difícil já que ela não tem quem a ajude. Nesse momento ela se emociona, trazendo à tona seus sentimentos por se sentir sozinha.

A mesma é líder do bloco dela, estratégia está utilizada dentro do trabalho técnico social como recurso de organização comunitária, pertencimento e cuidado nos espaços coletivos, e quando falamos sobre sua relação com os vizinhos, ela comenta: “Eu não tenho o que falar das pessoas. Todo mundo me conhece e gosta de mim. Mas tem pessoas que vira a cara. Mas a gente se dá super bem.” Também comenta que as pessoas ajudam muito ela quando está precisando. Desta forma podemos perceber como o conteúdo da solidão se expressa na proximidade ou necessidade de outras pessoas.

Quando perguntamos sobre a importância dessa casa para ela, a resposta foi: “É tudo na minha vida. Ainda quero fazer muitas coisas. Era o meu maior sonho ajeitar a casa. Agora eu tenho mais liberdade. Durmo e acordo a hora que quero.” E sobre a mudança que a conquista da casa teve na sua vida, ela afirmou: “Mudou muito. Agora eu tenho paz. Não é a mesma coisa quando você mora na casa dos outros. Eu passava por muita coisa na casa que eu morava. Agora não preciso mais passar por isso.” O modo como podemos perceber a resposta dessas duas questões evidencia uma relação de pertencimento com a casa. Esta casa parece ser tudo que ela precisava, embora se sinta só. Mas a solidão também deu a ela a liberdade e a não vivência de certas coisas que parece que ela não aprova.

Sabemos que a filosofia espinosana é política e ética, se remetendo principalmente a olhar para o conteúdo da humanidade. Quando ele fundamenta-se no conceito de potência, entendemos que cada indivíduo tem o direito de se afirmar e de se expandir, e quando isto acontece, experimentamos da liberdade. E no caso podemos considerar isto como a potência de ação que os indivíduos experimentam na relação com as coisas ou com outras pessoas, advinda dos bons encontros. Já a potência de padecimento pode ser compreendida como sensações ligadas as tristezas que diminuem nossa potência de ação, levando-nos à passividade e à servidão, como é explicado por ele: “A nossa mente, algumas vezes, age; outras. na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas. Ela necessariamente padece”. (ESPINOSA, 2010, p.165).

Contudo, não são os sentimentos em si que promovem à nossa potência, mas como elaboramos esses afetos. Nesse sentido, a tristeza e a solidão vivida pela Mulher Sozinha poderia ser gerador da potência de padecimento, entretanto, o modo como ela, que

poderíamos ousar a dizer que são suas estratégias de enfrentamento da exclusão, a possibilita de agir com tais afetos, como sendo a líder do bloco, sendo solidaria e convidando várias mulheres à sua casa e também à sua presente vontade de cuidar da casa e conseguir ajeitá-la. Espinosa nos evidencia tal discussão nos dizendo.

Com efeito, uma única e mesma coisa pode ser boa e má ao mesmo tempo e ainda indiferente. 1. Por bem compreenderei aquilo que sabemos, com certeza, nos ser útil. 2. Por mal compreenderei, por sua vez, aquilo que sabemos, com certeza, nos impedir que desfrutemos de algum bem. (ESPINOSA, 2010, p.267)

Assim, o que pode parecer tão óbvio, nem sempre o é. Sendo assim, passamos a compreender os afetos como norteadores de uma ética cidadã. Podemos ampliar tal discussão, trazendo falas das participantes da roda de conversa, quando foi convidado a elas a falarem sobre o que acham do fato das mulheres terem prioridade na política de Habitação do Minha Casa Minha Vida, no que se restringe a propriedade da casa.

Porque eu não vou viver minha vida toda de aluguel, vai se não der certo, daqui pra frente, eu com ele? Eu tenho a minha casa, eu não vou depender de ninguém, não vou depender de ninguém pra tá pagando aluguel pra mim, eu tenho a minha casa pra morar com as minhas filhas (Fala de uma participante durante a roda de conversa)

Eu acho que é o mais certo mesmo, né porque a mulher ela sempre acolhe mais os filhos né? porque hoje, louva a Deus quem tem marido bom né, mas por aí a fora tem muitos maridos que até quer expulsar a mulher de dentro de casa (Fala de uma participante durante a roda de conversa)

Com tais falas podemos observar que o lugar da mulher como proprietária da casa, diz de um contexto de vulnerabilidades ligadas respectivamente à condição financeira, por deixar de pagar aluguel e segundo, a relações de violência e opressão que são vividos por mulheres por depender do marido. Nesse sentido, a experiência vivida de solidão e tristeza pela Mulher Sozinha, não a impede de procurar os vizinhos, de cuidar do seu bloco e ainda ser afetiva com um grupo que ainda conhecerá. (Retrato a situação em que ela mesma propôs que o encontro da roda de conversa fosse na sua casa)

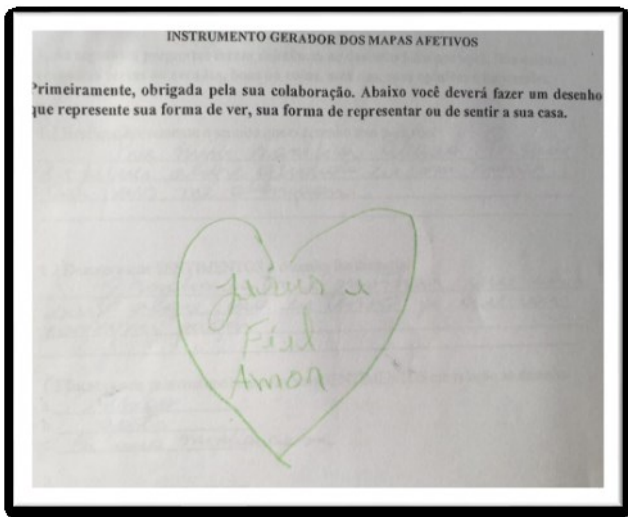
Durante a roda de conversa, ficou claro que a condição das mulheres serem as proprietárias das suas casas, as possibilitam experimentar sensações de liberdade, apropriação e segurança. Além da confirmação que muito da experiência delas parte da necessidade de dar segurança a seus filhos. Colocando o papel social da maternidade imbricado à sua condição de Mulher. Destarte, podemos evidenciar como marcador social a conquista da maternidade para ter sua própria casa, como abrigo para seus filhos. Como

representação deste tema referente ao lugar de fala, apresento um comentário da roda de conversa.

Ela é a dona da casa, ela tem os filhos que quer dar agasalho ne, que é por isso, porque homem mesmo é mais desligado das coisas e a mãe não, a mãe é mais atenta, é mais preocupada. E os alugueis tão muito caro, então elas correm atrás pra evitar o aluguel, pra o dinheirinho do aluguel já dar pros filhos comer, ne? (Fala de uma participante durante a roda de conversa)

Ressalto que na pergunta geradora não havia nada sobre mães, e sim, mulheres, mas foi generalizado, mesmo havendo uma participante que não tinha filhos, e nem marido, que a fala dessa prioridade dentro da política de habitação fosse pautada na experiência da mulher ser mãe. Desta forma, se entre dez mulheres apenas uma não é mãe, e mesmo assim, referência sobre a prioridade pautada no cuidado com o filho, podemos ressaltar que um conteúdo importante na experiência de ter uma casa própria advém da vontade/necessidade de ter um lugar para abrigar os filhos.

Tabela 13 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°9

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Boneca		Sexo: F	Idade: 56 anos.
Tempo de residência: 2 anos		Profissão: Costureira	
Quantas pessoas moram na casa: 2 pessoas		Qual tipo de moradia anterior: Aluguel	
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“ Para mim significa alegria. Porque eu fiquei alegre quando vim morar aqui. Que Deus me abençoou.”	‘Eu amo minha casa. Às vezes ela tá bagunçada, mas ela é minha. Ela é bonitinha.’	- Apego; - Gostar; - Amar a casa:	A uma casinha de boneca;
 <p>INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS</p> <p>Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou de sentir a sua casa.</p>		SENTIDO	
		<p><i>A casinha de boneca é aquela em que a agradabilidade significa ter ficado alegre quando foi morar aqui e com sentimentos de apego, gostar e amar a casa, sabemos que sua casa é bonitinha. Configurando-se como uma estima de lugar potencializadora.</i></p>	
Estrutura: Metafórico			
Imagem: Agradabilidade			

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

Essa é *A casinha de boneca*. Uma senhora de 56 anos, costureira, que mora com seu esposo e também é líder do bloco. Mora no primeiro andar e é referência para os técnicos da prefeitura como suporte para as atividades que eles fazem naquela quadra. Em algumas de suas falas apresenta uma preocupação ou uma dada importância para a questão da limpeza, organização e beleza, como podemos observar na sua resposta quanto ao que ela pensa sobre sua casa: “Eu amo minha casa. Às vezes ela tá bagunçada, mas ela é minha. Ela é bonitinha.” Com uma voz mansa e um olhar delicado, repetidamente fala sobre como gosta de sua casa.

Outra questão que aparece como repetição nas suas respostas é quanto à questão financeira. Tanto pela conquista de não precisar mais pagar aluguel, como pela sua preocupação em não estar pagando as parcelas da sua casa. Quando perguntamos sobre a importância dessa casa para ela, a resposta foi: “É uma importância muito grande. Porque ela é minha, mesmo eu não tendo pague, eu pretendo pagar. Sobre seus sentimentos ela evidencia que tem fé que vai conseguir pagar.

Desta forma, podemos perceber uma valorização na experiência da casa ser sua. Dela ter uma casa. Ter a propriedade desta casa. Entretanto esse sentimento encontra desconforto quando fala que não conseguiu pagar as parcelas. Sobre isto podemos retomar a questão tão presente nos IGMA quanto a Apropriação. A *mulher Boneca* demonstra a partir dos seus relatos de agradabilidade, gostar muito da sua casa, contudo expressa por várias vezes a preocupação/desejo sobre o pagamento das parcelas da sua casa, o que poderíamos compreender como um elemento de defesa ao lugar, embora não o faça pelo sua condição econômica. Desta forma, a representação da sua apropriação se torna um pouco confusa, quando reconhecemos que a desigualdade social promove o sofrimento ético-político. Poderia o processo de Sofrimento ético-político dificultar a apropriação?

Sabendo que o termo Apropriação foi discutido dentro da Psicologia Ambiental como autores de base Marx, Heidegger e Henry Lefebvre, confirmamos a profundidade que este conceito tem, permitindo dialogarmos com questões existenciais, sociais e como elemento do cotidiano (BOMFIM, 2010). Desta forma podemos criar diálogos desse conceitos com questões pautadas na dialética Exclusão/Inclusão, Alienação, Sofrimento Ético-Político e Potência de Padecimento.

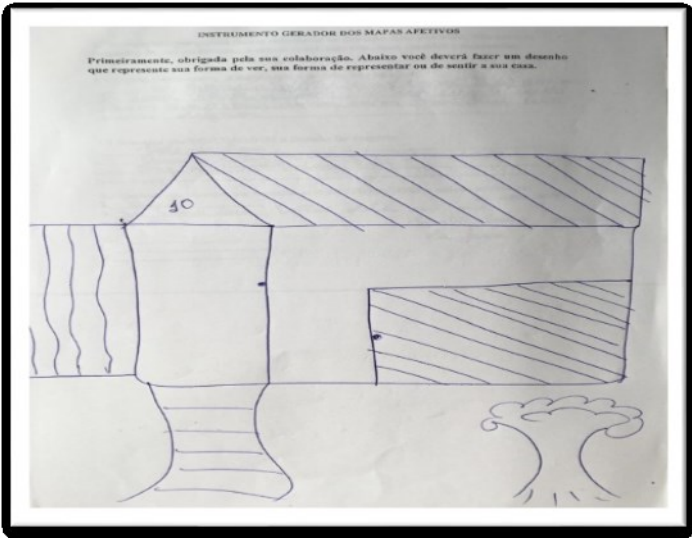
Referente a questão colocada à cima, compreendemos que quando não há apropriação do espaço, entendendo apropriação como o sentimento de apego e de defesa com o seu lugar, não se experimenta o lugar como extensão de si mesmo. Desta forma, se encontra uma situação de alienação do ponto de vista da consciência, por não se ter clareza

do que acontece na sua realidade. Já que se tem uma relação com tal espaço, porém não há ação-transformação, nem identificação. Podendo entender então, como uma alienação quanto a construção do sujeito histórico e social onde o lugar é expressão dessa identidade.

Quando Pol (1996) constrói o conceito de apropriação e bebe de conteúdos teóricos discutido por Marx, encontra no conceito de alienação uma perspectiva subjetiva da apropriação, pois compreende que a alienação ocorre quando o sujeito não se identifica com os objetos que ele mesmo produz. Promovendo na consciência uma experiência de não pertencimento. Entretanto, também bebendo da fonte de Lefebvre, o autor passa a compreender que o processo da alienação ocorre na esfera da vida cotidiana. E que apropriação é um processo importante contra a alienação. E quando fala da vida cotidiana, se retrata quanto a realidade social, que pode ser contextualizada através da desigualdade social.

Desta forma, partindo do contexto das moradoras do Nova Caiçara, em que se encontram diversas categorias sociais que evidenciam vivências cerceadas pela desigualdade social, experimentam no seu cotidiano processos de desapropriação promovendo vivências de alienação.

Tabela 14 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°10

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Dentro de casa Tempo de residência: 2 anos		Sexo: F Idade: 30 anos. Quantas pessoas moram na casa: 2 pessoas	Profissão: Vendedora Qual tipo de moradia anterior: Coabitação
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“ Eu gostaria de ter uma casa tipo assim. Ter uma casa é tudo. Ter um lar é tudo. Quem não tem uma casa não tem uma vida digna.”	“Eu só não gosto porque ela não tem um muro. Fora isso ela é perfeita. Ter o muro para estender roupa. Ter um cachorro, area de service. Aqui não tem como lavar roupa”	- Orgulho; - Amor; - Me sinto bem dentro dela; - Não me sinto bem fora dela:	Com uma casa de boneca.
		SENTIDO	
		<p><i>A casa de boneca é aquela em só não é perfeito, pois não tem um muro. E que com sentimentos de orgulho, amor e me sentir bem dentro dela, a faz ser como uma casa de boneca. Porém demonstra <i>contraste</i> ao evidenciar que aquela não é a casa que queria morar e que não se senti bem fora dela.</i></p>	
<i>Estrutura: Metafórico</i>			
Imagem: Contraste			

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

O desenho feito pela *Mulher dentro de casa*, como ela mesmo disse, significa: “A casa que eu gostaria de morar com a minha família.”, evidenciando que a casa que ela mora hoje não é do jeito como ela gostaria que fosse. Descreve sentimento de orgulho, amor e de se sentir bem, mas mesmo afirmando gostar de lá, não deixa de afirmar que gostaria que alguns detalhes fossem diferentes. Quando a pedi que dissesse o que falaria caso uma pessoa a perguntasse sobre o que ela pensa de sua casa, afirmou: “Eu só não gosto porque ela não tem muro. Fora isso ela é perfeita. Ter o muro para estender roupa, ter um cachorro, área de serviço. Aqui não tem como lavar roupa.

Ela nos recebeu de toalha no corpo, entendi que havia acabado de sair do banho e durante a entrevista, catou os feijões para seu almoço e até sua mãe desligar, olhava para

televisão assistindo aqueles programas de notícias. Da maioria das casas que entramos, a sua era a mais equipada. Com sofá, mesa, armário para televisão e a própria televisão. De ladinho vi que os quartos seguiam este mesmo padrão de organização. Na cozinha também tinha armário. Essas informações se apresentam como afirmações da importância dos conteúdos estruturais e funcionais da casa, já que suas falas evidenciam a falta que outros elementos fazem.

Ao afirmar sobre as mudanças que a conquista da casa causou na vida dela, ela menciona: “Mudou total. Por completo. Eu passei a ter mais responsabilidade, porque antes eu morava com minha mãe. Por vários motivos. A gente pode fazer o que quiser, é minha casa! Posso fazer o que quiser. Mexer nos móveis, mudar o espelho de lugar.” Mais uma vez o conteúdo da experiência de ser dona da casa, de ter a posse, se apresenta como elemento potente sobre a relação com a casa. Durante a inserção ao campo, por vezes essa discussão apareceu nas aplicações dos mapas, e como podemos constatar na citação abaixo do diário de campo 7.

A questão da propriedade da casa era inabalável. O que pareceu se repetir nos mapas. O que parece tão impenetrável quanto ao sonho realizado de ter sua casa própria. Qualquer problema é menor do que a “oportunidade” de ter sua casa própria. Fico me perguntando que sensação é essa de ter algo no seu nome, algo para chamar de seu. Qual conteúdo existencial é esse? De posse? De uma necessidade primitiva? (Trecho retirado do diário de campo N°7)

Perguntas essas que podemos dialogar com os nossos referências teóricos, quanto ao conteúdo existencial da importância da casa para sua subjetividade, como também dos conteúdos sociais de como a obtenção da casa própria toca nas questões da vulnerabilidade social.

Quando a perguntei sobre a importância dessa casa para ela, a resposta foi: “Muita importância. Ela é meu palácio. Porque quem não paga aluguel tá maravilhoso. Quando eu estou dentro de casa, eu me esqueço de tudo, é ótimo, mas quando eu saio daqui, que vou lá para fora, eu penso, é aqui que eu moro?” Tal comentário representa um incômodo com o bairro, ou mesmo com elementos existentes no Nova Caiçara. Comenta sobre ter uma boa relação com os vizinhos. Diz que quando pode ajudar, ajuda. O que se apresenta como uma certa distância da sua situação para a deles.

Para a pergunta do que é mais importante para ela na sua casa e no Nova Caiçara, essa foi a resposta: “Eu gosto do meu quarto e a sala. Mas o que é mais importante é principalmente minha filha. Já no Nova Caiçara no momento não tem nada. As pessoas arreventaram tudo. O parquinho. Mas se a gente for falar é possível matar a gente.”

Podemos observar nesta fala, embora não seja registrado por ela, o sentimento de medo, revelando também sentimentos de decepção e incômodos.

E no fim da entrevista, quando perguntamos sobre se ela sairia do Nova Caiçara, responde: “Só sairia daqui se arranjasse outra casa própria. Poderia até sair sim, Se tiver com melhor condição financeira. Mas não pela casa. A casa é ótima. ” E mais uma vez evidencia seu incômodo com o bairro. É perceptivo então, sentimentos de contraste e incômodos, embora seja também evidente seu zelo e cuidado com a casa.

Algo que chama a atenção deste mapa afetivo como conteúdo para análise é o elemento do contraste quanto ao gostar da casa principalmente porque ela é própria, não precisando pagar o aluguel, entretanto a relação com o entorno da sua casa, que trago aqui como comunidade ou Conjunto habitacional, é percebida de maneira negativa ou mesmo com imagens afetivas de Destruição que pode ser evidenciada pelas percepções sobre um ambiente desagradável, degradado, destruído. (Bomfim, 2010) Desta forma seu mapa afetivo revela vivências contrastantes que constituem transversalmente às imagens de Agradabilidade e Destruição.

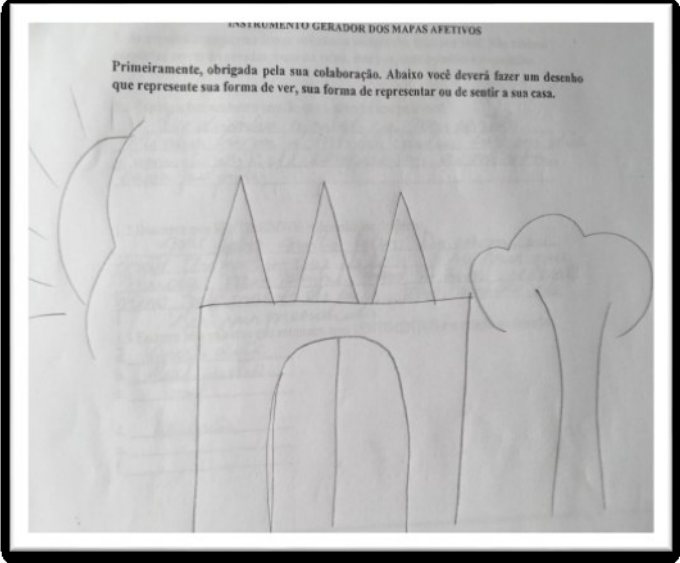
Para a *Mulher Dentro de Casa* como para outras participantes da roda de conversa, a relação com o fora de casa é difícil. Como podemos observar em algumas das falas quando perguntado sobre o que significava dizer “dentro de casa está tudo ótimo, mas fora...”, as respostas foram: “o perigo de fora é as bala né?”, “A própria polícia”, “Eu acho que todo mundo tem a opinião que eu tenho, todo mundo tinha medo”, “O que a gente pode fazer pra proteger a família da gente, dentro de casa a gente faz, mas fora? Tá na mão de deus, é rezar muito pra chegar bem e vá em paz”. Deste modo podemos compreender o quanto o sentimento do medo/insatisfação se apresenta como experiência do fora. Mais também se apresenta com bastante representatividade, falas de que os incômodos estão relacionados a insatisfações do campo do descuido e destruição dos ambientes partilhados, como por exemplo: “E eu vejo a questão de fora é da limpeza”, “É poucos que limpam e muita gente suja”, “Portão aberto”, “O problema é só da sebosidade mesmo e a gente passa a porta, cada um tem sua chave, que que custa? Passou, trancou. “Desta forma se evidencia além dos sentimentos de Insegurança, as vivências de Destruição quanto a degradação e descuido com o lugar.

Quanto esta pesquisa se propõe a verificar a relação da casa como uma dimensão ontológica/existencial para mulheres, sendo esta casa advinda de uma política de habitação, necessariamente precisamos analisar os conteúdos afetivos quanto ao contexto desta casa. E o que aparece estar sendo delineado é uma compreensão de que quando perguntado no

geral sobre os afetos por esta casa, essas mulheres demonstram principalmente sentimentos de agradabilidade, mas quando aprofundamos a discussão com as perguntas ampliadoras e na roda de conversa, podemos observar grandes dificuldades quanto a sua moradia, como por exemplo, medo da violência, insegurança da sua permanência na casa, como é percebido em três mapas quando perguntado se sairiam das suas casas, e como respostas dizem que somente se fossem expulsas ou “expirradas” (expressão dada ao modo como as facções retiram moradores de suas casas) e também insatisfações diversas como com a sujeira do residencial.

Desta forma, para a *Mulher Dentro de Casa* podemos observar uma imagem de contraste sobre a sua relação com a sua casa, quando fica evidente seu carinho e apego pela sua moradia, revelando muitos sentimentos de agradabilidade, porém também possui vivência despontencializadoras quanto à categoria Destruição ao reportar sua decepção com o fora, com a violência, e também com elementos sobre o descuido com o lugar. Tais sentimentos aparecem quando ela por vezes relata que gosta quando está dentro de casa, mas não quando está fora. Entretanto, é perceptivo que a sua autoimagem é positiva, quando se reconhece mais responsável e com liberdade, revelando assim uma estima de lugar potencializadora.

Tabela 15 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°11

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Castelo		Sexo: F	Idade: 25 anos.
Tempo de residência: 3 anos		Profissão: Dona de casa	
Quantas pessoas moram na casa: 5 pessoas			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“Esse desenho simboliza meu castelo. Minha casa é minha vida. Hoje em dia é muito difícil conquistar a minha casa própria”	“Eu acho ela linda. Ela não ta pintada, mas mesmo assim acho ela linda. Ela é pequena, mas não tão pequena. Na casa que eu Morava não tinha quartos, quando eu vim visitar e vi que tinha, eu fiquei encantada.”	<ul style="list-style-type: none"> - Gratidão; - Realização; - Paz; - Alegria; - Medo; 	“À casa dos meus sonhos”
 <p>Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou de sentir a sua casa.</p>		SENTIDO	
		<p><i>A casa dos sonhos</i> é aquela que é linda, pequena, mas não tão pequena e com sentimentos de gratidão, realização, paz e alegria, revelando sentimentos de agradabilidade, porém o sentimento do medo aparece quando sai da casa, revelando assim a categoria afetiva do <i>contraste</i>. Considera-se que a estima de lugar é despoticizadora quando os fatores externos a casa, ou até mesmo seu acesso provoque inseguranças e desgosto com o que se vê.</p>	
		Estrutura: Metafórico	
		Imagem: Contraste	

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

A entrevista com a *Mulher Castelo* apresentou em diversas respostas, conteúdos de medo e insatisfação, e é possível perceber uma ligação com o formato do desenho, que parece com um castelo, com um muro bem alto. A mesma, explicando o sentido do desenho, falou: “Este desenho simboliza meu castelo. Minha casa é minha vida. Hoje em dia é muito difícil conquistar a casa própria.” Nesse sentido, representa um sentimento de realização ao ter conquistado algo que reconhece não ser fácil. Como uma conquista mesmo. E o castelo representaria esse sonho, esse algo muito valioso.

A mesma é evangélica, cuja conteúdos simbólicos sobre o castelo por ser significante, entretanto podemos compreender uma ligação com os conteúdos de se sentir insegura. Tem 25 anos, casada, nunca trabalhou e seu esposo está desempregado há 4

meses. Com três filhos relata em vários momentos como sua condição financeira está vulnerável. Foi a única entrevistada, que durante a aplicação do mapa pediu informações para a técnica que me acompanhava nas visitas, sobre os benefícios sociais dela.

Na descrição dos sentimentos que o desenho lhe desperta, ela conta: “Me sinto feliz. Da casa eu não tenho o que falar. É só sair que muda. Nem sempre. A gente se sente preso, pelo medo de sair. Temos medo de ser surpreendido.” Seu esposo estava na cozinha, a menos de um metro de distância e trocava olhares com ela, como se estivesse confirmando suas informações. Quando ela mencionou esse medo de ser surpreendido, nos contou sobre uma dada situação em que viu um dos seus vizinhos ser baleado na entrada do bloco, logo quando eles iam chegando. Situação essa que ela conta que se tornou como um trauma para ela.

Quando ela nos diz sobre o que pensa sobre sua casa, afirma: “Eu acho ela linda. Ela não está pintada, mas eu acho ela linda. Ela é pequena, mas não tão pequena. Na casa que eu morava não tinha quarto. Quando eu vim visitar essa casa, vi que tinha quartos. Fiquei encantada.” E complementa, “Porque a gente agora tem nossa intimidade”. As falas sobre a casa, vêm carregadas de elogios e satisfação. Seja porque gosta dela, porque se sente bem nela ou mesmo porque é uma grande conquista ter uma casa própria. O que fica mais evidenciado quanto a sua relação com a casa, são os conteúdos de afetos pela casa, mas também de medo e insegurança pelo bairro, ou mesmo pelo Nova Caiçara. Fala sobre os vizinhos com boas referências, afirmando que tem boa relação com eles e que são mais famílias no bloco.

Perguntamos a ela sobre como a conquista da casa mudou sua vida, ela nos disse: “Teve coisas boas, como a questão do aluguel. Aqui é o meu abrigo. O ruim é só a distância das coisas, já que não temos transporte.” O Nova Caiçara é um bairro distante do centro, de periferia e como acesso ao bairro se tem uma estação do metrô na entrada do bairro, e os transporte de ônibus que também só transitam na entrada no Residencial e os mototáxis.

Tal conteúdo trazido por ela, pode ser compreendido quanto as questões relacionadas ao direito à moradia e como tem sido a construção dos Conjuntos habitacionais pautados na desigualdade sócio espacial. Com a periferização do Conjuntos habitacionais os moradores passam a ter dificuldade de acessar os serviços básicos, como água, educação, saúde, lazer. Tornando assim uma construção espacial pautada na desigualdade social, e com isso, promovedor de conteúdos existenciais e sociais de exclusão (ROLNIK, 2011). O que pode ser percebido na fala da mulher Castelo.

Ainda sobre o Nova Caiçara percebemos que ela estava com dificuldade de mencionar algo de importante que ela vê lá, e explica: “Aqui tinha tudo para ser um bom lugar, mas não é. Muita gente não vem visitar a gente porque tem medo de vim aqui. Às vezes eu tenho medo de dizer que moro aqui.” A sensação clara de que essas condições externas a sua casa a coloca em uma situação de risco. Onde ela se sente presa. Elemento este descrito no tópico de Territorialização do Nova Caiçara, que compete as estratégias de controle das facções criminosas. O medo de transitar outros bairros, e o medo que os familiares têm de visitá-la está intimamente ligados ao controle do crime organizado dentro do Nova Caiçara. Tal experiência atravessada por sentimento de insegurança vivida pela Mulher Castelo nos remete ao conteúdo da violência que também foi tratado durante a entrevista com profissional da Habitação.

Existe o tráfico em si né, mas com relação a violência que se apresenta, principalmente assim, pra gente da área da psicologia, ele afeta muito a saúde mental, porque a principal violência é de você tirar o direito de ir e vir do cidadão, porque eles chegam tão adoecidos, assim, angustiados por não poderem mais frequentar outro bairro por que moram no nova caiçara, ou pessoas que são realmente ameaçadas, “oh, você não pode mais visitar sua família no bairro tal, porque você é daqui, se eu vir você com algum familiar que é de um bairro que é comandado por outra organização criminosa, você pode morrer”, então essa ameaça psicológica é o que eu vejo de mais violento (Entrevista com uma profissional).

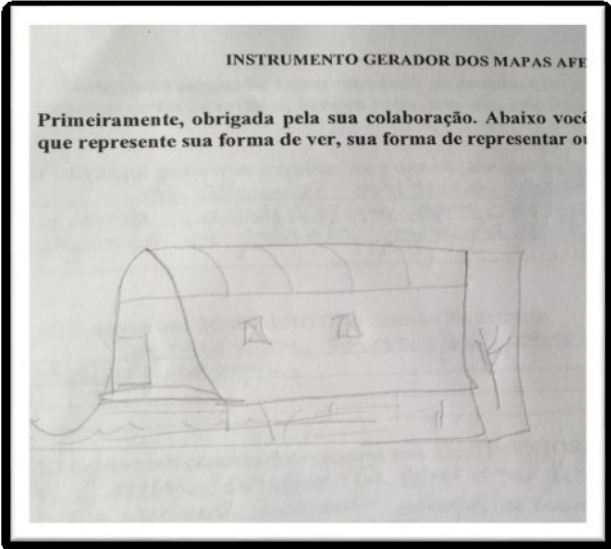
A expressão dita pela Mulher Castelo que “Aqui tinha tudo para ser um bom lugar, mas não é” remete a imagem afetiva de Insegurança, que pode ser expressa por sentimentos de medo, insegurança e ameaça, em que as vivências podem levar a uma certa ansiedade quanto à permanência no ambiente (BOMFIM, 2010). Que podemos retratar quando a mesma explica que se sente traumatizada pelo que aconteceu com seu vizinho.

Para finalizar, perguntei quanto as possibilidades dela sair de lá, nos afirmou: “Agora no momento eu não penso. Já pensei por causa do medo, mas voltar para casa da minha mãe não dá. Somos 5.” Seu olhar através das lentes dos óculos revela medo e insegurança. Mas no seu colo, durante toda a entrevista, ela não dispensa em um só momento de acarinhar seu filho menor. Os afetos são claros, de amorosidade, gratidão e abrigo. Porém o contraste da experiência de onde se encontra a casa é pulsante e revela um movimento destacado de insegurança.

Para este mapa afetivo podemos considerar a categoria contraste cuja se apresenta com representações de *agradabilidade* e *Insegurança*, no qual podemos entender que sua relação com a casa no que tange sentimentos e qualidades positivas, como a realização de

um sonho, a facilidade econômica e a estrutura da casa, onde podem viver sua intimidade, por exemplo, é percebida como categoria de *Agradabilidade*. Já a imagem de *Insegurança* é percebida pelas vivências de insegurança, medo de sair de casa, não poder dizer onde mora, não receber visitas, pois seus familiares têm medo, a necessidade de um transporte em contrapartida da distância do Residencial para o centro. Desta forma, reconhecemos que essas vivências são desencadeadoras de afetos despoticizadores.

Tabela 16 – Categorização do mapa afetivo da mulher N°12

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Mulher Sonho Realizado		Sexo: F	Idade: 51 anos.
Tempo de residência: 3 anos		Profissão: Atendente de farmácia	
Quantas pessoas moram na casa: 1 pessoa		Qual tipo de moradia anterior: Aluguel	
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
“Eu desenhei minha casa feito um arco e uma calçadinha com chuva e um pezinho de planta para fazer sombra.”	“ Agora eu tenho para onde ir. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Eu acho minha casa ótima.”	- Conquista - Amor pela casa; - Adoro quando chega a hora de voltar para casa;	Com um sonho realizado.
 <p>INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFE</p> <p>Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você que represente sua forma de ver, sua forma de representar o</p> <p><i>Estrutura: Metafórico</i></p>		SENTIDO	
		<p><i>A Casa Sonho realizado é aquela em que sua agradabilidade é percebida nos sentimentos de conquista, amor pela casa, adoro quando chega a hora de voltar para casa. Revelando ser a melhor coisa que aconteceu na vida. O que pode ser considerado com uma estima de lugar potencializadora.</i></p>	
Imagem: Pertencimento			

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

A casa sonho realizado é puro elogios. Logo nas primeiras fala comentou que só tem coisas boas para falar da casa. Quando ela respondeu a pergunta sobre a comparação da casa com algo, sua resposta foi a seguinte: “Eu comparo com um sonho que eu consegui. Eu não tinha nada, porque eu tinha que pagar o aluguel. Agora eu posso comprar minhas

coisas.” É perceptível nas suas falas a sensação de satisfação em ter conquistado sua casa própria. Ela é solteira e não tem filhos, o que dentro das prioridades do PMCMV ela está dentro os menores, nesse sentido várias vezes menciona que nunca imaginou que conseguiria, que lutou bastante, mesmo achando que seria difícil, então a sensação de conquista é marcante.

Quando perguntamos sobre o que ela pensa de sua casa, a mesma no disse: “A minha casa é...sei lá. Eu tenho para onde ir todo dia. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Eu acho a minha casa ótima. Quando eu arrumo ela, ela fica linda.” Nesse sentido, seu carinho pela casa é marcante. E o fato de ter deixado de pagar aluguel se apresenta como um processo de emancipação, pois assim pode investir em outras questões. Que é o que aparece quando ela fala sobre o que a conquista da sua casa mudou na sua vida. “Minha vida mudou completamente para melhor. Eu conquistei minha casa. Comprei fogão, mesa, agora tenho internet. Agora eu já até ajudo outras pessoas. Mais uma vez, a importância de parar de pagar aluguel para ela, trouxe a possibilidade de experimentar outras possibilidades, que de alguma forma evidenciam mais potência e melhorias.

Sobre a possibilidade de sair de lá, ela nos respondeu o seguinte: “Não. Só se fosse para um lugar melhor. Mas não existe. Quem faz o lugar é a gente,” Dessa forma, fica marcante como ela se sente satisfeita com sua morada e compreende sua conquista da casa própria como uma oportunidade, e como ela mesma comenta: “Eu adoro quando chega a hora de voltar para casa.”

Quando compreendemos que os Mapas afetivos “Pretende ser um método de análise de sentido, que de forma heurística, articula afeto (motivo, vontade), cognição (pensamento, linguagem – falada e escrita) e imaginação (criatividade e sonho).” (BOMFIM, 2010, p.219) é que precisamos dá espaço para que cada elemento desses mencionado a cima apareçam, se expressem e sejam notados. Desta forma podemos entender que a importância do modo como o pesquisador se implica e se disponibiliza para tais achados, seja durante a aplicação, como posteriormente na análise.

Nesse sentido para Mulher Sonho Realizado podemos observar predominantemente sentimentos de agradabilidade, porém falas como “Minha vida mudou completamente pra melhor.”, “A importância é tudo na minha vida”, “Eu compare com um sonho que consegui” e “Eu tenho um lugar para ir” é possível identificarmos elementos da categoria de pertencimento. Pois a mesma demonstra que para além de gostar muito da casa e se sentir aliviada por não pagar o aluguel, aquele é o melhor lugar para ela, onde se sente confortável

e segura. No qual podemos identificar um processo de apropriação do ambiente, de identificação e também de ação-transformação.

Um elemento que podemos considerar como relevante para esta análise que compete todas as mulheres pesquisadas, como também a *Mulher Sonho Realizado* é o conteúdo simbólico do desenho da casa. Sabemos que de 12 mapas afetivos, 10 foram desenhos de casa e 2 de coração, o que analisamos como todos sendo metafóricos, já que, no caso das casas, mesmo sendo um desenho de estruturas, do concreto, não revela a realidade delas. É um desenho que não diz da casa que elas moram, mas sim da imagem de casa que elas têm. Podemos considerar tal questão como um elemento que tem como possibilidade de significado a dificuldade de apropriação das mulheres pela casa, ou mesmo um frequente incômodo que não sabemos ao certo as implicações disso, pois a questão da estrutura da casa aparece em boa parte dos mapas e retornou durante a roda de conversa. Ela é uma casa, mas sua estrutura arquitetônica é de apartamento. O que não parece agradar.

Podemos observar tal análise nas seguintes falas retiradas da transcrição da roda de conversa: “que nós sonhava com uma casa mesmo assim né.”, “É assim, eu vim pra cá, porque eu já tinha meu filho lá embaixo e eu vim viver livre do aluguel, mas se eu tivesse ganhado uma casa teria sido melhor, porque eu morava numa casa ne, de repente eu vim pra cá, eu senti muito, muito mesmo”. O que pode ser observado como uma insatisfação pela estrutura e todos os elementos que um apartamento carrega. Como podemos observar mais uma vez, em outra fala:

“É assim, é porque a gente, desde, tipo assim, desde pequeno é que a gente mora em casa, em casa mesmo ne, casa que tem rua, que tem as calçadas, que tem quintal, que tem tudo aí a gente nunca morou num apartamento, aí todo mundo pensa que uma casa é igual aquelas casas, não um apartamento.”

Nesse sentido, evidenciar tal desconforto toca no conteúdo ontológico da imagem da casa. A casa como aquele abrigo que tem muro, quintal, intimidade, espaços lúdicos, como uma árvore ou apenas espaços livres para as crianças brincarem. Características essas ditas pelas próprias mulheres quando explicavam seus desenhos. Foi solicitado que elas desenhassem a sua casa, mas o que apareceu foi outra casa que não é a que elas moram hoje, o que nos revela um conteúdo afetivo com uma outra imagem. Para tal observação, trazemos Bachelard para com sua poesia, nos abrir os olhos para que casa é essa que as mulheres desenharam.

Evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho. Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida. Assim, abordando a imagem da casa com o cuidado de não romper a solidariedade entre a memória e a imaginação, podemos esperar transmitir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove em graus de profundidade insuspeitados. (BACHELARD, 1993. P.26)

Nesse sentido, Bachelard nos ensina que na casa encontramos a nossa concha inicial, que ela é nosso canto no mundo e que todo espaço realmente habitado traz a essência da noção da casa, desta forma, as casas que vivemos compõe poeticamente nossa imagem de casa. E numa mistura de memória e imaginação construímos os significados da casa, e como ele profetiza “Quando, na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial” (BACHELARD, 1993, p. 25).

Contudo, com os sonhos, com as memórias e desejos e também com os incômodos, elas estão satisfeitas. Satisfeitas com a casa que elas podem ter. Que elas conquistaram como quem conquista um sonho. Mas essa casa que elas gostam tanto, não é encontrada na representação imagética desse sonho conquistado. Elas sonham com uma, mas ganharam outra, e o que parece ser sonho, pode ser satisfação ou mesmo conformismo? Para tal questionamento, traremos falas representativas que apareceram na Roda de conversa.

Meu marido que disse que quando começasse a trabalhar, graças a deus ele começou, disse que ia alugar uma casa, eu disse pra ele que ele podia alugar pra ele eu não vou, E ele só vai se eu for, porque eu já tô acostumada com meu canto, foi muita luta pra conquistar, todo mundo aqui lutou. (Trecho retirado da transcrição da Roda de conversa)

Ai hoje nos tem o no nosso apartamento. Graças a deus. Trocaram pela casa, aí veio o apartamento. A gente deixou de pagar aluguel da casa, agora tem apartamento. A gente vai se acostumando com a falta d'água, vai se acostumando com o calor... (Risos) Ai vai. Ai todo mundo vai dando conta, ai todo mundo gosta do jeito de todo mundo. (Trecho retirado da transcrição da Roda de conversa)

Para tanto, o que poderia estar para além da satisfação? Uma satisfação existente, embora haja afetos de destruição e insegurança? Quando uma participante da roda de conversa se explica quanto estar conformada, a mesma comenta: “A gente agradece o que Deus deu né? É como o dizer, cavalo dado não se olha os dentes né, mas se tivesse uma coisa melhor a gente agradecia mais ainda, porque quem mora numa coisa e que vai pra outra, estranha ne? Mas se acostuma.” A satisfação é corroborada pela conquista. “Se eu

conquistei não posso reclamar, mas reclamo mesmo assim, porque poderia ser melhor” (questionamento feito pela própria pesquisadora) Desta forma, a conquista da casa própria para essas mulheres pode ser compreendida como um processo de emancipação, liberdade e bem estar, embora a estrutura da casa não satisfaça por completo suas necessidades e desejos e que os conflitos externo à casa, por vezes gerem aprisionamento e/ou passividade.

Para finalizar tal análise dos dados obtidos nesta pesquisa, podemos observar que pouco eram os sentimentos e emoções despotencializadores relacionados a Casa. Há insatisfações com a estrutura, com o calor e com a insegurança principalmente, entretanto as vivências de agradabilidade e pertencimento se destacam quanto a relação afetiva com a casa. De modo geral, as moradoras abordaram que a conquista da casa ou mesmo as experiências vividas na casa em si, proporcionam vivências agradável, de um sonho realizado e uma satisfação financeira. As contradições surgem principalmente ligado ao medo da violência, a experiência estigmatizante de ser moradora do Nova Caiçara, aos incômodos do calor, da sujeira dos corredores e área externa dos prédio e degradação das áreas de lazer, sendo essas vivência desencadeadora de afetos despotencializadores (imagem de Insegurança e Destruição). Embora não houvessem imagens puramente de Destruição e Insegurança, pois seus indicadores afetivos apareciam dentro da categoria de contrastes, em que também apareciam sentimentos de Agradabilidade.

4.2 Sobre a relação afetiva com a casa

“A consciência/sentimento de que nossa potência de passar da passividade à atividade só é possível por meio do outro nos torna comprometidos socialmente, não por obrigação, mas como ontologia” (SAWAIA).

A partir da categorização dos mapas afetivos e de sua análise em diálogo com conteúdo da roda de conversa, das respostas ampliadoras e dos referenciais teóricos que chegamos a um olhar amplo das estima de lugar vivido pelas participantes desta pesquisa e também os conceitos que aprofundam a compreensão da relação afetiva com a casa. A partir disso, tem-se a tabela 17 para visualizarmos amplamente os achados sobre as vivências afetivas vividas por aquelas mulheres.

Tabela 17 – Apresentação da Imagem Afetiva e Estima de Lugar

Identificação	Mapa Afetivo (Sentido)	Imagem Afetiva	Estima de Lugar
Mulher Sonho	A casa que sonhava viver com minha família	Agradabilidade	Potencializadora
Mulher Saudade da Mãe	A casa minha mãe	Agradabilidade	Potencializadora
Mulher Nada a Comparar	A casa nada pois não tenho nada para comparar	Agradabilidade	Potencializadora
Mulher Tempo	A casa que morei por 10 anos	Agradabilidade	Potencializadora
Mulher princesa	A casa-castelo	Agradabilidade	Potencializadora
Mulher Sonho da Família	A casa-mansão	Agradabilidade	Potencializadora
Mulher Casa Limpa	A casa-castelo	Contraste (Agradabilidade X Insegurança)	Despotencializadora
Mulher Sozinha	Casa da minha mãe	Contraste (Agradabilidade X Insegurança)	Potencializadora
Mulher Boneca	A casinha de boneca	Agradabilidade	Potencializadora
Mulher Dentro de Casa	A casa de boneca	Contraste (Agradabilidade X Destruição)	Potencializadora
Mulher Castelo	A casa dos sonhos	Contraste (Agradabilidade X Insegurança)	Despotencializadora
Mulher Sonho Realizado	A casa sonho realizado	Pertencimento	Potencializadora

Fonte: Elaborado a partir de Bomfim (2010).

Podemos observar que de 12 mapas afetivos, 7 são de Agradabilidade, 1 de Pertencimento e 4 de Contraste. E como estima de lugar 10 potencializadora e 2 despotencializadora. Desta forma, sem querer adentrar em uma perspectiva quantitativa, podemos compreender que de maneira geral as mulheres experimentam de vivências positivas e agradáveis na relação com suas casas. Deixando como marca principal, o elemento da realização de um sonho, de uma grande conquista, de um lugar para criar seus filhos e o abandono do aluguel. Entretanto, não deixou de ser registrado elementos relacionados a incômodos e inseguranças. A estima de lugar despotencializadora se apresenta principalmente no elemento de uma potência de padecimento, em que as duas mulheres demonstram vivências de aprisionamento.

O que não impediu de que nos mapas em que se revela uma ação potencializadora quanto à estima de lugar, também aparecesse questões de uma experiência desagradável, como é o caso das imagens de Contraste. Nas 4 imagens de Contraste temos 3 que se desdobram entre Agradabilidade e Insegurança e 1 em Agradabilidade e Destruição. Na decomposição das imagens de Contrastes, observamos que os afetos de Agradabilidade em 2 dos casos, se sobressai aos fatores negativos, representando uma estima de lugar potencializadora. Entretanto em outros dois mapas, a imagem de Insegurança é destacada como fator que interfere para que a relação pessoa-lugar, em que no nosso caso é a relação afetiva da mulher com sua casa, seja predominantemente como experiências de medo, solidão e insegurança.

É interessante observarmos que a categoria de contraste possibilita a reflexão dos elementos contraditórios na relação pessoa-lugar, uma vez que esta categoria representa tanto aqueles elementos que fortalece a vivência do sujeito com o lugar como os que enfraquecem. Pois assim, olhando para as duas perspectivas, pode-se construir determinadas intervenções para que as boas experiências sejam potencializadas, como por exemplo a sensação de pertencimento e apropriação da casa, enquanto busca-se compreender como são construídas psicossocialmente as experiências negativas, que podem estar no campo existencial e/ou político. Tal reflexão pode ser considerado como conteúdo discutido por Sawaia (2011) como estratégia de enfrentamento à exclusão.

Ainda sobre a categoria Contraste, sabemos que para Bomfim (2010), no que tange a análise dos mapas afetivos na parte qualitativa, é percebido “(...) como expressões de desigualdades sociais, que trazem mal-estar ao cidadão, por conviver entre a satisfação individual e coletiva” (p. 210). Conteúdo esse relevante para consideração final desta pesquisa, posto que é perceptível esse duelo quanto as experiências individuais e coletivas. A parte da casa individual, e a parte da casa coletiva. Ou mesmo do conteúdo de habitar a Casa e habitar a Rua.

Quando Bomfim (2010) no seu livro Cidade e afetividade conclui que “Vimos que a apropriação é um conceito fundamental para implementação de ações de estruturação do tecido social baseadas na participação cidadã” (p. 96). Passamos a entender que o processo de apropriação do espaço pode ser compreendido como fator para a emancipação humana no que diz respeito à consciência e à identidade. Visto que quando nos apropriamos do espaço, nos identificamos à ele e com isso geramos ação transformação, permitindo assim a compreensão potencializadora com esse lugar.

Corroborando com os resultados de Bomfim (2010), percebemos que os trabalhos realizados no LOCUS vêm construindo trajetórias de certificação e ampliação de olhares sobre a afetividade como elemento analítico para vários fenômenos urbanos e também rurais, evidenciando em cada contexto o conteúdo da apropriação com a participação cidadã, entre outras análises que correspondem a relação pessoa-lugar, evidenciando a pluralidade de estudar a afetividade como um recorte metodológico.

Desta forma, evidenciamos a categoria afetividade como um conceito que desestabiliza compreensões acerca das análises dos processos psicossociais de exclusão e da desigualdade social (SAWAIA, 2011). Para com isso, enxergarmos a potência dos afetos na experiência da vida das pessoas, suas lutas e resistências. A esses estudos, a afetividade se torna lente para compreender que as necessidades e a sobrevivência não podem ser pautadas apenas nas condições concretas, fisiológica e/ou ambientais, mas também nas questões dos afetos, sentimentos e sofrimento. Referencio então tais trabalhos para evidenciar o quanto há uma caminhada no aprofundamento da categoria afetividade e suas formas de atuação em diferentes campos, evidenciando assim a importância e validade de tais estudos.

Uma categoria que encontrou destaque nos resultados obtidos desta pesquisa foi do Sofrimento ético-político, que se alinha aos marcadores de classe social, de gênero e quanto ao direito à moradia. Compreendendo o sofrimento ético-político como uma categoria construída a partir da valorização da afetividade, objetivando-se perceber questões ligadas a um sofrimento das vivências cotidianas da desigualdade social, que podemos observar o quanto das falas das mulheres participantes desta pesquisa, representa tal sofrimento. Como as falas de medo relacionadas ao crime organizado, à insegurança de perder a casa caso não pague as parcelas, a não identificação com os espaços externo à sua casa, aos incômodos referente a sujeira e poluição, a dificuldade de acessibilidade aos equipamentos urbanos e serviços públicos, como também a ausência de espaços de lazer, entre tantos outros.

Deste modo, reconhecer que a relação que estas mulheres têm com as suas casas são permeada por experiências cotidianas de sofrimento ético-político nos possibilita enxergar de maneira mais ampliada as dificuldades quanto à apropriação do espaço, da formação da Identidade Social Urbana, das vivências de potência de padecimento, como também nos possibilita ter uma visão crítica de como foi se construindo os princípios urbanísticos no Brasil corroborando para a luta do direito à cidade e à moradia.

Outro elemento relevante para ser apresentado na conclusão desta pesquisa é o conteúdo da Apropriação em diálogo com a sensação de posse ou mesmo da sensação de

“ser dona da minha casa”. Para tal questão reiteramos a discussão feita por E. Pol em *Apropriação do espaço*, quando o mesmo nos explica que a sensação de posse não está intimamente relacionada a construção da apropriação do lugar, assim como também não está ligada à identificação. Como pode ser observada na citação a baixo:

La apropiación como proceso de identificación se da, incluso en algunos casos, como un cierto sentido ser agente de transformación. En este punto Sansot matizará: solo nos apropiamos de aquello con que nos identificamos. Esto implica un sentido de voluntad del sujeto que otros autores discutirán. Pero conlleva a su vez otro aspecto importante: la posesión legal no conlleva sentido de apropiación. (1996, p.5)

Desta forma, a sensação tão presente nas falas das mulheres moradoras do Nova Caiçara sobre satisfação, não pagar aluguel, ter liberdade, gostar da casa, e entre outras, que foram mencionadas atrelada a sensação de posse, de ter a casa própria, não necessariamente é o conteúdo que represente a sensação de pertencimento, ou mesmo, de apropriação. Por isso, a categoria afetiva de pertencimento não foi tão presente, mesmo sendo tão frequente as falas ligadas ao conteúdo do pertencimento.

Compreendendo então que os sentimentos de posse, de ter uma casa, não diz necessariamente da categoria pertencimento, se apresenta aqui a formalização da dualidade das imagens, podendo assim ampliarmos para a possibilidade de que as imagens afetivas em sua maioria deste trabalho, podem ser compreendidas como Contraste. Exaltado então a diferença na estima de lugar, que tanto pode ser potencializadora como despontencializadora.

Desta forma, podemos ousar em dizer que os sentidos de habitar a casa do conjunto Habitacional Nova Caiçara é experienciada por algumas mulheres como uma experiência ambivalente entre satisfação, conforto, agradecimento e descontextualização, medos e insatisfações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas as discussões aferidas ao longo deste trabalho podemos reconhecer então que o objetivo desta pesquisa em compreender os sentidos de habitar a casa para mulheres do Conjunto Habitacional Nova Caiçara/Sobral-Ceará no contexto das políticas públicas de Habitação do Programa Minha Casa, Minha Vida, foi desenhado, discutido e chegado a pontos hora ambivalentes e hora muito claros. Entendemos que é potencializador a relação, Mulheres-Casa, e já outras relações como Mulheres-Bairro, Mulheres-estrutura da casa são mistos entre potencializador e despotencializador. O que já nos dá pistas para o primeiro objetivo específico quanto a investigação da relação casa-comunidade. Embora haja nos relatos uma força afetiva na relação com a vizinhança, a relação com a segurança e a estrutura das casas apareceram de maneira mais forte, constituindo em certa medida uma estima de lugar despotencializadora.

Percebemos que como conteúdo para o segundo objetivo específico é possível evidenciarmos como propostas para um eixo de orientação que incluía as mulheres em processos de emancipação ético-política, o diálogo sobre a estrutura arquitetônica do conjunto habitacional, que passa diretamente pelo conteúdo da horizontalidade da casa, que poderia promover uma maior apropriação do espaço e assim, a emancipação dessas mulheres.

Desta forma, em nossas análises consideramos que, aparentemente, receber a casa própria, que no caso é um apartamento, é uma ação potencializadora quando se fala da luta pela sobrevivência, porém, quando aprofundamos esse aspecto da estima potencializadora, pode ser observado a presença da potência de padecimento, pois aparentemente as pessoas não conseguem assumir suas verdadeiras necessidades. Mas quais são as verdadeiras necessidades das mulheres moradoras do Nova Caiçara? O que tem de consciente sobre essas necessidades?

Sabe-se que de uma casa. Uma casa que fosse com telhado, com um quintal, árvores, muro para estender roupa. Um muro para separar o que é de cada um. Assim talvez o lixo e a sujeira não incomodassem tanto. Mas que tivessem vizinhos, claro! Como é importante ter vizinhos para olhar a casa quando não se estiver em casa e para ajudar quando for preciso. Este é o mais presente e frequente desejo/imagem que essas mulheres têm do lugar da Casa em suas vidas. Que hora fica no campo do desejo e hora nas lembranças. Porém como elas não têm, agradecem pelo que tem. E entoam de diversas formas uma mesma canção: “Mas é a que a gente têm, aí a gente agradece”.

Sendo assim, reconhecemos a potencialidade na experiência da conquista da casa, do conteúdo do abrigar a si mesmo e os seus, e sabendo que agora podem ter um mínimo de conforto, já que não pagam mais aluguel. Entretanto, é preciso evidenciar outros e novos sentidos atribuídos pela casa do Nova Caiçara, a casa que é um apartamento, que fica em blocos, que está em um território dominado por uma facção e com muito lixo e depredação nos ambientes externos. Esses novos sentidos parecem abrigar um misto de experiências potencializadoras e despontencializadoras com esta casa, disparando assim conteúdos ligados a questões que aparentam não estar no campo de suas consciências, e é aí que encontramos os conteúdos subjetivos da desigualdade social, a dialética exclusão/inclusão e as expressões do sofrimento ético político.

Pensando em todos esses diálogos que construímos na análise dos resultados, entendemos que há uma construção social em que a realização de sonhos passam evidentemente por uma sensação de realização, (realizei um sonho, então está tudo ok!) De fato, a conquista pela casa própria é potencializadora e aparece nos instrumentos utilizados nesta pesquisa. Entretanto, a vida verticalizada que retrata de um processo histórico de segregação sócio espacial, aplicado na estrutura arquitetônica do conjunto habitacional Nova Caiçara, além do medo e vigília vivenciado pelos moradores, essas são experiências vividas como despontencializadoras. Nesse sentido é possível perceber o movimento despontencializador capaz de fazer os moradores “abandonarem” seu sonho de ter a casa própria ou pelo menos, pensarem sobre essa possibilidade.

Desse modo, percebemos que os indicativos despontencializadores de contrastes dizem respeito a relação com o bairro, com o medo das facções, com o descuido do lixo e das áreas comunitária, mas não da relação pessoa-casa, que temos, presente em todos os mapas, como um presente afeto de Agradabilidade e/ou Pertencimento para com as suas casas.

Dentre os resultados, observamos que ao longo das aplicações do IGMA podemos perceber que, à medida que dávamos a possibilidade para as mulheres pensarem além da sua luta pela sobrevivência, no qual estamos entendemos como a conquista da casa própria e o movimento de realização de um sonho, as mesmas iam conseguindo ver outros aspectos importantes sobre essa moradia. O que podemos conjecturar que, em muitos momentos, nem tinham tido ainda condições de olharem para tais questões. Este estudo, portanto, pode tornar-se disparador de algumas reflexões para essas mulheres e de algumas reflexões para a Psicologia e a própria política, tais como: Sobre quando elas podem sonhar ou reclamar? Quando podem ir além? Quando as experiências dos seus cotidianos serão pautadas?

Por fim, acreditamos que foram alcançados, os objetivos referente a esta pesquisa, mesmo havendo a sensação de que haviam diversas maneiras de aprofundar os achados. Contudo, ousamos dizer que o encontro com as mulheres moradoras do Residencial Nova Caiçara e a produção de conhecimentos que geraram essa pesquisa foram construídos a partir do compromisso e do afeto, numa tessitura coletiva e amorosa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Claudia Nunes. Identidade do lugar e memória: o papel do afeto na preservação e uso de espaços públicos. In: FÓRUM HABITAR, 4., 2017, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2018. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/habitar/72809-identidade-do-lugar-e-memoria---o-papel-do-afeto-na-preservacao-e-uso-de-espacospublicos/>. Acesso em: 13 maio 2019.
- AZEVEDO, Sérgio de; ANDRADE, Luís Aureliano Gama de. A trajetória recente da política de habitação popular. In: Azevedo, Sérgio de; Andrade, Luís Aureliano Gama de. **Habitação e poder: da Fundação da Casa Popular ao Banco Nacional de Habitação** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011. p. 69-96. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/xnfq4>. Acesso em: 13 maio 2019.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARÓ, I. M. **Accion e ideologia: psicología social desde Centroamérica**. San Salvador: UCA Editores, 1990.
- BARROS, Antonio Texeira de. Público e privado na cultura brasileira: da casa-grande aos dias atuais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 31, n. 2, p. 92-116, 2000.
- BARROSO, Carmen. **Mulher, sociedade e estado no Brasil**. São Paulo: UNICEF: Editora Brasiliense, 1982.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRANDÃO, Israel Rocha; BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz (org.). **Os jardins da psicologia comunitária: escritos sobre a trajetória de um modelo teórico vivencial**. Fortaleza: Pro Reitoria de Extensão da UFC: Abrapso, 1999.
- BRANDÃO, Israel Rocha; ARAÚJO, José Edvar Costa de (org.). **Educação contextualizada**. Fortaleza: Editora Caminhar, 2015.
- BRANDÃO, Carlos Antonio Leite. Habitabilidade e bem estar. In: SEMINÁRIO SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA, 2. 2005, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2005.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Habitação. **Cartilha da Política Nacional de Habitação**. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/imagens/stories/ArquisSNH/ArquivosPDF/4PolíticaNacionalHabitaçao.pdf>. Acesso em: 29 set. 2016.
- BOCK, Ana Mercedes Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchinha; FURTADO, Odair (org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz. Afetividade de ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, J. P.; GUNTHER, H. (org.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz; NOBRE, Bruno Halysom Lemos; FERREIRA, Thais Leite Moraes; ARAÚJO, Lívio Marcio Albuquerque; FEITOSA, Maria Zelfa de Souza; MARTINS, Ana Kristian Silva et al. Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In: GARCIA-MIRA, Ricardo; DUMITRU, A. (ed.). **Urban sustainability: innovative spaces, vulnerabilities and opportunities**. A Coruña: Deputación da Coruña: Instituto de Investigación Xoan Vicente Viqueira, 2014. p. 131-148.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas sobre uma Teoria Performativa de Assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa**: métodos quantitativo, qualitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas et al. **Psicologia social comunitária**: da solidariedade à autonomia. 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CARVALHO, Aline Werneck Barbosa; STEPHAN, Italo Itamar Caixeiro. Eficácia social do Programa Minha Casa Minha Vida: discussão conceitual e reflexões a partir de um caso empírico. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 283-307, abr. 2016.

COSTA, M. Cleia Lustosa; PEQUENO, Rento; PINHEIRO, Valéria. **Fortaleza**: os impactos da Copa do Mundo de 2014. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução de Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. Edição Bilingue Latim-Português.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. Porto alegre: Globo, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

FRANCO, Renato Ferreira. **Habitar a cidade**: a (re)construção de espaços de habitação para exinternos de um hospital psiquiátrico e sua importância para a produção de subjetividade. 2012. 165 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FRANCO, Renato Ferreira; STRALEN, Van. O espaço de habitação e sua importância para a produção de subjetividade. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v.18, n. 3, p. 402-419, 2012. ISSN 1677-1168. Disponível em: <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9563.2012v18n3p402>. Acesso em: 13 maio 2019.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit habitacional no Brasil 2015**. Belo Horizonte: FJP, 2018.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Noções de psicologia comunitária**. Fortaleza: Viver, 1994.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Psicologia comunitária. In: SILVA, M. F. S.; AQUINO, C. A. B. (org.). **Psicologia social**: desdobramentos e aplicações. São Paulo: Escrituras, 2004. p. 137-161.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Psicologia comunitária**: atividade e consciência. Fortaleza: Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Saúde comunitária**: pensar e fazer. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

GROSTEIN, Marta Dora. MetrÓpole e expansão urbana a persistência de processos “insustentáveis”. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 13-19, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. Segunda Reunião de Darmstadt, 1951. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. São Paulo, [20--]. Disponível em: http://www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf. Acesso em: 10 maio 2011.

KLINTOWITZ, Danielle. Por quê o Programa Minha Casa Minha Vida só poderia acontecer em um governo petista? **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 165-190, abr. 2016.

LANE, Tatiana Maurer Sílvia. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, Sílvia Tatiana Maurer; SAWAIA, Bader Burihan. **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense: Educ, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Deyseane Maria Araújo; BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz. Vinculação afetiva pessoaambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico**, Porto

Alegre, v. 40, n. 4, p. 491-497, out./dez. 2009.

LOUREIRO, C. F. B.; FRANCO, J. B. Aspectos teóricos e metodológicos do Círculo de Cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em educação ambiental. **Revista Ambiente & Educação**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Os Pensadores).

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 21-33, out. 2000.

MARICATO, Ermínia. O impasse da política urbana no Brasil. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Acción e ideología-psicología social desde Centroamérica**. 11. ed. San Salvador: UCA Editores, 2001.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Otávio Cruz Neto Romeu (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MONTERO, Maritza. **Hacer para transformar: el metodo em la psicologia comunitária**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MORAES, Cátia. **Dona de casa: a profissão invisível**. Campinas: Unicamp, 1997.

MOTTA, Luana Dias. **A questão da habitação no Brasil: políticas públicas, conflitos urbanos e o direito à cidade**. 2014. Disponível em: http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wpcontent/uploads/2014/04/TAMCMOTTA_Luana_-_A_questao_da_habitacao_no_Brasil.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.

MOSER, Gabriel. A psicologia ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 1/2, p. 279-294, 2005.

MOSER, Gabriel. **Indivíduo & ambiente: uma introdução a psicologia ambiental**. 2016. Disponível em: <https://psiambiental.files.wordpress.com/2016/05/moser-cap-01.pdf>. Acesso em: 13 maio 2019.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e

trabalho. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 21, n. 1, p. 69-86, 2009.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. In: SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1., 2010, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

POL, Emic. La apropiación del espacio. In: INIGUEZ, L.; POL, Emic. (org.). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Monografies sócio-ambientais, 1996.

PRADO JR., Caio. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

PROSHANSKY, H.; FABIAN, A.; KAMINOFF, R. **Appropriation et nonappropriation (misappropriation) de l'espace**. [s.l.:s.n.], 1976.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RISÉRIO, Antonio. **Mulher, casa e cidade**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2000.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Território e sociedade no início do Sec. XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Luciana da Silva. **Profissão: do lar**. A (des)valorização do trabalho doméstico como desdobramento da (in)visibilidade do feminino. 2008. 158 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SAWAIA, Bader Buhian. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, set./dez. 2009.

SEGAUD, M. **Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar**. Tradução de Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2006.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo/Rio de Janeiro:

Difel,, 1983.

VASCONCELOS, Naumi A. Qualidade de vida e habitação. In: CAMPOS, F. H. R. (org.). **Psicologia social comunitaria, da solidariedade e autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

VIANA, Larissa. **O controle social informal exercido pelas facções criminosas alocadas no município de Fortaleza**. Disponível em:

<https://jus.com.br/artigos/63550/ocontrolesocial-informal-exercido-pelas-faccoes-criminosas-alocadas-no-municipio-defortaleza>. Acesso em: 13 maio 2019.

VIEIRA, Emanuel Meireles; XIMENES, Veronica Moraes. Atividade comunitária e conscientização: uma investigação a partir da participação social. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 36, p. 91-112, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. In: VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157- 170, dez. 2009.

XIMENES, Verônica Moraes; PAULA, Luana Rêgo Colares de; BARROS, João Paulo Pereira. Psicologia comunitária e política de assistência social: diálogos sobre atuações em comunidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 29, n. 4, p. 686-699, dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000400004>. Acesso em: 16 jan. 2019.

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “**CASA: O SENTIDO DE HABITAR PARA MULHERES BENEFICIADAS PELO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA/SOBRAL-CEARÁ**”, Os dados obtidos nesta investigação servirão à construção da dissertação de mestrado da pesquisadora **BÁRBARA BEZERRA DE BARROS MELO**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a orientação da professora Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim. A pesquisa não dá direito a qualquer retorno financeiro ao participante, no entanto oferecemos como benefício os resultados obtidos de modo a contribuir com reflexões sobre a temática abordada.

Caso aceite, você participará de duas atividades. Na primeira, você participará de um Círculo de Cultura, que é uma espécie de roda de conversa sobre a importância da aquisição desta casa para sua vida. Na segunda, você preencherá o Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos, no qual é solicitado que você elabore um desenho e, em seguida, responda algumas questões relacionadas a temática. Ressaltamos que seu nome não será identificado em nenhuma das atividades, bem como não serão fornecidas informações a terceiros que possam lhe identificar. Assim, seu nome não será citado na dissertação, artigos, relatórios ou qualquer outro meio de divulgação da pesquisa.

A aceitação ou recusa em participar desta pesquisa não acarretará qualquer contratempo, desconforto ou prejuízo físico, mental ou material a você. Você também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, solicitando que suas informações sejam retiradas, sem que isto implique qualquer prejuízo para você. Além disso, você terá acesso, a qualquer momento, às informações relacionadas à pesquisa. Em caso de dúvidas e desistência, você poderá entrar em contato com o pesquisador por meio do e-mail barbara.bezerra@hotmail.com, pelo telefone (88) 9.9746-0597 ou pela Coordenação do Mestrado Acadêmico em Psicologia da UFC, situada à Avenida da Universidade, 2762 – Benfica, CEP: 60.020-180, telefone: (85) 3366-7661 ou (85) 3366-7651.

Caso aceite participar, solicitamos que assine esse documento, que será expedido em duas vias, ficando uma com o pesquisador e outra com você.

SOBRAL, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Bárbara Bezerra de Barros Melo
Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B - INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS

Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou de sentir a sua casa.

1. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.

1.1 Explique brevemente o sentido que o desenho tem para você:

1.2 Descreva que SENTIMENTOS o desenho lhe desperta:

1.3 Escreva seis palavras que resumam seus SENTIMENTOS em relação ao desenho:

- a. _____
- b. _____
- c. _____

- d. _____
- e. _____
- f. _____

2. Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre a sua casa. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

2.1 Caso alguém lhe perguntasse o que pensa da sua casa, o que você diria?

2.2 Se você tivesse que fazer uma comparação entre a sua casa e algo, com o que você o compararia?

3. Comente sobre como é a relação com seus vizinhos.

4. Dados sociodemográficos:

Idade:	Sexo: Masculino () Feminino ()
Profissão:	
Naturalidade:	
Tempo de residência:	
Quantas pessoas moram na casa:	
Como era sua antiga casa, Alugada, Coabitação?	

5. Pensando na sua Casa:

5.1 Qual é a importância dessa casa para você?

5.2 O que a conquista dessa casa mudou na sua vida?

5.3 O que é mais importante para você na sua casa e no Nova Caiçara?

5.4 Você sairia daqui? Por que?

APÊNDICE C - DIÁRIOS DE CAMPO

Diário 1 - Dia 20/03

Primeira ida a secretaria de direitos humanos, habitação e assistência sócia. Já havia feito algumas tentativas de ida à secretaria, mas não haviam sido efetivados. Mas nessa tarde decidi que iria ao serviço iniciar minha pesquisa. Fui recebida muito bem. A maior parte da equipe da habitação não estava, entretanto quem eu estava procurando estava lá disponível e atenciosa com a minha demanda. Como a maior responsável pelo serviço, a profissional me ouviu, sugeriu formas de iniciação ao campo e se disponibilizou a ajudar.

Foi muito melhor do que eu esperava. O cenário da secretaria não está dos melhores, por uma questão burocrática, muitos profissionais terão seus contratos encerrados e não serão mais contratados. Ficando visível uma onda de tristeza e desestimulação com o trabalho. E como foi sugerido a mim: “faça logo o que tem pra fazer, pois daqui um mês será inviável”.

A psicóloga do serviço se colocou a minha disposição, inclusive para ser entrevistada sobre os conteúdos da territorialização. Quando expliquei sobre como seria a pesquisa, perguntando sobre os grupos, avisaram que no momento estão sem nenhuma atividade de grupo, porém me indicaram 2 quadras na qual as mulheres eram mobilizadas e participantes e também mencionaram sobre a facilidade de estar naquela quadra. Mencionaram sobre não achar prudente eu andar lá sozinha nem entrar com meu carro. E já foram se disponibilizando a estarem presentes nesse momento. Com o carro da secretaria e com a ajuda para convidarmos essas mulheres a participarem da pesquisa. E por fim, marcamos o próximo encontro para as técnicas irem comigo fazer o convite para o primeiro encontro da pesquisa. Me despedi das profissionais e saí muito mais tranquila.

Diário 2 - Dia 26/03

Fui ao encontro das técnicas da habitação como foi combinado. Diferentemente do 1º encontro não me senti acolhida, nem bem vinda. Como se estivesse dando trabalho. E foi aí que eu percebi, como pesquisadora, que a minha pesquisa se encontrava na dependência de algumas questões dos quais não tinha controle. Parece um pouco óbvio, mas não foi bom perceber isso.

Passei por volta de 30 minutos para iniciarmos a conversa. A proposta da entrevista não foi possível por conta do horário. O objetivo desse encontro era a entrevista com a psicóloga sobre a territorialização e o planejamento com as 2 assistentes sociais sobre a ida ao novo caiçara para convidar as mulheres para o primeiro encontro e onde será.

Elas me mostraram a lista que constava 25 mulheres. Essa lista foi criada por elas a partir dos nomes que se encontravam na lista de presença das atividades que haviam acontecido naquela quadra. A quadra é a 9. Tal quadra foi escolhida baseada nas falas da equipe sobre participação, liderança e facilidade de acesso a ela. Marcamos o dia da ida ao conjunto nova caiçara para fazer o convite e a reunião foi encerrada.

Diário 3 - Dia 28/03/19

A equipe do trabalho técnico social está realizando uma assembleia de encerramento do projeto para as primeiras entregas, no caso de 444 + 408 e 256 unidades habitacionais. O

dia é hoje, e eu fui! Fiquei interessada em ir por alguns motivos, entre eles: a minha reaproximação do campo, reencontrar algumas mulheres que visitei por diversas vezes e pelo reconhecimento do trabalho feito pelas técnicas. Quando me comunicaram, aceitei na hora. A assembleia aconteceu em uma escola dentro no nova caiçara, da qual eu não conhecia. Cheguei as 18h30h como sugerido, fui com os vidros abertos. Durou 2 hrs. Aconteceu uma apresentação cultural, exibição de um vídeo sobre o nova caiçara realizado pela habitação, depoimentos e sorteio de brindes para as mulheres e crianças. É, mulheres. Pois em um grupo de 75 só haviam 4 homens.

A equipe está encerrando uma pesquisa de satisfação nos moradores da qual me interessei a ter acesso. Cujo pedido está sendo oficializado por uma carta de anuência, com a assembleia encerra o trabalho social com esses moradores, o que emocionou os técnicos ao se despedirem, embora a fala do “estamos por perto” tenha sido enaltecido. Diante do que vejo, o que se presentifica em minhas sensações é muitos afetos construídos entre profissionais e moradores, apesar de não sentir um pesar por esse encerramento reencontrei algumas mulheres falei da minha pesquisa e saí do nova caiçara vendo de novo muitas belezas entre um mar de prédios.

Diário 4 - Dia 01/04/19

Fui para a secretaria de direitos humanos, habitação e assistência social (SEDHAS) como planejado. Para hoje, pretendia fazer entrevista com uma técnica da equipe da habitação para utilizar informações para territorialização. E em seguida, iríamos para o residencial nova caiçara fazer o convite para as mulheres para o 1º encontro da minha pesquisa, onde seria aplicado os mapas afetivos. Chegando lá, fui informada que a técnica que me acompanharia nessa missão estava adoentada e estaria por 15 dias afastada em licença de saúde. Levei um balde de água fria. Fiquei congelada por segundos. Precisaria de um plano b, teria que mapear outra área, no caso, outra quadra para desenvolver minha pesquisa, pois não seria possível me inserir no campo sem a facilitação de uma técnica da equipe.

Mais uma vez fui informada que com o encerramento do projetos, as atividades estavam paradas, por conta da pesquisa de satisfação entre outros motivos. Precisava começar do zero denovo. Conversando, escolhi mais uma vez uma nova quadra. A escolha mais uma vez é em detrimento da disponibilidade do técnico da acessibilidade da quadra e da mobilização dos moradores. Agora iremos para as quadras 11 e 12. Lá em um outro momento que estava acontecendo uma atividade os moradores eram bem participativos. Inclusive havia um grupo de mulheres. Decidimos então fazer lá. Ficamos de ir ver as condições do centro de convivência, onde aconteceriam os dois encontros da pesquisa. E para o dia 10/04 iremos fazer o convite e no mesmo dia a noite termos o encontro. A equipe já estava se organizando, planejando para retomar as atividades sociais então decidimos juntar as forças. Convidaríamos as mulheres para um encontro onde inicialmente os técnicos conversariam sobre a proposta de reunir o grupo de novo e recolher temas e propostas para os encontros e em seguida eu aplicaria o instrumento. Fiquei um pouco confusa sobre essa união, mas senti que poderia também ser potente. Fechando esse planejamento, fiz a entrevista com a técnica e me despedi.

Diário 5 - 09/04/19

Está claro pra mim, que estou correndo contra o tempo. Todo o meu atraso surge em um nervosismo de fazer dar certo. E, perceber que o campo não está tão aberto pra mim como eu esperava, é frustrante. Mas agora me vem essa enorme vontade de encontrar algumas mulheres do Nova Caiçara e compreender o que passei pelo menos 1 ano e meio me perguntando e estudando: será a casa um elemento tão existencial assim? Quais são os afetos que essas mulheres têm por essas casas? Perguntas, essas, não saem da minha cabeça. Como para amanhã está marcado o meu primeiro dia de ida ao Nova Caiçara para aplicar o instrumento, achei interessante ir na secretaria saber se estava tudo ok para a minha ida.

Chegando lá fui ao encontro da técnica que está me auxiliando no planejamento e comunicação com a minha inserção ao campo. Ao conversar com ela, percebi que por questões internas, seria possível que as técnicas que me acompanhariam até o NC não pudessem ir por conta do carro.. E falou de adiar mais uma vez. Muito preocupada, disponibilizei meu carro para irmos, e a mesma questionou quanto a questão de segurança, da não identificação da prefeitura, mas também sobre o fato de se for de manhã, teria que ir de noite também. A questão da segurança já havia sido mencionada antes. E, claro, eu tinha meus receios, mas já não havia outra possibilidade. Porém, não senti abertura para isso. Decidimos deixar o dia de amanhã chegar e descobriremos o que fazer. Saí arrasada. Com a sensação de mais uma vez me distanciar da minha inserção no campo. Fiquei sentindo isso, e percebi que preciso pensar novos planos, outras possibilidades. Liguei pra minha orientadora, porque senti que sozinha não conseguiria decidir tais mudanças. Conversamos e eu entendi que caso amanhã não desse certo, um novo plano precisaria ser aplicado. Permaneceria com a ideia de fazer mapas afetivos em grupo ou partiria para aplicações individuais, de casa em casa?

Diário 6 - 10/04/19

Como havia combinado, cheguei 8h15 e estava tudo incerto. Não sabia se teria carro para levar a equipe, e nesse sentido, não sabia se seria possível fazer a atividade hoje a noite. Com a conversa que tive ontem a noite com a técnica que está me dando suporte na logística e planejamento da inserção, hoje nós mobilizaríamos as lideranças femininas para participar do retorno ao grupo de mulheres, com o objetivo de recolher temas de interesses delas para ser trabalhado no grupo, e também eu convidaria as mulheres a participarem da minha pesquisa. Então de manhã eu iria junto com a equipe para convidar as mulheres a participarem da minha pesquisa e a noite, posteriormente ao momento de retomada do grupo de mulheres, eu assumiria a voz e pediria que ficassem as mulheres que tivessem interesse de participar da minha pesquisa. Ontem, quando descobri a possibilidade de não ter carro e de assim, cancelar esse momento, já comecei a me angustiar, essa já era a minha terceira tentativa de iniciar as aplicações. E também, quando imaginava a concretude do momento me incomodava ligar, de alguma forma, à minha pesquisa a essa atividade da prefeitura. Nesse sentido, já estava começando a planejar um plano B. Bom, retomando minha ida a secretaria... ao chegar lá. Soube que o carro estava disponível, mas algo de novo apareceu. A atividade de noite seria a discussão sobre a questão da energia e as problemáticas que os beneficiários reivindicavam. Ao saber disso, reconheci que não haveria a possibilidade de juntar a minha pesquisa com essa atividade. Assim, decidi reorganizar a metodologia dessa primeira etapa da pesquisa, e agora, em vez de um grupo de mulheres, faria as aplicações do IGMA individualmente com as mulheres, indo de casa em casa, e como escolha do perfil dessas mulheres, seria pela indicação por parte da técnica quanto a participação no grupo de mulheres que acontecia.

Sáimos por volta das 9h e fomos a caminho do residencial Nova Caiçara. Chegando lá, nos dividimos em dupla, os técnicos foram mobilizar para a atividade de hoje a noite, e eu fui com a técnica que me acompanharia nessas visitas. Pela manhã fizemos 4 aplicações, fomos em mais 2 casas de mulheres que não estavam em casa. Me senti muito bem. Senti que agora a pesquisa tinha começado. E também fiquei feliz por ter varias dessas mulheres que lembravam de mim. Optei por fazer a pesquisa em uma única quadra, que tem 10 blocos, em média 120 apartamentos. A escolha por essa quadra foi pela disponibilidade da técnica em me auxiliar, mas também pelo fato de que lá acontecia um grupo de mulheres bem participativo. A noite seria a atividade da equipe da prefeitura sobre as questões acerca da energia, mas como não consegui atingir as 5 aplicações que eu queria, combinei de ir também, com o intuito de me aproximar, conhecer as mulheres e se desse, aplicar mais um IGMA.

10/04/19

A noite

Fomos ao NC as 18h. chegamos na quadra que aconteceria a reunião. Estacionamos o carro em frente ao bloco em que foi marcado o encontro. Não tinha ninguém, e as técnicas foram mobilizar novamente, como é de costume, conforme eles comentaram. Enquanto isso, fiquei lá em frente ao bloco esperando as pessoas chegarem e aproveitando para conversar e conhece-las. A técnica que está me auxiliando nas visitas me contou que nesse bloco havia uma liderança que participaria do grupo de mulheres, e aí decidimos ir no seu apartamento. Como a reunião não havia começado, eu me apresentei, expliquei e a convidei a participar da minha pesquisa. Foi ótimo. Consegui fazer a aplicação do mapa afetivo com uma mulher e convidei outras a participarem, quem aceitou eu marquei de fazê-las visitas. Terminando a reunião, fomos para casa.

Diário 7 - 15/04/2019

Pela manhã

Hoje retomamos a ida ao Nova Caiçara para continuar a aplicar o IGMA. Venho percebendo que durante as aplicações aparece muitas demandas, emoções, choros, que geralmente falam das dificuldades que as mulheres passam ou passaram e por conta disso, a duração de cada aplicação dura em torno de 40 minutos. Outro elemento que venho percebendo é uma certa repetição nas respostas do instrumento, além de muitas respostas sucintas. Nesse sentido, optei por reduzir o número de participantes de 15 para 10, no intuito de aprofundar no segundo momento, o da roda de conversa. Temas que circundam meus objetivos. Assim, poderei buscar aprofundar as conversas. Até agora fiz 5 mapas e hoje farei mais 5, por conta da limitação de conseguir carro que leve os técnicos até o Nova Caiçara, pedi permissão a secretaria para levar uma técnica no meu carro para o NC, assim poderei dar encaminhamento a minha pesquisa. E foi isso que aconteceu. Peguei a técnica que está me acompanhando nas visitas, na qual ela tem uma lista de mulheres que participavam do antigo grupo de mulheres. Fizemos três entrevistas. Em uma delas demoramos bastante. Muitas emoções que foram deflagradas pelo instrumento. Questões relacionadas a sua solidão e conflitos com um filho usuário de drogas. Quando terminamos as 3 entrevistas já era 11h15, ainda iríamos procurar a quarta, mas percebemos um certo movimento que nos deixou inseguras. Um rapaz que é conhecido por envolvimento nas gangues não respondeu o nosso bom dia, e para a técnica isso era sinal de que estava na

hora de irmos embora. Eu, claro, segui as instruções. Não é a primeira vez, nessas últimas idas ao Nova Caiçara, que experimento sentir medo.

15/04/2019

Pela tarde

Como não consegui atingir minha meta de fazer 5 mapas afetivos pela manhã, desejo esse inspirado pela disponibilidade da técnica e pela intenção de fazer a roda de conversa na quarta à noite, optei por acompanhar as técnicas numa pesquisa de satisfação dos beneficiários do tempo de moradia, seria em outra quadra, logo ao lado de onde eu já havia feito 8 aplicações, então não achei que seria um problema. Acompanhei as técnicas e as 16h30 chegamos no Nova Caiçara. Chegamos e nos dividimos em bloco, eu fiquei com uma dupla, entre elas a técnica que vem me acompanhando. Na pesquisa de satisfação que a equipe estava aplicando percebi que haviam perguntas que se aproximavam das minhas questões, tais como: se elas gostavam de morar ali, se sairiam de lá, e da satisfação da estrutura do apartamento. Entretanto, senti que os beneficiários no automático respondiam estarem satisfeitos, embora trouxessem incômodos em relação a estrutura, como piso, abastecimento de água e problemas na iluminação. A questão da propriedade da casa era inabalável. O que pareceu se repetir nos mapas. O que parece tão impenetrável quanto ao sonho realizado de ter sua casa própria. Qualquer problema é menor do que a “oportunidade” de ter sua casa própria. Fico me perguntando que sensação é essa de ter algo no seu nome, algo para chamar de seu. Qual conteúdo existencial é esse? De posse? De uma necessidade primitiva? Acompanhei toda a pesquisa de satisfação e só na última visita, senti que a beneficiária toparia participar da minha pesquisa. Achei ela comunicativa e disponível a participar do segundo momento, que para mim, nesse momento, se tornou prioridade. Terminei a aplicação do mapa e fomos embora. Como não havia conseguido fazer as três aplicações que faltavam, seria necessário atrasar o momento da roda de conversa.

Diário 8 - 22/04/2019

Hoje é segunda-feira e comecei a semana acreditando que terminarei a pesquisa de campo. Estarei indo ao Nova Caiçara hoje pela manhã para fazer as últimas duas aplicações do instrumento. Mais uma vez não me sinto tão segura em ir sozinha, e pedi que a técnica me auxiliasse nessas visitas. Chegamos no Residencial de 08:40 e fomos às visitas. As 4 primeiras pessoas que fomos na casa, não estava, e a 5ª estava com dor de dente e disse que não poderia participar da pesquisa. Comecei a ter a sensação de que não conseguiria fazer os mapas mais uma vez, mas não foi isso que aconteceu. Fomos em um bloco, e lá consegui aplicar o instrumento com 3 mulheres. Não só 2, mas 3. A primeira foi bastante receptiva. Nos recebeu de toalha enrolada no corpo e enquanto conversávamos, foi separando o feijão, mas antes desligou a televisão que estava naqueles programas de notícias bem violentas. Ao terminar com ela, optei por perguntar a ela se ela saberia dizer de mais alguma mulher que morasse no bloco dela que gostaria de participar da pesquisa, ela disse o nome de duas e já foi comentando que seria legal porque na roda de conversa elas iriam as 3. E foi o que aconteceu. Apliquei os mapas afetivos nas 3 e ficou pré-combinado essa ida delas juntas. Saí do Nova Caiçara bem mais leve de como eu cheguei.

Diário 9 - 25/04/19

Hoje é o dia da Roda de conversa. O combinado inicial era pra ter sido ontem, mas houve um problema no carro da prefeitura, a equipe que iria pra fazer uma atividade lá, não iria mais e a técnica que me acompanharia na roda de conversa achou que não seria uma boa estarmos lá sozinhas. A Roda de conversa será no comecinho da noite, pela indicação das próprias mulheres sobre o melhor horário. Sendo a noite e estando só nos duas dentro do Nova Caiçara, também fiquei um pouco medrosa. Por varias vezes as idas ao campo me senti com medo, medo pelo que podia acontecer, pois já aconteceu. Embora não ache uma boa a roda de conversa ser na quinta-feira, pois entendo que já é o comecinho do fim de semana e uma aproximação com momentos mais festivos e com isso, bebidas e outras coisas, achei que não era o melhor, porém, também entendi o lado de estarmos “descobertas”. Assim fiz, e marcamos a roda de conversa para hoje. De 17:30. Das 12 mulheres que participaram do primeiro momento da pesquisa, apenas uma disse que não toparia o momento da roda de conversa, sendo assim, teríamos a possibilidade de contar com 11 mulheres para a roda de conversa. O que considero um bom numero. Embora o processo de decidirmos o local ter sido com alguns conflitos, adorei a ideia de ser na casa de uma mulher participante da pesquisa, pois assim daríamos mais sensação de casa ainda. Foi ela que convidou para que esse momento acontecesse lá. Quando digo que esse momento da escolha do local foi conflituoso, é porque uma mulher ao término da aplicação do mapa afetivo, quando eu comentei da roda de conversa e mencionei que seria lá na casa da entrevistada, ela não gostou. Comentou que não queria que fosse lá. E já foi propondo outros lugares. Outra mulhere, já não se mostrando muito disponível para participar da aplicação do IGMA, optei por explicar como seria as duas etapas da pesquisa e já comentei onde seria possivelmente o local, e ela já foi dizendo que se fosse lá não iria. Dessa forma percebi que ser na casa de alguém colocaria essa situação como possível. Entretanto as outras possibilidades não me agradavam pois, uma era na entrada de um bloco, tipo o pátio do apartamento, e a outra era em um apartamento que havia sido abandonado e que uma das mulheres que havia entrevistado estava com a chave. A proposta de ser na casa de alguém sempre me agradaria mais, e os conflitos, é...apareceram e poderiam aparecer, mas achei que essa era a nossa melhor escolha. E foi assim, desde hoje de manha que ligo para as mulheres convidado-as para esse momento. Digo a hora e local e digo também que oferecerei um lanche para elas em agradecimento à sua participação. O que pra mim é uma grande verdade. Das 11 mulheres cosengui falar com 6. Uma delas se disponibilizou a falar com mais duas, que morava no seu mesmo bloco. Falou assim: “ Você já ligou para as outras meninas, aí eu disse que não, então ela disse: pois não ligue não, pode deixar que eu mesmo convido elas, e a gente vai todo mundo juntas.” Achei ótimo! E com a moça dona da casa que iríamos fazer o encontro, liguei de novo e pedi para ela convidar mais duas mulheres que moravam perto do seu bloco. Ela na hora aceitou. Dessa forma, ficou apenas uma mulhere sem que eu tenha conseguido convidar. O plano é chegar la meia hora mais cedo e ir até seu apartamentos e convidá-la.

NA HORA DA RODA

Chegamos no Nova Caiçara em cima da hora, estacionei o carro em frente ao bloco de uma das mulheres que entrevistei, descemos e fomos em direção a casa onde aconteceria a roda de conversa. Me senti bem e sem nenhum traço de medo. Varias pessoas na “ calçada” (espaço entre um bloco e outro que fica sempre com as pessoas sentadas e onde também acontecem reunião, cultos e vendinhas). Chegamos na casa e só tinha a dona da casa, que nos recebeu muito bem, com abraços e sorrisos e com a casa bem limpa,

organizada e já com algumas cadeiras. Em menos de 5 minutos já chegaram mais duas mulheres. Adorava recebê-las. A cada chegada um abraço e um agradecimento pela sua presença. De 09 mulheres que convidamos, pois 2 não consegui ligar e uma já havia dito que não queria participar, 6 compareceram. E outras 3, logo no começo quando as mulheres foram chegando, se sentaram e ali ficaram. Mesmo eu explicando que ali era a continuação de um momento, elas não quiseram sair, achei que esse posicionamento delas merecia ser respeitado. Eu estava na casa delas, não fazia sentido pedir para elas saírem. Começamos as 18hs e terminamos as 19hs e com a finalização da conversa, ofereci um lanche para elas com salgadinhos, refrigerante e chocolates. Elas mesmas foram se organizando, distribuindo os lanches e depois fizeram uma fila para distribuição para as crianças. Além de várias pessoas que apareceram na janela pedindo um pouquinho. O grupo fluiu bastante. Cada pergunta que fazia a elas, iam logo falando, brincando, uma delas assumiu o gravador e ficava andando com ele de um lado para o outro. Houve uma troca de ventiladores, porque o primeiro que tava ali, estava fraco. Preparei 8 perguntas para fazer, e entre uma e outra fui adicionando outras questões que apareciam. Coloquei para que elas ficassem a vontade quanto a se expressar e também a fazer perguntas umas para as outras. É fato que elas se repetiam, uma de certa forma, reforçava o que a outra falava, mas também houve contradições, discordâncias e dúvidas. De todas as questões que eu trouxe, a que me chamou mais atenção quanto a reação delas foi sobre o que de fato, já me preocupava um pouco, no caso, a 3º pergunta sobre “violência”. Comentei que durante que durante a aplicação do mapa afetivo, teve um questão que apareceu, de diferente formas, algumas vezes, e que eu gostaria de compreender melhor com elas o que significava, que era “Dentro de casa é tudo ótimo, mas já do lado de fora...” e pedi para que elas falassem. Houve um silêncio. Elas se olharam. Percebi um certo impasse. E aí começaram a falar da violência de uma forma diferente do que elas haviam dito na conversa durante o mapa afetivo. Tive a sensação que elas não queria expor seus medos. Por medo de quê exatamente eu não sei, mas senti que elas se contradisseram quando comentaram que a violência quase não aparecia mais, que a pior questão que acontecia fora de casa era a questão do lixo, da falta de limpeza das pessoas, do cheiro ruim do esgoto. Se puseram a falar mais de questões estruturais e de comportamento quando a limpeza coletiva e individual, no caso a administração do lixo e da limpeza dos corredores. Uma delas até se irritou falando de como haviam pessoas tão “nojentas” e contou situações pela qual passava que a irritava muito. Outras falaram de maneira mais cômica sobre sentir cheiros ruins enquanto comia, entre outras situações. Bom, senti uma sensação muito boa durante a roda de conversa e no final. Sensação de amorosidade pela aquelas mulheres. Nas últimas perguntas, quando busquei investigar comentários e percepções sobre a política de habitação e todo o processo da conquista da casa, senti uma certa expectativa por elas de que eu ajudasse algumas daquelas reclamações que elas traziam. Fiz questão de explicar sobre o meu lugar de não estar ali representando a prefeitura, mas senti que para algumas mulheres isso ficou confuso. Bom, hoje termino minha pesquisa de campo, e a sensação é maravilhosa. Confesso que gostaria de tempo para mais encontros. Senti que elas gostaram muito. Inclusive a técnica da prefeitura que me acompanhou, comentou isso, sobre como ela percebeu o quanto aquelas mulheres gostaram do encontro e de mim. Com isso, até fez uma avaliação e comentário sobre sua atuação dentro do Residencial Nova Caiçara. Acho que por hoje é isso.

APÊNDICE D – Trabalhos e dissertações orientados pelo LÓCUS

Tabela 18 – Trabalhos de Dissertação Orientados pelo Lócus

Dissertações		
Título	Autor	Ano
O desenvolvimento pessoal do educador através da Biodança	Amélzia Maria da Soledade Dias	2003
Relação Família e Trabalho na era da Globalização	Liana de Andrade Esmeraldo Pereira	2003
Ficar ou Partir? Afetividade e Migração de Jovens do Sertão Semiárido Cearense	Karla Patrícia Martins Ferreira	2006
Centro de Fortaleza, Lugar de Transformações: O idoso e os afetos implicados	Fátima Maria Araújo Bertini	2006
Juventude e Afetividade: Tecendo Projetos de Vida pela Construção dos Mapas Afetivos	Daniela Dias Furlani	2007
Biodança e Saúde Percebida: Um Olhar Biocêntrico sobre a Saúde	Kelen Gomes Ribeiro	2008
Afetividade de adolescentes praticantes de Atividades Esportivas	Ricardo Angelo de Andrade Souza	2008
Laços afetivos que (des)ligam famílias, adolescentes e abrigo	Janille Maria Lima Ribeiro	2008
Afetividade e Ambiente Hospitalar: Construção de Significados pelo Paciente Oncológico com dor	Glicia Rodrigues Pinheiro	2009
Afetividade e Ambiente Esportivo: Sentimentos e emoções de Atletas de Alto Rendimento	Livia Gomes Viana	2009
Afetividade de Idosos de Vida Religiosa Consagrada e a Moradia na Casa de Saúde: Projeto de Vida e Processo de Estabilização Residencial	Alexandre Quintela Ponte	2010
ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII do Bairro Vila União: Significados atribuídos pelos jovens na perspectiva da Psicologia Comunitária e da Psicologia ambiental	Deyseane Maria Araújo Lima	2010
Participação Social e Estima de lugar: Caminhos traçados por Jovens estudantes moradores de bairros da Regional III da cidade de Fortaleza pelos mapas afetivos	Helenira Fonseca de Alencar	2011
Afetividade e ambiência do trabalhador em saúde mental: Uma leitura psicossocial dos Cap's de Fortaleza pelos Mapas afetivos	Fabíola Maria Ferreira Félix	2011
Lar Doce Lar?		
Um Estudo Sobre Afetividade De Idosos Residentes Em Instituições De Longa Permanência Em Fortaleza	Ana Caroline Costa Vieira	2012
Estudo Da Afetividade De Moradores Do Centro De Fortaleza-Ce Frente Ao Plano Habitacional Para Reabilitação Da Área Central	Brennand de Sousa Bandeira	2012
A PSICOLOGIA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE Um estudo sobre a atuação da (o) psicóloga (o) na Atenção Primária à Saúde no município de Fortaleza	Emylio Cezar Santos da Silva	2012
O Psicólogo No Ambiente Do Hospital E A Afetividade: Uma Construção De Sentidos Sobre A Morte	Francisca Helena Gadelha de Lima	2013
Título	Autor	Ano

Afetos Em Construção: Narrativas E Processos De Apropriação Do Espaço Pelos Moradores Da Cidade 2000	Lucíola Limaverde Ribeiro	2015
Mapas Afetivos Táteis: Vivências Urbanas Não Visuais Na Cidade De Fortaleza	Ana Kristia da Silva Martins	2015
Relação Afetiva Pessoa-Ambiente Na Prainha Do Canto Verde: Processos De Participação Comunitária	Daniel Welton Arruda Cabral	2015
Liberdade Ou Sofrimento Urbano?		
Um Estudo Da Estima De Lugar De Pessoas Em Situação De Rua	Antonio Fábio Coelho Paz	2016
Projetos De Vida E Estima De Lugar: Um Estudo Com Jovens Adolescentes De Escolas Públicas De Fortaleza/Ce	Debora Linhares da Silva	2016
Afetividade E Acessibilidade: Um Estudo Com Alunos Surdos Em Ambiente Universitário	Diego Menezes Augusto	2016
Estima De Lugar E Implicações Com A Saúde: A Perspectiva Dos Usuários De Um Centro De Saúde Do Nordeste Do Brasil	Elcides Hellen Ferreira Landim Barreto	2017
Juventude, Suicídio E Vida Urbana: Tecendo Relações A Partir Da Estima De Lugar	Ligia Cristina Azevêdo Sousa	2017
Afetividade e implicações psicossociais vividas por moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação em Fortaleza.	Fábio Pinheiro Pacheco	2018

Fonte: Elaborado pela autora (2019).